

REVISTA DA SEMANA

N.º 36

C r \$ 2,00 em todo o Brasil



6-9-47





HOMENAGEM A CAVALEIROS NA ESCOLA PRIMARIA DO JOCKEY CLUB

N O dia 23 de agosto, durante o almoço no Jockey Club Brasileiro, realizou-se uma cerimônia de homenagem aos cavaleiros da Escola Primária do Jockey Club Brasileiro, onde se encontraram os professores e alunos da escola. A cerimônia foi presidida pelo sr. Brício Filho, diretor da escola, assistido pelo sr. capitão Alberto Cunha, capitão da escola, e pelo sr. capitão Alberto Cunha, capitão da escola. A cerimônia foi presidida pelo sr. Brício Filho, diretor da escola, assistido pelo sr. capitão Alberto Cunha, capitão da escola, e pelo sr. capitão Alberto Cunha, capitão da escola.

realizou-se o discurso de Cavaleiros, estudando-o como guerra e como cavaleiros.

Depois disso, o representante do sr. ministro da Guerra, o sr. capitão Alberto Cunha, que discorreu sobre a importância da cavalaria e da cavalaria.

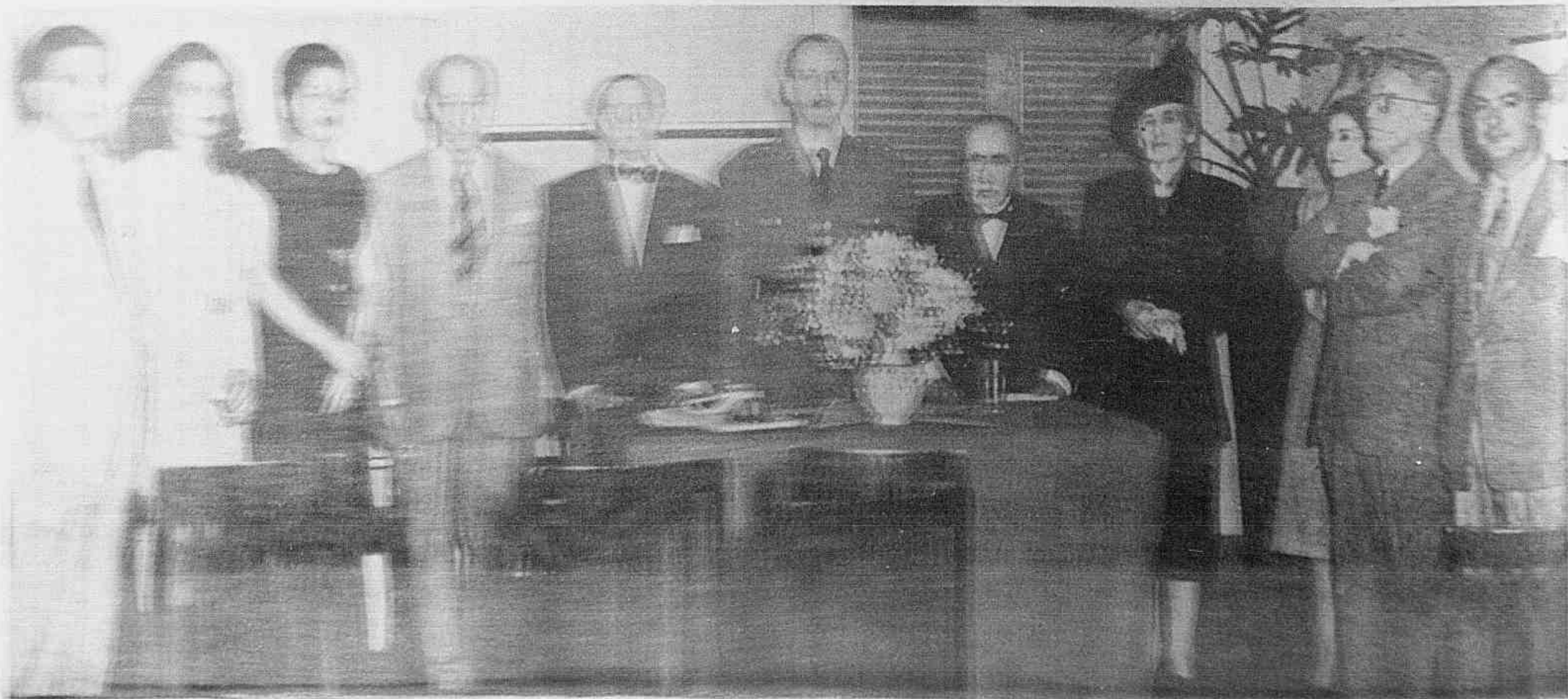
Por fim, foi aprovada a proposta de serem da escola os nomes de Sala Brício Filho e Sala Duque de Caxias, nos dois retintos onde ali funcionam as aulas.

O sr. Brício Filho de Vasconcelos, que presidiu a reunião, encerrou a reunião agradecendo aos presentes e pedindo ao sr. capitão Alberto Cunha que levasse ao sr. ministro da Guerra a afirmação da gratidão do Jockey Club Brasileiro pelo

prestígio que emprestara à solenidade.

Compuseram a mesa, além do sr. Brício Filho, as professoras d. d. Madina Santos, Lea Eugner, Maria Luiza Cavalcanti, Nina Trigueiro, Geographa Brício Filho e os srs. Brício Filho, José Bastos Padilha, capitão Alberto Cunha, Antônio Malinobrico e Leonidas Mendes.

As fotografias que ilustram esta página são da solenidade, e mostram, de alto para baixo: o sr. Brício Filho pronunciando sua conferência; um dos alunos discursando; parte da assistência ao ato e os componentes da mesa quando, de pé, ouviam a execução do Hino Nacional.





O S estabelecimentos de Israelitas, no Rio, cerraram suas portas às 16 horas, segunda-feira, em protesto contra a política dos ingleses na Palestina. Não se pode imaginar protesto mais rápido. Os telegramas dizem que o Ceará caminha para a pacificação... Quer isso dizer que o desembargador Fausto de Albuquerque, o governador udenista, está disposto a rachar o queijo administrativo com os pessedistas... Os batistas, nos Estados Unidos, censuram o presidente Truman pelo seu chamego com o Papa, dizendo que Pio XII representa o "totalitarismo clerical". A União da Mocidade Democrática vai comemorar o aniversário da Constituição... Juventude atrevida! Sempre a mexer com assuntos perigosos... E' capaz de começar a sair pancadaria grossa outra vez, se eles começarem a falar muito em democracia... Os mutilados da FEB assistirão à parada de Sete de Setembro, em honra do presidente Truman. Ovarenta mil homens formarão nessa parada. Em São Paulo, segundo anuncia "O Globo", houve uma grande escândalo com a companhia da atriz Dercy Gonçalves. O juiz de Menores, dr. Ulisses Dória, baixou uma portaria proibindo menores de 18 anos de entrar no Teatro Santana. O juiz descobriu a pólvora... Dercy Gonçalves se gaba de ser sempre imprópria para menores e, assim, arranjou uma reclamação gratuita para os seus espetáculos... Diz-se que o jovem autor de "Escola da Saúde", sr. Josué Montello, está muito incomodado com a reclamação do Glória, que diz: "O Maranhão nunca teve um autor de teatro à altura das suas tradições. Agora tem um: Josué Montello". E isso porque o sr. Josué Montello não só sabe da existência de Gonçalves Dias e de Arthur Azevedo, como ainda ele próprio tem chamado o sr. Viriato Correia, maranhense da gema, de "mestre"... "O Jornal" diz que o PSD fechou a questão em torno dos mandatos dos representantes comunistas. Mas outro órgão da cadeia dos "Diários Associados", o vespertino "Diário da Noite", diz que o partido governista se desinteressará da questão dos mandatos se os comunistas apoiarem a candidatura do sr. Cirilo Junior, líder da maioria, à vice-presidência de São Paulo! Afinal, com quem ficamos? Com Jean qui rit ou com Jean qui grogne? A proposta do presidente dos Estados Unidos, sr. Harry S. Truman, que ora se acha em nossa capital, como hóspede de honra do Brasil, uma biografia oficial lembra que ele exerceu as mais humildes profissões, começando a vida como empacotador de jornais e tendo sido, depois, lavrador, major de artilharia, negociante do ramo de artigos para homens (camisas, gravatas e roupas), juiz do tribunal de Jackson e, em seguida, senador e vice-presidente da República. Essa mesma biografia nos explica, deste modo, o mistério do "S." do nome do ilustre visitante: "A história dos Truman é como a da maioria dos europeus que há um século ou mais vieram tentar fortuna nas jovens terras da América. Família de origem irlandesa, holandesa e escocesa, estabeleceu-se no então mal habitado Estado de Missouri pouco antes de 1850, ali instalando seu rancho e suas lavouras. Nenhum deles enriqueceu, porém, e eis porque Harry S. Truman não pode fazer, como desejava, seu curso universitário. Limitou-se a estudar no ginásio da cidade mais próxima — Independence — onde havia uma biblioteca de cujos livros ele se valia um a um, dos mais simples aos mais difíceis. Sem vocação para a agricultura, saiu de casa aos 17 anos em busca de emprego depois de não ter conseguido ingressar na Academia Militar de West Point por causa da vista. Em Kansas obteve o seu primeiro trabalho num jornal, não como jornalista, mas como empacotador nas oficinas. Trabalhou num escritório de construções, em dois bancos e como lavador de janelas. Era uma vida dura e como o pai o chamasse com insistência para ajudá-lo na fazenda, acabou a ela regressando e nela ficando por mais dez anos, até às vésperas da entrada dos Estados Unidos na primeira guerra mundial. E porque esse S. no seu nome, entre o Harry e o Truman? — não dá para perguntar. Coisas de seus avós. Um era Shippe e outro Salomon. Ambos queriam que o neto se chamasse como eles, e para que se contentassem teve o pai a idéia dessa letra solta, depois do Harry, inicial de Salomon e de Shippe". Acaba de ser revelado que vários nazistas noruegueses que fugiram do campo de concentração de Espeland, na Noruega, vieram dar na ilha de Fernando de Noronha, no Brasil, — e aí foram presos, para serem repatriados para aquele país escandinavo. Um melhoramento nos nossos trens de subúrbios: nele já se pode assistir filmes em série. Ainda outro dia, num trem que vinha de Nova Iguaçu, o indivíduo José Nicácio Filho produziu momentos de emoção e "suspense", matando o passageiro Valdir Tavares da Silva e ferindo gravemente outro, Geraldo Luis dos Santos. Esclarecendo seu pensamento a respeito do Exército Nacional e de sua missão, deturpado num comentário a um jornal estrangeiro, o sr. Tristão de Ataíde (Amoroso Lima), líder da Ação Católica Brasileira e membro da Academia Brasileira de Letras, escreveu um longo e substancioso artigo, que terminou com as seguintes palavras: "Ao Exército brasileiro cabe, pois, um papel imenso nesta nova fase da civilização. Quando passar a psicose da guerra, de que o mundo está sofrendo neste momento, quando for possível pensar mais calmamente nos grandes problemas de reforma social de estrutura que aí estão desafiando a nossa argúcia, então se verá como há um novo Exército a fazer cada vez mais integrado na vida profícuo da nacionalidade e cada vez mais unido realmente ao povo. E a fusão do serviço civil e particularmente agrícola, com o serviço militar, será um dos elementos dessa reestruturação, em cuja linha almas já estão se orientando vários aspectos novos do Exército, como seja o progresso de educação física, cívica e espiritual e a consideração dos trabalhos agrícolas como serviço militar. Esse é o Exército que eu desejo para a nossa terra, como para todos os povos empenhados em superar uma fase sombria de transição em que o militarismo totalitário ainda está muito longe de ter sido conjurado. Quando digo, portanto, que nesta hora de psicose guerreira, é a palavra dos Estados Maiores que prevalece sobre a palavra dos Gabinetes políticos, o que digo, é o que a observação mais banal nos oferece à vista. Que a culpa inicial seja do militarismo soviético que não quis desarmar depois da guerra, não tenho a menor dificuldade em conceber. Mas que seja isso pretexto para que o militarismo neo-fascista se apodere das democracias, não é não. Atribuo ao Exército e às forças armadas um papel decisivo na instauração dessa civilização para o Homem que estamos empenhados em construir, entre as ameaças contraditórias que nos esmagam. Tudo mais que se queira insinuar ou dizer, para me intrigar com o Exército, só me interessa se a boa fé e a justiça desertassem de nossa terra". E por hoje chega. Até outra vez!

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — So serão aceitos no concurso permanente de **REVISTA DA SEMANA** contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de **REVISTA DA SEMANA** não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na última linha do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — **"Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA"**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedotas não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



HOMENAGEM A CAXIAS NA ESCOLA PRIMARIA DO JOCKEY CLUB

NO dia 25 de agosto último, dedicado ao Patrono do Exército Brasileiro, realizou-se uma brilhante solenidade em homenagem ao Duque de Caxias, na Escola Primária do Jockey Club Brasileiro. Após a abertura da sessão pelo sr. professor Antonio Malincônico, diretor da Escola, dissertaram sobre assuntos escolhidos, os alunos Pedro Romualdo da Silva, Felipe Caldeira, Alcides Bezerra dos Santos, Creso Alves da Cruz, Joaquim Francisco, Edy Briancou Bonsquet, Francisco Soares de Abreu, Antonio Cesar de Lima Filho, Ernandes Azevedo da Silva, Itamar de Brito e Nelson Machado.

A seguir, o sr. dr. Bricio Filho fez sua conferência sô-

bre a figura do Duque de Caxias, estudando-o como guerreiro e como estadista.

Depois falou o representante do sr. ministro da Guerra, o sr. capitão Alberto Cunha, que discorreu sobre a disciplina, lealdade e camaradagem.

Por aclamação, foi aprovada a proposta de serem dados os nomes de Sala Bricio Filho e Sala Duque de Caxias aos dois recintos onde ali funcionam as aulas.

O dr. Nilo de Vasconcelos, que presidiu a reunião, encerrou-a, agradecendo aos presentes e pedindo ao sr. capitão Alberto Cunha que levasse ao sr. ministro da Guerra a afirmação da gratidão do Jockey Club Brasileiro pelo

prestígio que emprestara à solenidade.

Compuzeram a mesa, além do dr. Nilo Vasconcelos, as professoras d. d. Medina Santos, Léa Hugner, Maria Luiza Cavalcanti, Nita Trájano, Georgina Bricio Filho e os srs. Bricio Filho, José Bastos Padilha, capitão Alberto Cunha, Antonio Malincônico e Leonidas Mendes.

As fotografias que ilustram esta página são da referida solenidade, e mostram, do alto para baixo: sr. Bricio Filho pronunciando sua conferência; um dos alunos discursando; parte da assistência ao ato e os componentes da mesa quando, de pé, ouviam a execução do Hino Nacional.





O S estabelecimentos de Israelitas, no Rio, cerraram suas portas às 16 horas, segunda-feira, em protesto contra a política dos ingleses na Palestina. Não se pode imaginar protesto mais rápido. Os telegramas dizem que o Ceará caminha para a pacificação... Quer isso dizer que o desembargador Faustino de Albuquerque, o governador udenista, está disposto a rachar o queijo administrativo com os pessedistas... Os batistas, nos Estados Unidos, censuram o presidente Truman pelo seu chamego com o Papa, dizendo que Pio XII representa o "totalitarismo clerical". A União da Mocidade Democrática vai comemorar o aniversário da Constituição... Juventude atrevida! Sempre a mexer com assuntos perigosos... É capaz de começar a sair pancadaria grossa outra vez, se eles começarem a falar muito em democracia... Os mutilados da FEB assistirão à parada de Sete de Setembro, em honra do presidente Truman. Quarenta mil homens formarão nessa parada. Em São Paulo, segundo anuncia "O Globo", houve uma grande escândalo com a companhia da atriz Dercy Gonçalves. O juiz de Menores, dr. Ulisses Dória, baixou uma portaria proibindo menores de 18 anos de entrar no Teatro Santana. O juiz descobriu a pólvora... Dercy Gonçalves se gaba de ser sempre imprópria para menores e, assim, arranjou uma reclamação gratuita para os seus espetáculos... Diz-se que o jovem autor de "Escola da Saúde", sr. Josué Montello, está muito incomodado com a reclamação do Glória, que diz: "O Maranhão nunca teve um autor de teatro à altura das suas tradições. Agora tem um: Josué Montello". E isso porque o sr. Josué Montello não só sabe da existência de Gonçalves Dias e de Arthur Azevedo, como ainda é próprio tem chamado o sr. Viriato Correia, maranhense da genma, de "mestre"... "O Jornal" diz que o PSD fechou a questão em torno dos mandatos dos representantes comunistas. Mas outro órgão da cadeia dos "Diários Associados", o vespertino "Diário da Noite", diz que o partido governista se desinteressará da questão dos mandatos se os comunistas apoiarem a candidatura do sr. Cirilo Junior, líder da maioria, à vice-presidência de São Paulo! Afinal, com quem ficamos? Com Jean qui rit ou com Jean qui grogne? A propósito do presidente dos Estados Unidos, sr. Harry S. Truman, que ora se acha em nossa capital, como hóspede de honra do Brasil, uma biografia oficial lembra que ele exerceu as mais humildes profissões, começando a vida como empacotador de jornais e tendo sido, depois, lavrador, major de artilharia, negociante do ramo de artigos para homens (camisas, gravatas e roupas), juiz do tribunal de Jackson e, em seguida, senador e vice-presidente da República. Essa mesma biografia nos explica, deste modo, o mistério do "S." do nome do ilustre visitante: "A história dos Truman é como a da maioria dos europeus que há um século ou mais vieram tentar fortuna nas jovens terras da América. Família de origem irlandesa, holandesa e escocesa, estabeleceu-se no então mal habitado Estado de Missouri pouco antes de 1850, ali instalando seu rancho e suas lavouras. Nenhum deles enriqueceu, porém, e eis porque Harry S. Truman não pode fazer, como desejava, seu curso universitário. Limitou-se a estudar no ginsio da cidade mais próxima — Independence — onde havia uma biblioteca de cujos livros ele se valia um a um, dos mais simples aos mais difíceis. Sem vocação para a agricultura, saiu de casa aos 17 anos em busca de emprego depois de não ter conseguido ingressar na Academia Militar de West Point por causa da vista. Em Kansas obteve o seu primeiro trabalho num jornal, não como jornalista, mas apenas como empacotador nas oficinas. Trabalhou num escritório de construções, em dois bancos e como lavador de janelas. Era uma vida dura e como o pai o chamasse com insistência para ajudá-lo na fazenda, acabou a ela regressando e nela ficando por mais dez anos, até às vésperas da entrada dos Estados Unidos na primeira guerra mundial. E porque esse S. no seu nome, entre o Harry e o Truman? — há de perguntar. Coisas de seus avós. Um era Shippe e outro Salomon. Ambos queriam que o neto se chamasse como eles, e para que se contentassem teve o pai a ideia dessa letra solta, depois do Harry, inicial de Salomon e de Shippe". Acaba de ser revelado que vários nazistas noruegueses que fugiram do campo de concentração de Espeland, na Noruega, vieram dar na ilha de Fernando de Noronha, no Brasil, — e aí foram presos, para serem encaminhados para aquele país escandinavo. Um melhoramento nos nossos trens de subúrbios; neter já se pode assistir filmes em série. Ainda outro dia, num trem que vinha de Nova Iguaçu, o indivíduo José Nicácio Filho produziu momentos de emoção e "suspense", matando o passageiro Valdir Tavares da Silva e ferindo gravemente outro, Geraldo Luis dos Santos. Esclarecendo seu pensamento a respeito do Exército Nacional e de sua missão, deturpado numa entrevista a um jornal estrangeiro, o sr. Tristão de Alaiide (Amoroso Lima), líder da Ação Católica Brasileira e membro da Academia Brasileira de Letras, escreveu um longo e substancioso artigo, que terminou com as seguintes palavras: "Ao Exército brasileiro cabe, pois, um papel imenso nesta nova fase da civilização. Quando passar a psicose da guerra, de que o mundo está sofrendo neste momento, quando for possível pensar mais calmamente nos grandes problemas de reforma social de estrutura que aí estão desafiando a nossa argúcia, então se verá como há um novo Exército a fazer cada vez mais integrado na vida profana da nacionalidade e cada vez mais unido realmente ao povo. E a fusão do serviço civil e particularmente agrícola, com o serviço militar, será um dos elementos dessa reestruturação, em cuja linha aliás já estão se orientando vários aspectos novos do Exército, como seja o progresso da educação física, cívica e espiritual e a consideração dos trabalhos agrícolas como serviço militar. Esse é o Exército que eu desejo para a nossa terra, como para todos os povos empenhados em superar uma fase sombria de transição em que o militarismo totalitário ainda está muito longe de ter sido conjurado. Quando digo, portanto, que nesta hora de psicose guerreira, é a palavra dos Estados Maiores que prevalece sobre a palavra dos Gabinetes políticos, o que digo, é o que a observação mais banal nos oferece a vista. Que a culpa inicial seja do militarismo soviético que não quis desarmar depois da guerra, não tenho a menor dificuldade em conceber. Mas que seja isso pretexto para que o militarismo neo-fascista se apodere das democracias, não é não. Atribuo ao Exército e às forças armadas um papel decisivo na instauração dessa civilização para o Homem que estamos empenhados em construir, entre as ameaças contraditórias que nos esmagam. Tudo mais que se queira insinuar ou dizer, para me intrigar com o Exército, só me interessaria se a boa fé e a justiça desertassem de nossa terra". E por hoje chega. Até outra vez!

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — So serão aceitos no concurso permanente de **REVISTA DA SEMANA** contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de **REVISTA DA SEMANA** não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos-selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na tólha le rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de **REVISTA DA SEMANA**"

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAMSE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

MAIS DE MIL CRUZEI- ROS POR UM MINUTO DE CANTO!

O FENÔMENO BENIAMINO GIGLI
— Com cinquenta e sete anos de idade continua assombrando o mundo da ópera — A arte acima da política — Cadeiras do Municipal no câmbio negro na sua "reentr  e" — Voz de ouro e coração de ouro — Mas, apesar de tudo, um monstro de vaidade... — Ganha mais em duas noites que o diretor do Teatro Municipal em todo um ano — O embaixador mais bem pago do mundo...

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

H  uma coisa que impressiona e maravilha em Beniamino Gigli, tanto aos leigos em assuntos de arte como aos "habitu  s" da   pera. É a sua extraordinária vitalidade artística que os anos não modificam. Muitas das vozes privilegiadas, desapareceram cedo de mais, depois de alguns anos de glória.

Beniamino Gigli tem cinquenta e sete anos de idade e vem empolgando as platéias de todos os continentes desde 1919. Há quase trinta anos vem cumprindo contratos seguidos para temporadas em Milão, Londres, Berlim, Rio, Buenos Aires e centenas de outras cidades. Os críticos e professores da arte não conseguem compreender êsse fen meno. Sua voz contínua vigorosa, clara, firme como nos primeiros anos de sua carreira. Exibe t odas as nuances necessárias, de inflexões puras e com perfeita vibração artística. É o único tenor de todos os tempos que conseguiu manter sua completa integridade vocal até a sua avançada idade e após três dec nios de atividade ininterrupta.

—   um milagre de Deus, — disse-nos Gigli, com orgulho, em seu camarim, quando o entrevist mos.

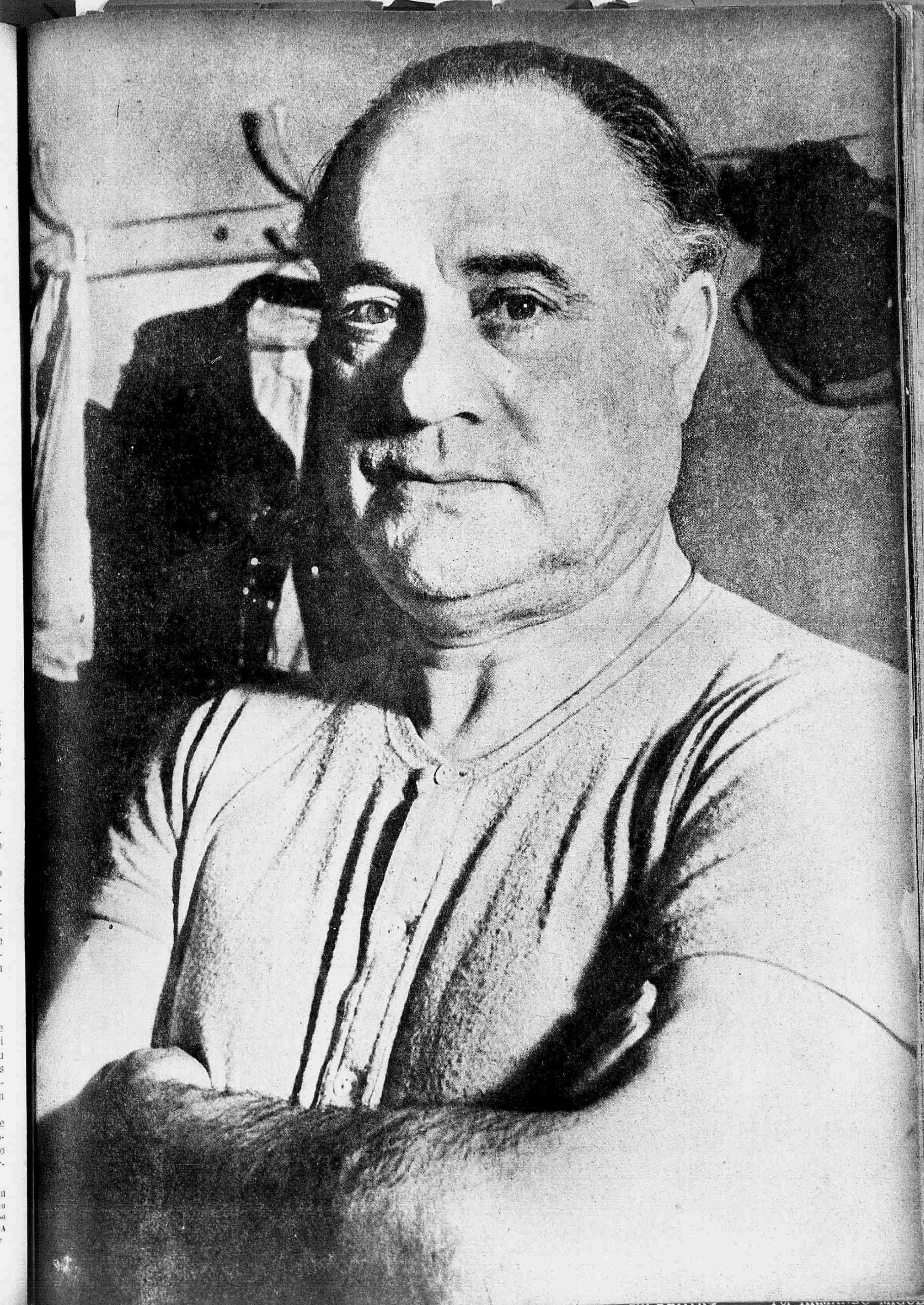
Êste milagre de Deus tem sido ajudado pelo próprio esforço de Gigli que tem vivido sempre para sua arte. Não há voz que possa suportar uma vida desregrada. Gigli,  le mesmo nos confessa, tem sido um escravo permanente da  pera. Nada de álcool, de falta de repouso, de noites alegres para comemorar seus triunfos. Dedic o constante ao seu ideal, tem sido o seu objetivo.

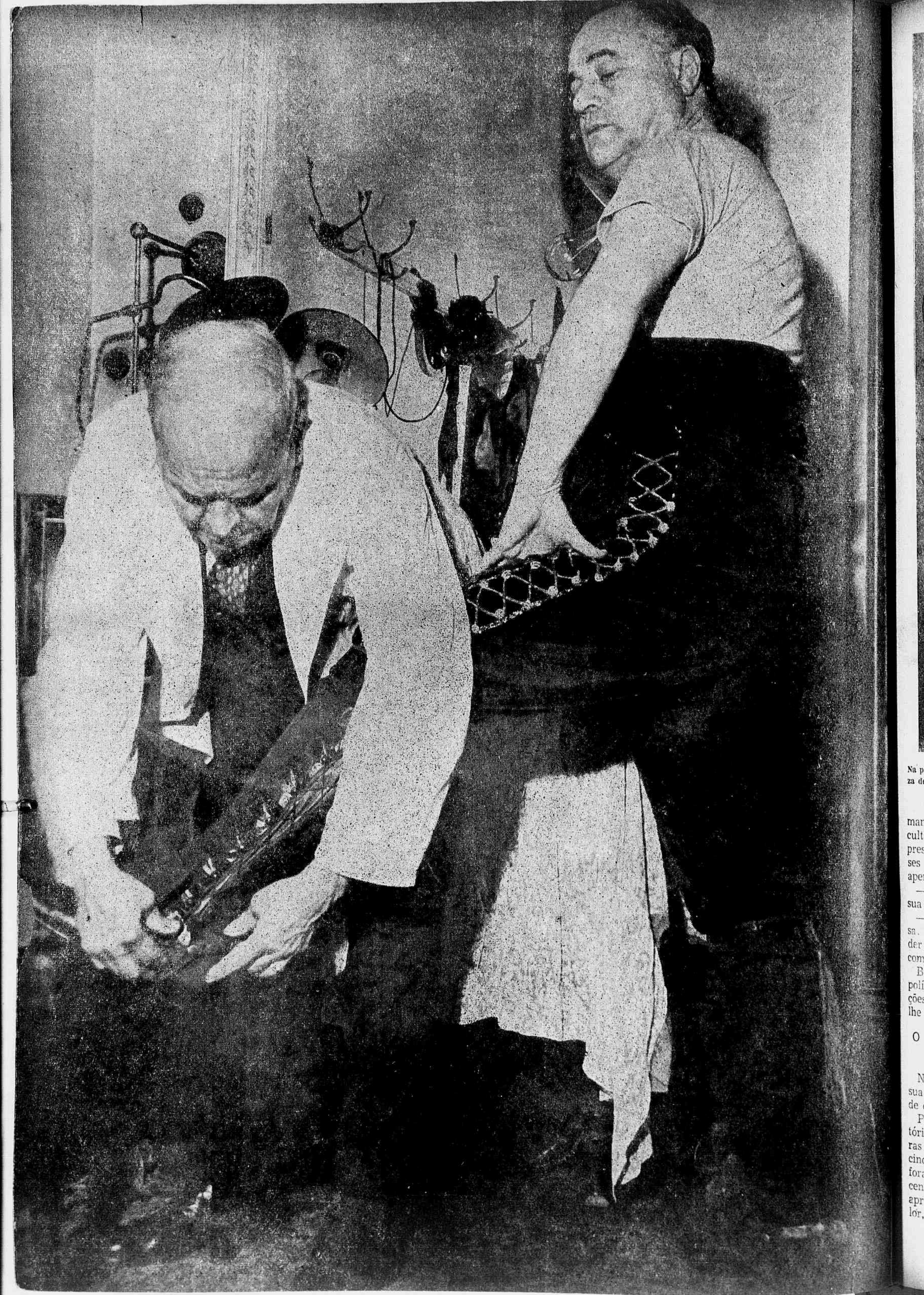
A GUERRA E A ARTE DE GIGLI

Beniamino Gigli foi acusado por alguns de seus compatriotas de fascista. Diz  le que foi um julgamento apressado, porque nada ficou apurado a êsse respeito. Quando tocamos n esse assunto o tenor italiano não pode esconder um movimento de irritação e foi com revolta que nos respondeu:

— Nunca tratei de política. A minha arte e o meu passado artístico estão acima da política. Não tenho tempo para sair do mundo ao qual me escravizei. Considero-me um per-

A esquerda: Beniamino Gigli, o homem que ganha mil e cem cruzeiros por minuto de canto, tal como apareceu em "Forza del Destino". Na página   direita: o famoso tenor italiano, em camiseta, fotografado pela "REVISTA DA SEMANA", em seu camarim do Teatro Municipal, antes de começar a fazer sua caracterização.





Na pa
za de

man
cult
pres
ses
aper

sua

sa.
der
com
Ba
poli
ções
lhe

O

N
sua
de o
P
tóri
ras
cinc
fora
cent
apre
lór,



Na página à esquerda: o velho "costumêre" Vincenzo, que há mais de vinte anos serve a Beniamino Gigli, ajuda o tenor da voz de ouro a calçar as botas do protagonista de "Forza del Destino". Em cima, à esquerda: Gigli começa a "maquillage". À direita: a cantora Maria Pedrini, que cantou "Forza del Destino", com Gigli, que se recusou a fotografar a seu lado. Ela não estranhou. E disse: "Há cinco anos éle diz "não" aos fotógrafos que querem nos fotografar juntos"

manente representante do meu povo e da sua cultura. Enquanto os embaixadores o representam politicamente, ao sabor de interesses partidários ocasionais, a minha missão é apenas de representá-lo artisticamente.

— Qual a influência da última guerra na sua carreira? — perguntamos-lhe.

— Uma, somente. E essa, a mais desastrosa. Obrigou-me pela primeira vez a suspender as minhas excursões pelos outros países, como embaixador que sou da minha terra.

Beniamino Gigli só a contragosto fala de política. Passámos de largo sobre suas atuações no cinema alemão... E voltamos a falar-lhe do seu mundo, a ópera.

O PREÇO DAS GALERIAS, ÍNDICE DE SUA POPULARIDADE

No dia vinte de agosto passado, Gigli fez a sua "reentrée" perante nosso público, depois de doze anos de afastamento.

Para se avaliar o interesse com que o auditório o aguardava, basta citar que as cadeiras que tinham sido anunciadas a duzentos e cinquenta cruzeiros (preços fora do comum), foram revendidas no câmbio negro a quatrocentos cruzeiros. Embora o elenco que se apresentou em "Aída" tivesse figuras de valor, como Elisabetta Barbato, Giulio Neri,

Raffaele De Falchi, Américo Basso e outros, o grande interesse do público, que o fez pagar tantas centenas de cruzeiros por uma poltrona, era pela volta de Beniamino Gigli. Como teria voltado Gigli? — perguntavam os que o tinham visto no Municipal, pela última vez, em 1935. Beniamino Gigli viveu o papel de Radamés com a mesma segurança, com a mesma pujança de voz, com aquele mesmo entusiasmo que é uma das características de sua interpretação.

Do primeiro ao quarto ato seu triunfo foi completo.

— Este homem continua sendo um fenómeno — declarou o maestro De Fabritiis, que regeu a orquestra, a um grupo de amigos, quando terminou o espetáculo.

VOZ DE OURO E CORAÇÃO DE OURO

Já é lendaria a fama que corre da sua prodiga generosidade para com todos que o cercam. Tivemos oportunidade de comprovar essa virtude. Enquanto seu velho empregado Vincenzo, que o acompanha há vinte e seis anos, lhe ajeitava a indumentária, éle lembrava os seus primeiros anos no Brasil, em 1919, quando começou a sua celebridade.

— Foi aqui no Brasil que eu me fiz...

Como se lembrasse de qualquer coisa, man-

dou Vincenzo chamar o baixo Giulio Neri. E quando este entrou no camarim, disse-lhe o tenor:

— Giulio, soube que o seu garoto faz anos hoje. Esta bicicleta que está encostada na parede é o meu presente.

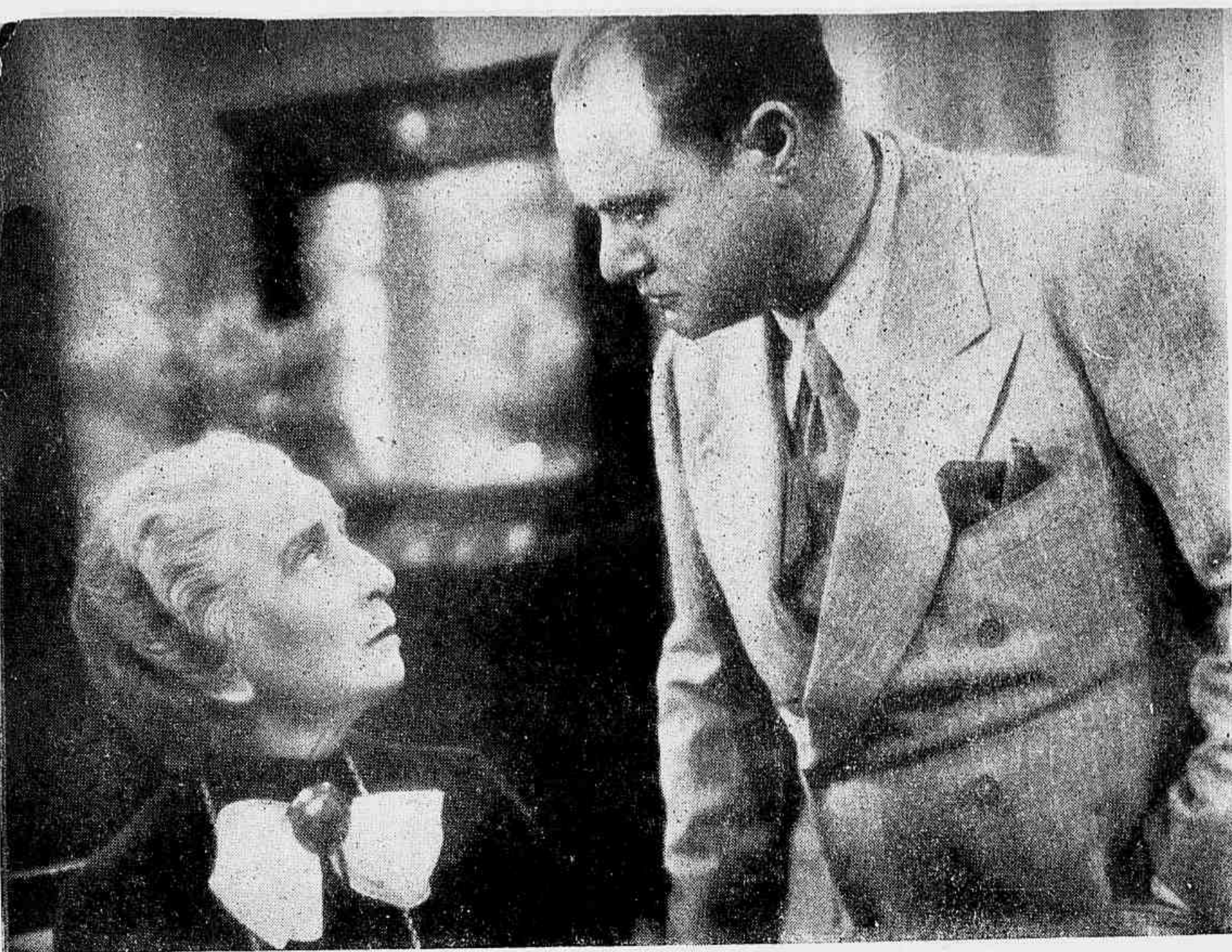
E enquanto Giulio Neri ensaiava a bicicleta do filho, Gigli retirou de uma gaveta um pequeno embrulho e continuou:

— Este jogo de paciência, é o presente de Vincenzo.

E o velho empregado foi quem mais se admirou com o seu próprio presente.

SEUS PROJETOS E SUA VOLTA AO BRASIL

O senhor Onofre, diretor de cena, vem pedir a Gigli alguns conselhos sobre a movimentação dos personagens, na ópera "Forza del destino", que iriam representar daí a pouco. Depois da ajuda, Gigli falou-nos de seus contratos futuros. Tem compromissos até o fim de 1943. Terminando sua temporada no Rio, irá a São Paulo. Depois voará para Londres, onde dará vinte concertos. Sua "tourné" continuará através da Suíça e de Portugal, onde cantará em Lisboa e no Porto. No inverno de 1948, voltará ao Rio para



mais uma temporada e continuará até Buenos Aires.

— Os contratos estão sempre adiante de mim, esperando-me com datas pre-fixadas — diz-nos Beniamino Gigli. Tenho a impressão de que a minha morte me fará desrespeitar muitos dos contratos que já estão assinados...

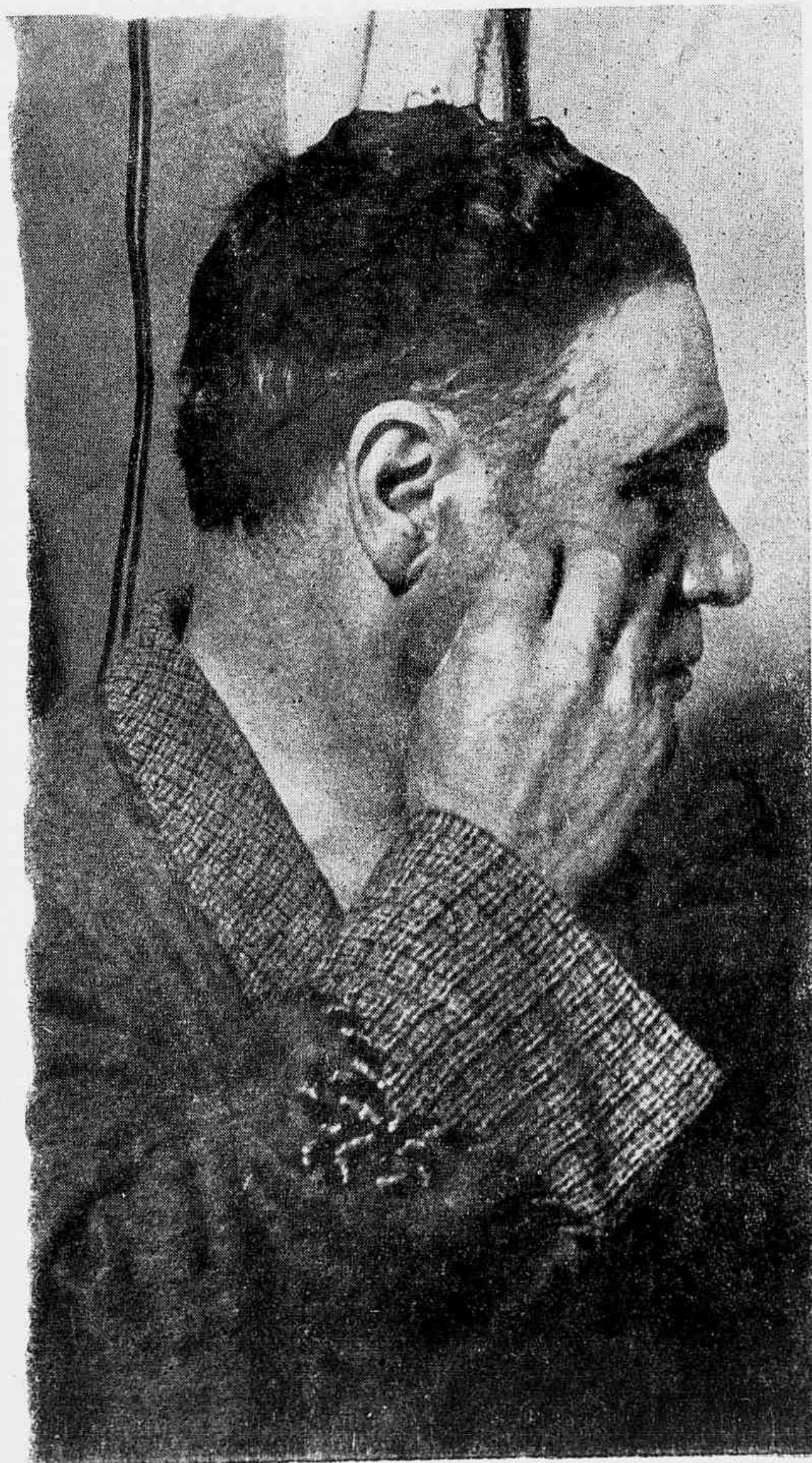
Gigli diz isto sorrindo. Cantará até quando? Ele nos responde:

— Até quando, artisticamente, puder cantar. A parte financeira me interessa muito pouco, para que eu continue quando minha voz desfalecer.

Gigli está, como dissemos, com cinquenta e sete anos. Até quando continuará este milagre? Nenhum entendido poderá prever. E', indiscutivelmente, a carreira musical mais espantosa do mundo. Ele quer se retirar em plena glória, sem ter conhecido o fracasso. Vaidade? Sim. Gigli é um monstro de vaidade. Tão vaidoso que se recusou a fotografar ao lado da cantora Maria Pedrini, que há cinco anos seguidos canta ao lado dele. Quando propusemos a fotografia, ele disse: "Não". E ela comentou: "Há cinco anos que ele diz "não" aos fotógrafos que querem nos fotografar juntos..."

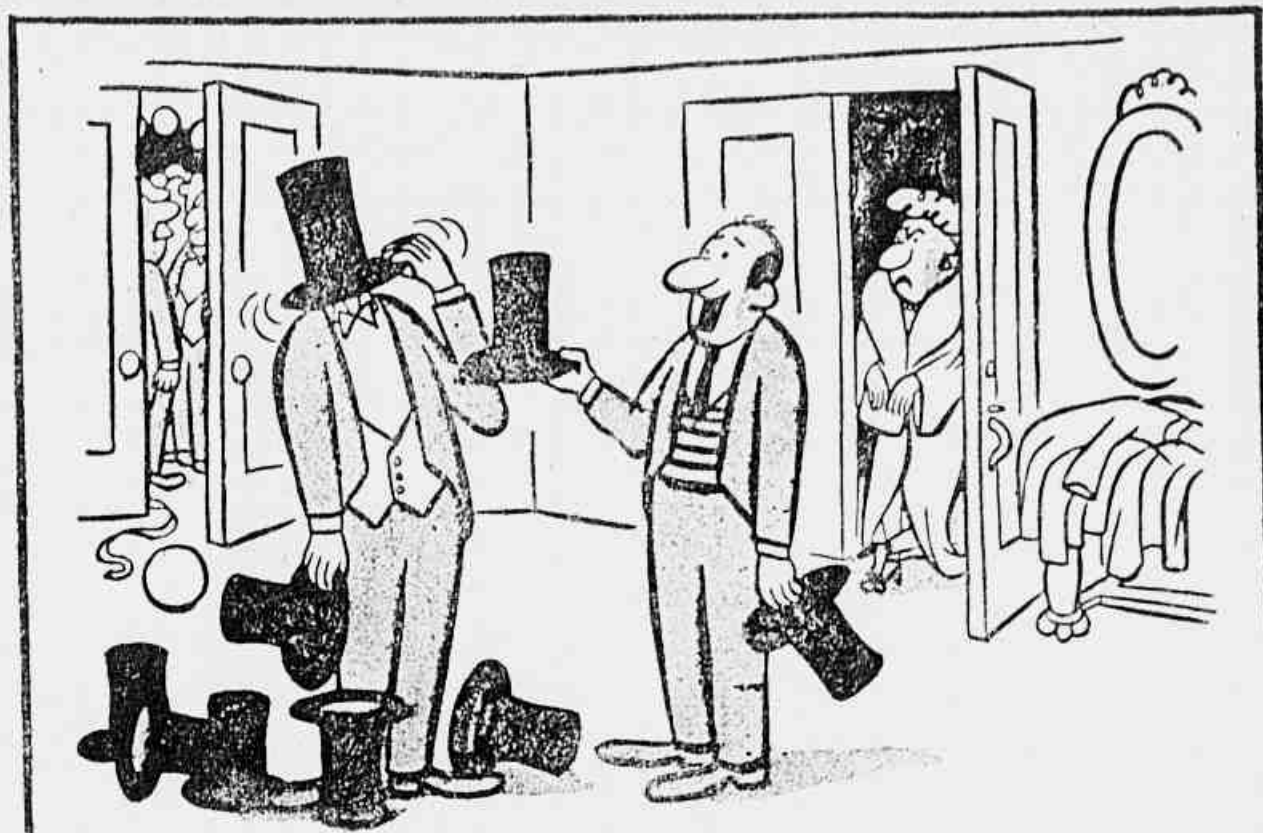
(Cont. na pág. 53)

Em cima: Beniamino Gigli, com a famosa e velha atriz Emma Grammatica, no filme italiano "A canção que escreveste para mim". Há tempos, Gigli atuou no cinema alemão, por conta da extinta Ufa. Em baixo: o tenor que elevou às nuvens o preço das cadeiras do Municipal e provocou até mesmo o câmbio negro de bilhetes, em duas fases dos seus preparativos para interpretar "Forza del Destino".

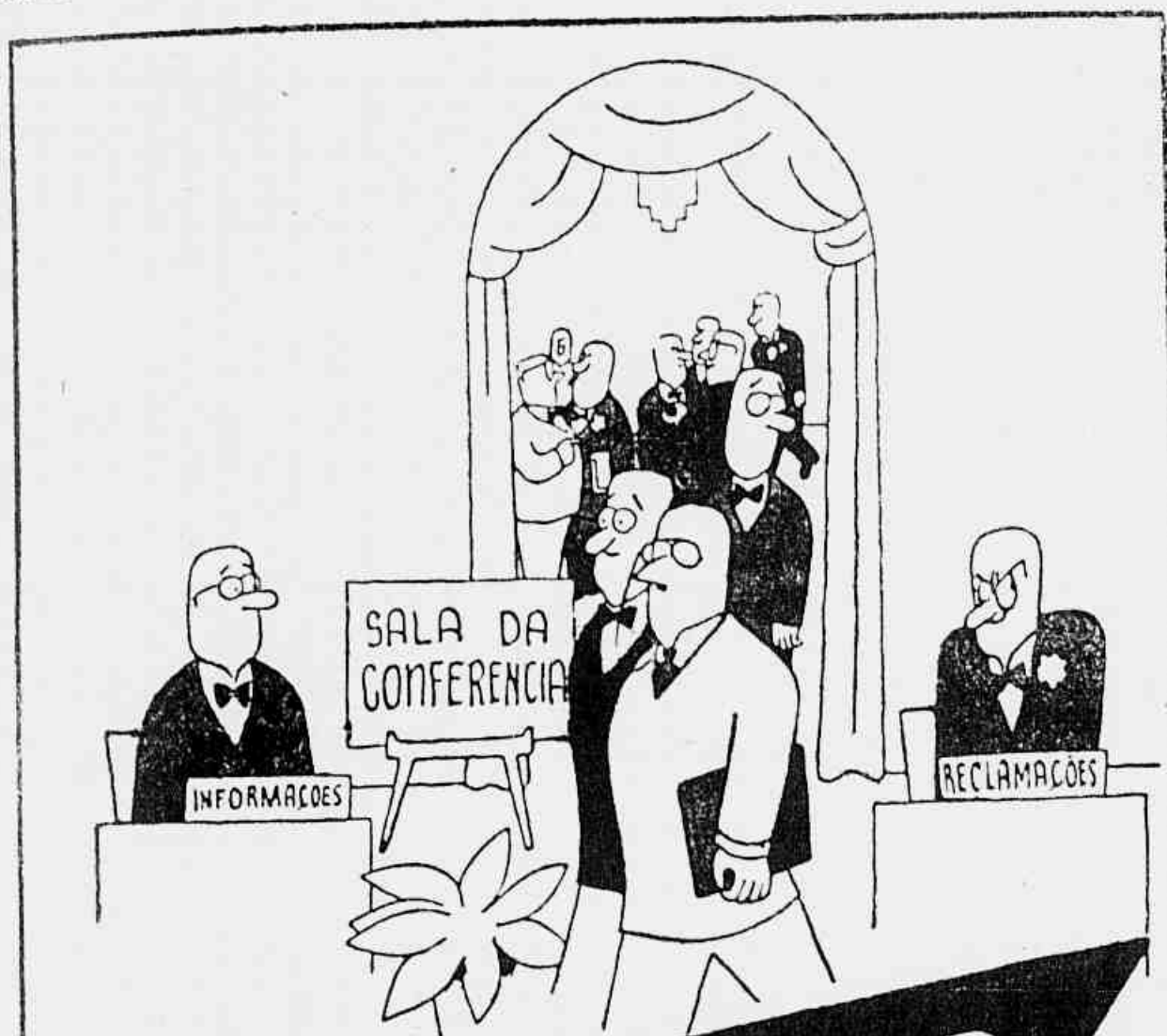




— O senhor tinha razão! Realmente não encolheu!



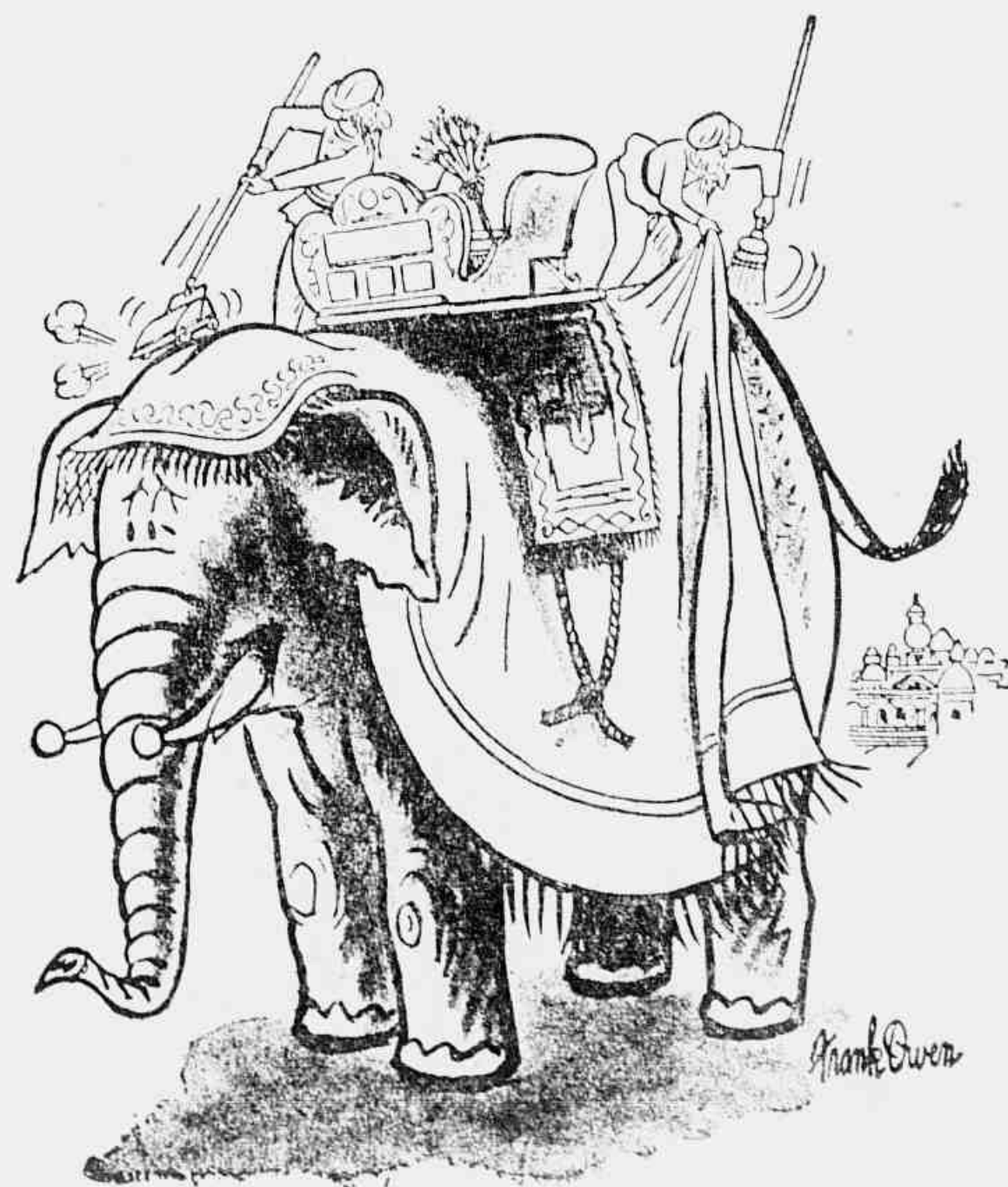
— Continue... Continue!... Acabará dando com o seu!

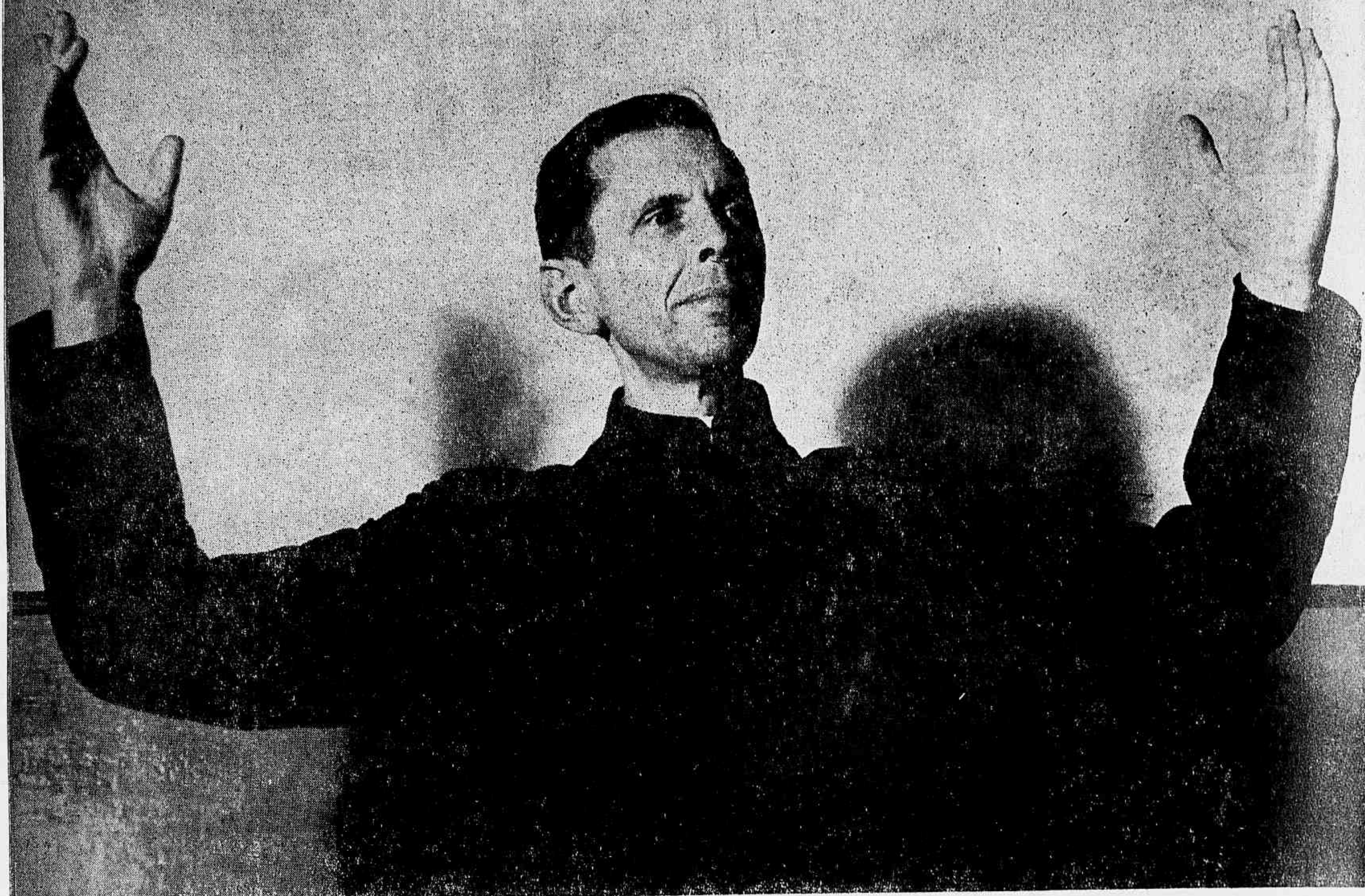


BOM HUMOR



— Mas que história é essa? sempre inventam de beber água quando seu tio se recolhe para dormir!





"Eu vi a bomba atômica explodir em Hiroshima. Estava rezando na Missão Jesuítica, a quinhentos metros do local onde se deu a explosão. Houve um clarão de cegar a gente. Parecia que o sol se esborrachara de encontro à terra..."

"EU VI A BOMBA ATÔMICA EXPLODIR!"

O JESUITA HUGO LASSALLE, SOBREVIVENTE DE HIROSHIMA, RELATA PORMENORES DA CATÁSTROFE — ESTAVA A APENAS 500 METROS DA EXPLOSÃO — 75 PEDAÇOS DE VIDRO EXTRAÍDOS DO CORPO DE UM SACERDOTE — O MISTÉRIO DA RADIOATIVIDADE — DEMOCRACIA E CATOLICISMO, DUAS ARMAS PARA GANHAR A PAZ NO JAPÃO.

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA

É um homem que sobreviveu à explosão atômica de Hiroshima! E' para nós qualquer coisa de tão espantoso como se estivéssemos diante do bíblico Noé, o patriarca que sobreviveu ao dilúvio. Nós o temos agora em nossa frente: alto e sêco, metido na sua batina preta de jesuita, não denota na calma do olhar e da aparência exterior o menor sintoma de que tenha sido atingido pela catástrofe. Tem quarenta e nove anos e dêsses, viveu dezoito no Japão, morando, os últimos oito anos, na missão jesuítica de Hiroshima.

Quando na clara manhã do verão japonês, no dia 6 de agosto de 1945, explodiu sobre o centro daquela cidade a super bomba que iria pôr fim ao bimilenar Império do Sol Nascente, o padre Hugo Lassalle se encontrava a apenas quinhentos metros do centro da explosão atômica, no andar superior do prédio da missão. Estava ajoelhado ao pé do oratório, de onde

nem o ruído dos aparelhos americanos que sobrevoaram minutos antes a cidade o conseguiram afastar. Ele recorda para o repórter o que aconteceu naquele dia memorável.

— Eram precisamente oito e quinze minutos da manhã. Estávamos ajoelhados junto à imagem da Santíssima Virgem. O ruído dos aviões americanos, desaparecera. Súbito, um clarão branquíssimo nos cegou lá dentro da sala. Parecia que o sol estivera a ponto de esborrachar-se com a terra. Um segundo depois, como se fôsse um mágico tufão-terremoto, caíram de uma só vez quase tôdas as casas da cidade, dentro do mesmo formidável estrondo. Algumas, como a nossa, que eram construídas de concreto armado, resistiram em parte. Mas todos os objetos nelas existentes foram atirados contra as paredes com uma violência incrível. Para calcular a violência da expansão do ar, basta dizer que do corpo de um dos nossos padres foram retirados

setenta e cinco pedaços de vidro que, depois de vararem sua pesada batina, haviam se incrustado em suas carnes. Milagrosamente todos os da missão sobrevivemos. Em mim também aconteceu a mesma coisa. Depois de alguns minutos minha batina estava empapada de sangue.

O MISTÉRIO DA RADIOATIVIDADE

O padre Lassalle lembra a confusão e aturdimento que reinaram em Hiroshima após a explosão. O pânico aumentava na cidade com os incêndios que irrompiam de todos os lugares. A explosão daquela única bomba matou metade da população da cidade. Dos seus quatrocentos mil habitantes, somente duzentos mil sobreviveram. E em que estado muitos puderam sobreviver!... Nenhum médico sabia como tratar aquelas misteriosas feridas que apareciam por todo o corpo das vítimas. Remé-

dios que para uns faziam bem pioravam o estado de outros. Uma senhora, que perdera o marido e a filha, conseguiu salvar outro filho de cinco anos colocando-lhe nas chagas compressas de azeite. Imediatamente comunicou aos hospitais de emergência o bom resultado. Os médicos que seguiram esse tratamento em outros doentes obtiveram resultados completamente opostos. Em mim mesmo as feridas chegaram a um ponto que nem regrediam, nem progrediam. Somente com injeções de vitamina C o organismo conseguiu reagir.

— Não resta agora em seu organismo nenhum vestígio? — perguntamos-lhe.

— Creio que não — diz-nos o jesuita. — Parece que houve alguma decomposição interna, pois o local das cicatrizações continua até hoje completamente insensível ao toque e ao calor. Centenas de pessoas que não foram feridas, morreram semanas mais tarde em conse-

quência da radioatividade. A radioatividade diminuiu os glóbulos brancos do sangue sem que a pessoa o perceba de início. Dias depois quem sofreu a ação dos raios radioativos começa a perder os cabelos e a sangrar nas gengivas. Pessoas que se julgavam salvas, começavam repentinamente a cuspir sangue e morriam horas depois. Outras, que por qualquer maneira tinham a boca aberta no momento da explosão, ficaram com chagas horríveis dentro da garganta e do esôfago. Todos nós, mesmo os que não tinham sofrido a menor lesão, durante vários dias perdemos completamente a vontade de comer. Acontecia também outra coisa extraordinária: Aqueles que foram atacados pela radioatividade e que conseguiram ficar completamente curados dos seus efeitos, tornavam-se depois mais fortes e resistentes, apresentando uma imunidade assombrosa para as doenças comuns.

DEPOIS DA HECATOMBE, NOVA ÉRA PARA O JAPÃO

As recordações do padre Lassalle são impressionantes, sobre os dias que se seguiram à explosão da primeira bomba atômica em território japonês. Veio depois a catástrofe idêntica em Nagasaki. O cinema nos apresentou bem ao vivo essas cenas terríveis. O nosso entrevistado conhece a fundo a alma do povo japonês, e resume suas impressões sobre as modificações so-



"Felizmente, escapamos todos, na Missão Jesuítica. Do corpo de um padre, foram extraídos setenta e cinco estilhaços de vidro"...

ciais, religiosas e políticas, que a capitulação trouxe àquele povo fanatizado por idéias que lhe vinham por transmissões sucessivas há mais de dois mil anos.

— Com a bomba atômica terminou para o Japão uma era e começou uma outra. Esfacelou-se um sistema que durou dois mil anos. O imperador continua sendo o chefe-de-Estado, mas realmente aquele país caminha rapidamente para uma perfeita democracia. A transformação política é tão radical e repentina que chega a parecer incrível. Não há dúvida que essa transformação é, para os conservadores, uma tragédia com a qual não se conformam. Muitos choraram quando o imperador, a 15 de agosto de 1945, anunciou a capitulação. Eu mesmo presenciei que na arrasada Hiroshima, o povo estava decidido a continuar lutando, mesmo contra o poderio atômico norteamericano. Mas a classe intelectual e a elite governante sabiam que o passado estava terminado para sempre. E' de se admirar a inteligência com que os japoneses se colocaram dentro da realidade do mundo atual.

O CATOLICISMO VAI VENCER O BUDISMO

O padre Lassalle, com sua experiência de dezoito anos em missões jesuíticas naquele país, pode falar com autoridade sobre o avanço da religião católica. E' um avanço paralelo à penetração democrática. Enquanto Mc Arthur procura democratizar o país o Santo Padre de Roma abriu fogo cerrado contra as ideologias pagãs daquele povo.

— Em nenhuma parte do mundo o catolicismo teve outrora tão pouco êxito como no Japão — diz-nos o padre Hugo Lassalle. — Mas, agora, nas diversas missões e escolas cristãs tem havido depois da guerra muitas conversões. Muitos indagam: êsse interesse pelo cristianismo é uma coisa séria, ou será apenas um golpe oportunista? "Os americanos estão mandando, nós passaremos muito melhor se nos fizermos cristãos" — é o que podem pensar os nipônicos. Mas isso, em grande parte, não explica a verdade. O que aconteceu é que com a

derrota militar foi atingido também o nacionalismo japonês, que com o seu fundo religioso, sempre impediu a aceitação da filosofia cristã. O Imperador renunciou oficialmente à sua qualidade de deus e de descendente dos deuses. Esta é a melhor explicação do avanço rápido nesse último ano do cristianismo no Japão.

Essas considerações do padre jesuita vêm a propósito para explicar sua permanência entre nós. Ele excursiona atualmente pelos países católicos, angariando fundos para o custeio de novas missões jesuíticas no Japão. Vem expressamente recomendado pelo Papa Pio XII que, segundo declarações do entrevistado, acredita converter ao catolicismo, dentro de alguns anos, os oitenta milhões de habitantes do arquipélago nipônico. Aceitarão os japoneses a religião que é quase a mesma daqueles mesmos vencedores que o obrigaram a capitular ante o poderio atômico? Ou será esta uma impressão falsa, criada pelo oportunismo cínico dos nipões? Só o tempo dirá se no Japão vencerá Buda ou Cristo.

"Duzentas mil pessoas morreram, — diz o Jesuita Hugo Lassalle. E outras duzentas mil ficaram hospitalizadas. Ainda tenho no corpo áreas insensíveis, — inteiramente insensíveis ao toque, ao frio ou ao calor..."



O S passos do guarda suavam em seus ouvidos como o tic-tac monótono de um relógio. Dentro da cela um besouro voava fazendo um chiado atormentador. O verde claro das paredes escurecia com as sombras da tarde. Vinha de longe um grito repetido. Deitado na cama estreita, Eduardo não pensava em coisa nenhuma. Na sua frente, o vaso sanitário punha uma nota acentuada de prisão naquele seu "quarto". Queria tirar uma soneta, mas, vendo que não conseguia, pegou em uma revista velha — que almas caridosas remetiam com frequência para o Presídio — e começou a folheá-la. Mas o diabo é que ele já sabia a revista quase toda de cór. Assim mesmo as páginas iam sendo viradas. Uma artista de cinema. O casamento do mocinho com a mocinha. Um conto idiota sobre a seca do nordeste. Um outro melhorzinho. Parou em sua página predileta. Aquela falava a seu coração. Pequenos trechos de "Clerambault". "E" cacete a gente ser atrasado. Mas como sabe escrever... isto me faz lembrar quando eu estava na guerra. Naquele tempo não podia imaginar nem por sombras que viria parar num lugar assim. Qual, isto é bobagem, ficar pensando muito não serve pra nada. Vou ler isto de novo". E o calor daquelas palavras penetrava a sua alma. Chegava a esquecer-se de si próprio. Terminou a leitura. Começava a escurecer e as luzes foram acesas. Um pedaço de céu aparecia no quadrilátero riscado de grades. Dentro destas, as estrelas brilhavam cada vez mais e pareciam zombar daquelas barras de ferro, que punham limites ao seu mundo. Estrelas, estrelas, foi numa noite em que elas haviam se escondido que ele... Pelo contraste as lembranças daquela noite distante apareceram, reclamando-lhe um lugar em seus pensamentos. Um fenômeno estranho tomou conta dele. Teve a impressão de que estendia-se em sua frente uma tela cinematográfica. Era apenas um espectador muito emocionado. Pois aquele homem com os seus traços, com a sua altura, com todos os seus característicos aquele Eduardo que se movimentava ali, "não era ele". Ele insistia apenas. E o outro ia andando, ia andando.

★

A noite era escura e os seus passos eram ágeis. Com as mãos no bolso, caminhava cada vez mais depressa. O seu coração estava alegre. Fora promovido na Repartição. Agora Ritinha podia ter uma boneca maior no dia de seu aniversário. Rosália poderia comprar um vestido novo. E ele, afinal bem que estava precisando, podia comprar logo aquele corte de casimira que já estava custando Cr\$ 850,00 (A primeira vez que o vira na vitrine custava "apenas" Cr\$..... 630,00). Sem sentir começou a assoviar. Foi então que aconteceu aquela coisa extraordinária. Um "Zitz", último tipo, passou raspando nele. O chofer berrou:

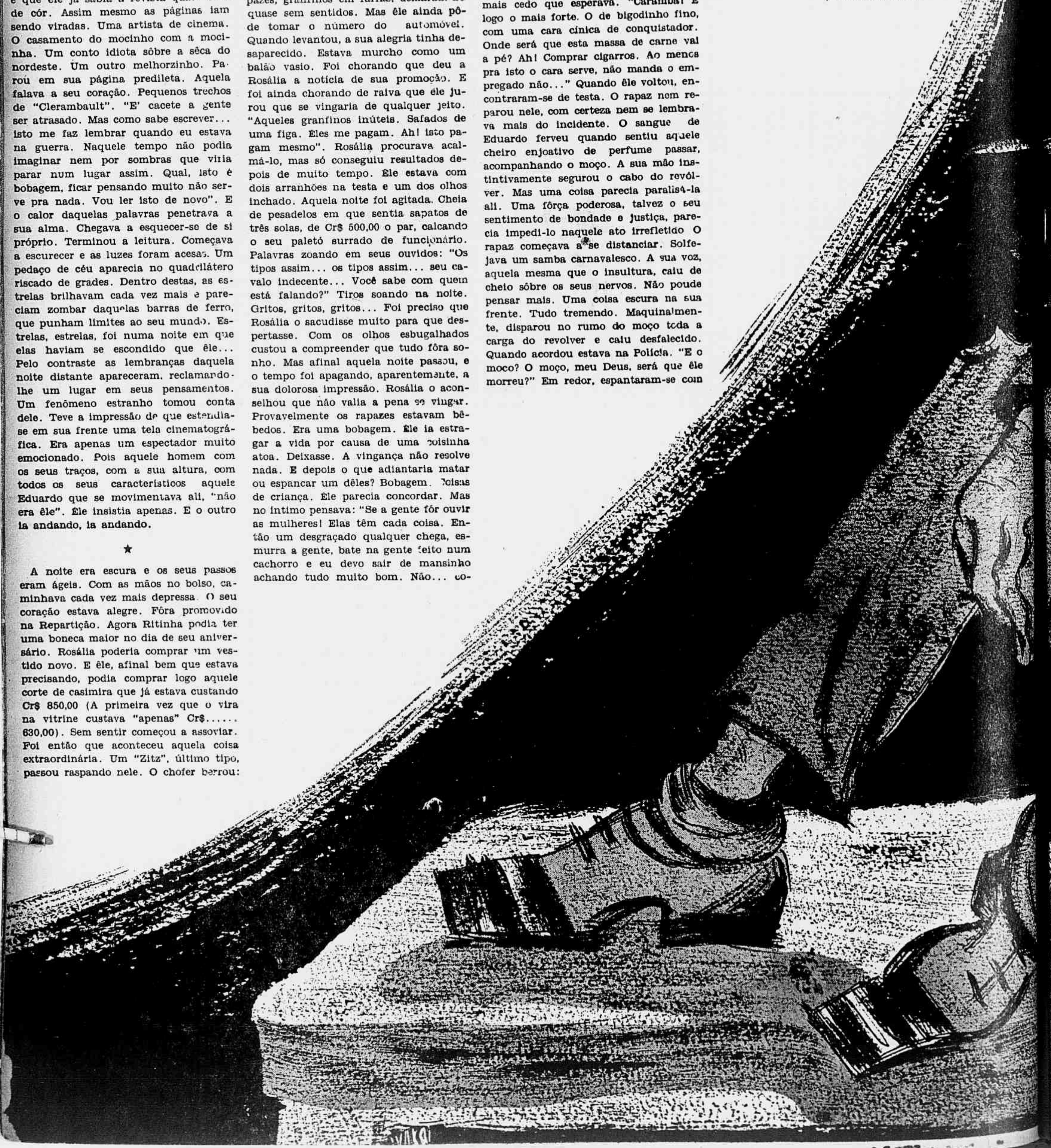
"Sal da frente, sua besta". Ele, sempre fora impulsivo, replicou logo: "Besta é a avó!"

O carro estacou com uma freiada brutal. De um dos vidros, um rosto louro, de moça, olhou para ele. Dois rapazes vieram em sua direção. A agressão foi rápida. Um deles era mais forte do que Eduardo. O outro regulava. Deu um murro no olho do mais dobrado. Depois apanhou feito cachorro. Piores do que os pescoções eram as palavras hurilhanças que soavam em seus ouvidos como verdadeiras chicotadas. A lourinha do carro ria gostosamente: "Estes tipos assim precisam é disto mesmo..." Os rapazes, granfinos em farras, deixaram-no quase sem sentidos. Mas ele ainda pôde tomar o número do automóvel. Quando levantou, a sua alegria tinha desaparecido. Estava murcho como um balão vazio. Foi chorando que deu a Rosália a notícia de sua promoção. E foi ainda chorando de raiva que ele jurou que se vingaria de qualquer jeito. "Aqueles granfinos inúteis. Safados de uma figa. Eles me pagam. Ah! Isto pagam mesmo". Rosália procurava acalmá-lo, mas só conseguiu resultados depois de muito tempo. Ele estava com dois arranhões na testa e um dos olhos inchado. Aquela noite foi agitada. Cheia de pesadelos em que sentia sapatos de três solas, de Cr\$ 500,00 o par, calcando o seu paletó surrado de funcionário. Palavras zoando em seus ouvidos: "Os tipos assim... os tipos assim... seu cavalo indecente... Você sabe com quem está falando?" Tiros soando na noite. Gritos, gritos, gritos... Foi preciso que Rosália o sacudisse muito para que despertasse. Com os olhos esbugalhados custou a compreender que tudo fora sonho. Mas afinal aquela noite passou, e o tempo foi apagando, aparentemente, a sua dolorosa impressão. Rosália o aconselhou que não valla a pena se vingar. Provavelmente os rapazes estavam bêbedos. Era uma bobagem. Ele ia estragar a vida por causa de uma coisinha atoa. Deixasse. A vingança não resolve nada. E depois o que adiantaria matar ou espancar um deles? Bobagem. Coisas de criança. Ele parecia concordar. Mas no íntimo pensava: "Se a gente for ouvir as mulheres! Elas têm cada coisa. Então um desgraçado qualquer chega, esmurra a gente, bate na gente feito num cachorro e eu devo sair de mansinho achando tudo muito bom. Não... co-

migo não." E alimentava em seu coração um violento desejo de se vingar. Começou a dar os primeiros passos para isto. Na Inspetoria conseguiu saber de quem era o carro. Depois localizou o endereço. Só faltava o plano. Veio o plano afinal. De vez em quando um deles costumava sair a pé. Era necessário aproveitar a ocasião. Mas estava indeciso, se iria armado ou não. Resolveu que iria armado, pois assim, se as suas forças físicas falhassem, era provável que a arma de fogo não as acompanhasse neste fracasso. Com muito custo comprou um revolver usado. Experimentou-o fora da cidade. Estava em ordem. Agora era só esperar o dia. Este dia chegou mais cedo que esperava. "Caramba! E logo o mais forte. O de bigodinho fino, com uma cara clínica de conquistador. Onde será que esta massa de carne val a pé? Ah! Comprar cigarros. Ao menos pra isto o cara serve, não manda o empregado não..." Quando ele voltou, encontraram-se de testa. O rapaz nem reparou nele, com certeza nem se lembrava mais do incidente. O sangue de Eduardo ferveu quando sentiu aquele cheiro enjoativo de perfume passar, acompanhando o moço. A sua mão instintivamente segurou o cabo do revólver. Mas uma coisa parecia paralisá-la ali. Uma força poderosa, talvez o seu sentimento de bondade e justiça, parecia impedi-lo naquele ato irrefletido. O rapaz começava a se distanciar. Solfejara um samba carnavalesco. A sua voz, aquela mesma que o insultara, caiu de chelo sobre os seus nervos. Não pôde pensar mais. Uma coisa escura na sua frente. Tudo tremendo. Maquinalmente, disparou no rumo do moço toda a carga do revolver e calu desfalecido. Quando acordou estava na Polícia. "E o moco? O moço, meu Deus, será que ele morreu?" Em redor, espantaram-se com

suas exclamações. Foi informado que ele acabava de falecer. Das seis balas disparadas, duas o atingiram. O mundo pareceu desabar para Eduardo. Sentiu que fora uma coisa idiota o que fizera. Mas tudo estava feito. Os dias foram passando. Agora preocupava-se com sua defesa. As vezes tinha esperanças. O seu advogado, embora convencido do contrário, as alimentava. Privação de sentidos e outras anedotas. Talvez, quem sabe? "Tenha coragem, homem, no fim tudo dá certo." Ele se entregava a estas ilusões. No dia do julgamento estava magro, com péssimas cores. Foi preciso que lhe ministrassem uma pequena dose de luminal para que conseguisse uma relativa calma e comparecesse, sem chorar na presença de seus julgadores. Rosália não teve ânimo de presenciar aquilo. Na rua

(Cont. na pág. 48)



O VALENTÃO





CARY GRANT, FILHO DO ALFAIATE...

COM O FAMOSO COMEDIANTE, NO ESTÚDIO DE SAMUEL GOLDWYN — CONFESSA QUE NÃO GOSTOU DE "INTERLÚDIO", MAS PREFERE NÃO COMENTAR SEUS "FLOPS" — TRABALHANDO AO LADO DE LORETTA YOUNG — VAI FILMAR NA INGLATERRA

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e de "A CENA" em Hollywood)

HOLLYWOOD, agosto (Por via aérea) — Foi no "set" em que Samuel Goldwyn está fazendo filmar sua nova película "The Bishop's Wife", que me encontrei com Cary Grant, o famoso comediante que, ainda há pouco, o Rio aplaudiu e o Brasil viu, com Ingrid Bergman... e comigo, pois que eu fiz uma pontinha muda no referido filme (não sei se houve quem me identificasse), na cena em que a polícia americana discute com a polícia carioca como há de perseguir os remanescentes nazistas... O "casting diretor" fez um apêlo aos brasileiros de Hollywood, — e nós nos comovemos porque ele fazia questão de usar "brasileiros". E assim lá fomos, eu, Alfredo Sá e outros, fingir que éramos funcionários do general Lima Câmara... É a primeira vez que falo com Cary Grant, depois que nos encontramos, juntos, em frente à câmera, dirigidos por Alfred Hitchcock (eu também posso me orgulhar disso...) Cary Grant está convencido de que o filme foi um "flop", segundo, assim, a opinião geral, — mas declara que preferia não comentar os seus "faux pas"... O que lhe interessa, agora, é completar a filmagem do "The Bishop's Wife". Se o valor de um filme está no tema versado e no que de humano apresenta, não há dúvida que seu sucesso com Cary Grant e Loretta Young, nos protagonistas, está as-

Em cima: Cary Grant, ex-Archibald Leach e ex-cidadão inglês, vai voltar à Inglaterra, para filmar duas películas para Sir Alexander Korda. Em baixo: no "set" em que está sendo filmada a película "The Bishop's Wife". Cary Grant aparece em companhia de Luís Serrano, Loretta Young e do diretor do filme, Henry Koster.



segurado. Além destes dois notáveis artistas, ainda estão no "cast" figuras como David Niven e Monty Woolley.

Cary Grant, o astro que interpretou de maneira magistral o principal papel de filmes como "Dunga Din", "Nupcias de Escândalo", "Suspeita", "Este mundo é um Hospício", "Era Uma Lua de Mel", "Rumo a Fôquão", "Apenas um Coração Solitário", "A Canção Inesquecível", e muitos outros filmes notáveis, é o ex-cidadão inglês Archibald Lesch. Cary Grant nasceu em Bristol, na Inglaterra, em 18 de janeiro de 1904. Filho de um alfaiate e neto de um ator londrino, de grande fama no seu tempo, deste herdou os dotes artísticos e a paixão pela vida teatral.

Quando criança, Cary Grant manifestou grande interesse pela eletricidade, e, ainda muito jovem, quando estudante da Fairfield Academy, planejara um aparelho para proporcionar um novo efeito de iluminação nas salas de espetáculos, aparelho este que foi instalado no Princess Theater de Bristol.

Da convivência quase diária com a gente do teatro o garoto sentiu que nele despertavam as aptidões herdadas do avô. Nessa época, aos treze anos, notando que não contava com a aprovação dos pais, Cary Grant fugiu de casa, acompanhando o circo de Job Pender, cujos espetáculos consistiam de números de dansas, trapézio acrobacia e números de "clown".

Relembrando esta fase de sua vida o grande artista nos disse:

— Embora não quisesse contrariar meus pais, que não desejavam para o filho a vida de artista de circo, assistindo todos os dias os espetáculos e vendo o trabalho dos elementos do Princess Theater, eu senti vontade de ser como meu avô. Depois de quatro semanas meu pai foi à minha procura e me levou de volta à casa. Passei um ano estudando, mas a minha paixão pelo circo não foi dominada e, pela segunda vez, fugi de casa.

Vendo que não podia controlar a paixão do filho pela vida de artista, o pai de Cary Grant não mais se opôs aos seus desejos. No circo, ele se especializara em certos tipos de comédias espalhafatosas, e quando a "troupe" foi para Nova York, contratada, em 1920, a garoto de 16 anos a acompanhou.

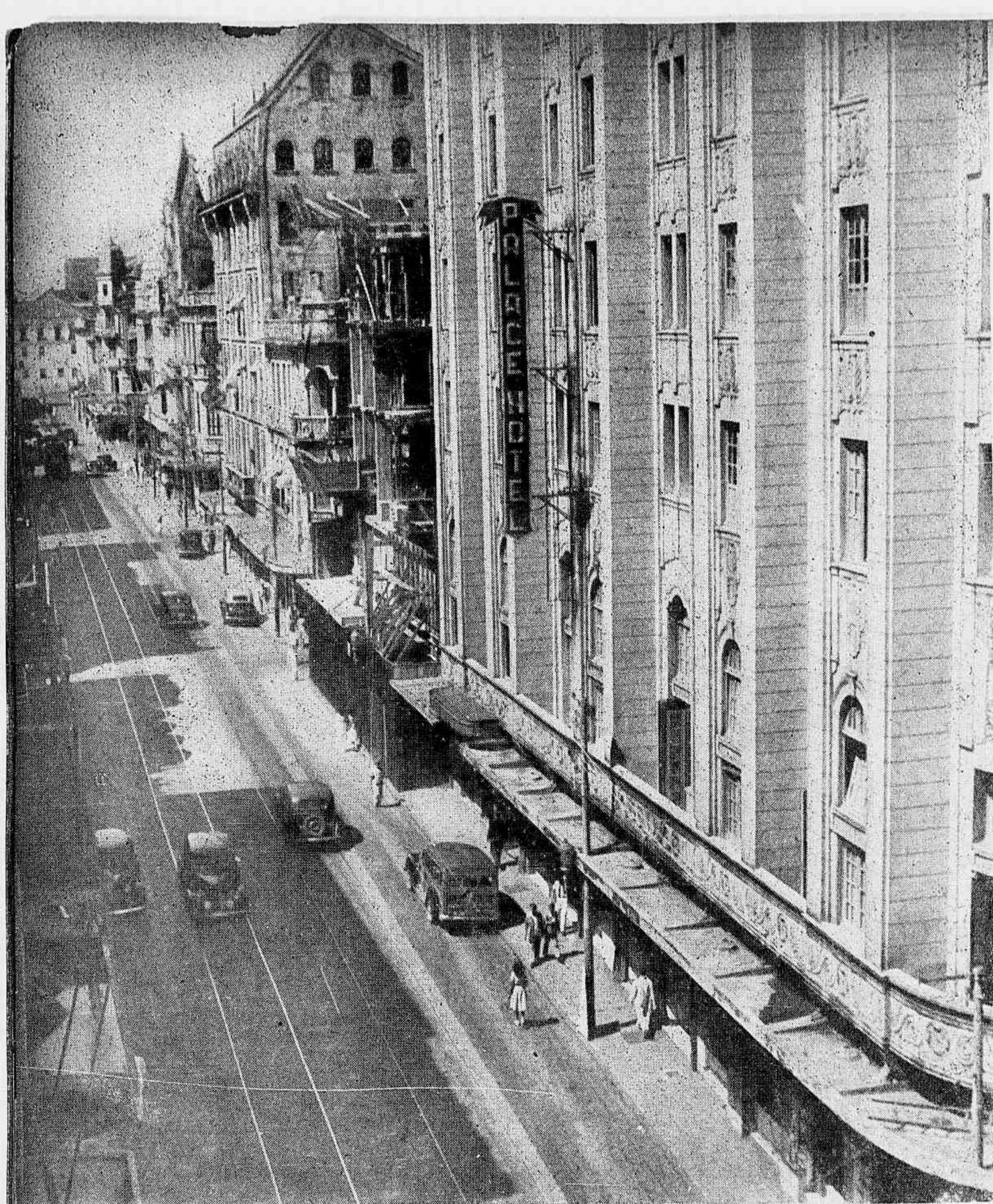
Após o término do contrato, Cary volta à Inglaterra e passa dois anos trabalhando em uma companhia teatral, desenvolvendo, então, as suas qualidades de cantor. Foi nessa época que Arthur Hammerstein, observando seus trabalhos, contratou-o e trouxe-o de volta à América, afim de incluí-lo no elenco da peça "Golden Dawn", que ia ser levada na Broadway. Nos Estados

(Cont. na pág. 58)



Em cima: Cary Grant e Myrna Loy, em uma cena de "O solteirão cobiçado". Ele e Myrna vão tomar logo em seguida um outro filme, "Mr. Blandings Builds His Dream House". Em baixo: o filho do alfaiate com Shirley Temple, que vimos no início de sua carreira com uma mamadeira à boca e agora já está beijando homens de 43 anos, como Cary Grant...





RUA CHILE

SEGUNDA PORTA DA BAHIA

A FAUNA HUMANA DA RUA CHILE — A TURMA DO "FIU-FIU" — ONDE ENTRA A "PINTA" DE ADEMIR — MÚSICA, AMOR E CONFORTO: CR\$ 3,00, PREÇO TABELA — OS BOATOS POLÍTICOS — A RUA INGRATA NÃO VOTOU EM SEU CANDIDATO — QUANTO CUSTAM AS LÁGRIMAS DE UMA TANGUISTA.

Reportagem de DARWIN BRANDÃO

Fotografias de GERVÁSIO BATISTA

VOCÊ já foi à Bahia? Então vá. E quando for não se esqueça de fazer um passeio à rua Chile, da cidade do Salvador. O passeio será curto (pois curtíssima é a rua), mas lhe asseguro que será divertido, verá coisas interessantes, próprias da rua, suas características. De início o previno que não verá a Bahia das casas velhas, das grandes igrejas, dos capitães da areia e dos candomblés. A rua Chile é a segunda porta da Bahia. Uma Bahia diferente, um misto de costumes americanizados, de costumes modernos em contraste com o seu famoso conservadorismo; uma salada mixta, enfim.

Comecemos, portanto, o passeio, e

rua começa propriamente do Hotel Meridional e vai até o Palácio do Governo ou então do prédio da Secretaria da Agricultura até o prédio da Associação dos Empregados no Comércio. Pois bem, dentro deste trecho se reúnem diariamente, o médico, o jornalista, o advogado, o estudante, o funcionário público ou o comerciante. Toda gente das mais variadas profissões e costumes passará pela rua Chile. E se você aí, meu amigo, quiser conhecer alguém na Bahia, visite a rua Chile, às 5 horas e ficará sabendo o seu endereço, profissão, seus amores e maneiras. Por aqui passa o homem de negócios, apressado, sosobrando uma pasta, que para um instante, abraça um amigo, olha uma "bóia",

continua seu caminho; como o advogado que vai ao correio colocar uma carta e ali se demora durante horas, ou então o estudante que "fila" a aula para ver uma garota, que dois dias antes lhe deu uma "bola". Outros vão às pressas pegar o bonde. Mas, ninguém deixará de passar pela rua Chile, pelo menos — porque — ora, para tudo há uma desculpa! — vai para casa... Ali são discutidos os problemas do país, fala-se da política interna e externa, trata-se do futebol, fala-se da vida alheia, conta-se anedotas e mais uma porção de coisas que só o baiano sabe fazer...

Mas, meu amigo, o mais importante, o mais atraente, o mais convidativo, a razão de tanta gente na rua, é o desfile das garotas. Por ali desfilam diariamente as mais lindas mulheres da Bahia. E há quem diga — os baianos dizem... — que as mulheres baianas são as mais lindas do mundo...

O "FOOTING" DAS SEXTAS-FEIRAS

Antigamente o dia de melhor "footing" na rua Chile era realizado aos sábados. Durante toda a semana o movimento se repetia. Mas, nunca como no sábado. Era o dia em que as garotas apareciam mais alinhadas; os rapazes usavam a melhor roupa, dia em que as matinês eram mais animadas, dia em que os estudantes não iam às aulas da tarde. Porém, com a concessão da "Semana Inglesa" aos comerciantes e, conseqüentemente, ao fechamento do comércio, a rua Chile perdeu grande parte do seu movimento aos sábados. Então os "habitues" arranjaram uma saída: mudaram o "footing" para as sextas-feiras. Portanto, é neste dia que se conhece melhor a rua Chile, que se conhece a outra parte da Bahia, desconhecida para o brasileiro que pensa não haver aqui "farofa amarela, vatapá e canjerê"...

A TURMA DO "FIU-FIU"

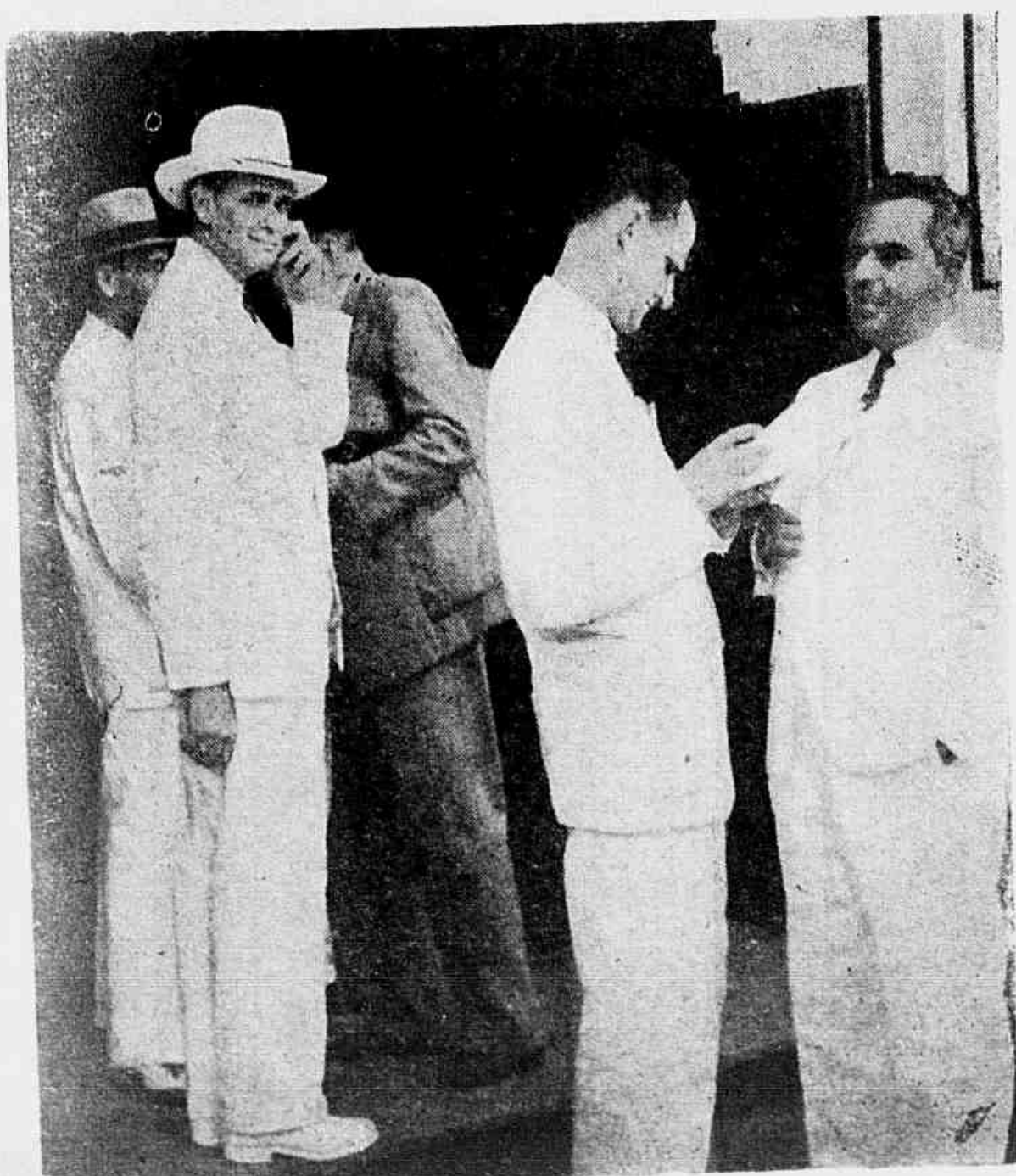
Como já lhe disse, a fauna humana da rua Chile é bem variada. Há tipos interessantes e cada um tem o seu modo de se divertir. Comecemos por falar da turma do "fiu-fiu", porque é a mais famosa. Esta é a turma composta geralmente por estudantes de nossas escolas superiores e se localiza quase sempre na porta da Confeitaria Chile, no meio do passeio. Formam algumas rodinhas, ficam contando boas anedotas, soltando escandalosas gargalhadas. De repente, porém, surge uma menina de

Esta é a rua Chile, em toda a sua extensão, vendo-se ainda a rua da Misericórdia. E, como se vê, uma ruazinha curta. Esta fotografia foi tirada pela manhã, com a rua sem movimento. Estas garotas foram a uma joalheria comprar um presente talvez. E na saída, sorridentes, são surpreendidas pela objetiva.





Em cima: A rua Chile, segunda porta da Bahia, é também sua via mais movimentada. Aqui o baiano passa tôdas as tardes que Deus lhe oferece e boa parte de algumas manhãs também. Médicos, advogados, jornalistas ou simplesmente transeuntes, gastam terça parte de sua vida conversando na rua Chile, fazendo compras em suas lojas, ou — isto é o essencial sob tudo o mais — olhando as garotas que param aqui, continuam ali, como uma abelha, um pássaro e mil flores. Em baixo, à direita: Na esquina do Palácio Rio Branco formam-se as clássicas rodas para as discussões políticas, comentários de filmes ou discussões sobre os destinos de clubes, como fazem aqueles encostados à parede, diretores que são do C. C. Fantoques da Euterpe. A esquerda: na porta da agência do Correios e Telégrafos, se reúnem geralmente os juizes, advogados e deputados. Aqui vemos, por exemplo, dois destes grupos.





A esquerda: Que dirão estas garotas? Falarão de coisas que ficam apenas na superfície de nosso humano entendimento, do mar e das nuvens? É muito mais simples. Elas são balanas e vão ali, na rua Chile, comprar vestidos, tomar espumone na Confetaria, deixar os balanos em suspenso, com um ar que não é propriamente o de São Tomás de Aquino.

"fechar o comércio". Então a turma perfillada, em posição de agir, solta gracejos, palavras carinhosas, sorriem e quando a garota passa por eles, deixando apenas o perfume, sem lhes dar importância, parte uníssono um formidável "flu-fiu". Isto é uma aprovação para as qualidades da menina. Agora ela será admirada em todo o percurso pela rua e quantas vezes passar pela turma quantas vezes levará os irreverentes "flu-fiu".

Do lado oposto, isto é, do outro lado da rua, estão os noviços, rapazes também, geralmente estudantes, que ainda não puderam entrar na turma do "flu-fiu". Estão treinando. Onde eles ficam há menos movimento e de modo que podem treinar bastante sem atrapalhar os "doutores". Apreendem como se diz um gracejo, como se obriga uma garota a soltar um sorriso, etc. Um dia, um dos componentes da turma dos "noviços" atravessa a rua e chega até a turma do "flu-fiu". Chega meio desconfiado, desajeitado, não é também recebido com muitas honras e faz uma prova prática: se souber dizer bem um di-xote e estiver de acordo com o exido, inclusive se souber o momento exato de dar um "flu-fiu", pronto... está aprovado. E assim vivem e se divertem os estudantes na rua Chile.

O DESFILE DAS MORENAS

Nenhuma garota balana gosta de perder o "footing" da rua Chile. Elas arranjam desculpas de toda maneira. Geralmente vão à ratinês e depois fazem o "footing". Quando porém, as meninas já conhecem todos os filmes dos cinemas do centro, usam um expediente bem conhecido e interessante: vão fazer compras. Muitas vezes saem de casa apenas com os níqueis do bonde e do sorvete. Mas entram e saem em todas as casas e nisto estão dando também o seu passeio, desfilando. As vezes procuram um objeto que sabem que não há, um balangandam de sua imaginação e que ainda não foi fabricado. Entram na loja (na rua Chile estão as casas mais luxuosas da Bahia), e são logo atendidas sollicitamente pelo caixeiro. Pedem uma fazenda. O caixeiro desce várias peças, argumenta, mostra as qualidades do tecido, a fixidez da cor e a beleza da padronagem. Mas as garotas querem apenas se divertir. E então arranjam a desculpa: é pena, gostei muito da fazenda, mas esta cor não combina com a minha bolsa... E assim vão elas, entrando aqui, saindo ali, dando trabalho aos caixeiros, que por sua vez ficam satisfeitos de atenderem a tão lindas garotas.

Apesar do grande movimento na rua Chile ser às 5 horas, muito antes começam a ser formadas as rodas. Os estudantes costumam quase sempre seguir o mesmo programa das meninas, indo sempre às matinês. Entretanto, quando a mesada é curta ou não foi possível uma "cavação", os rapazes vão cedo, se encostam nas vitrinas de

(Continúa na pág. 55)

Na página à direita: Algumas belezas da Bahia. Sua juventude alegre, sadia, americanizada em muitos costumes. A rua Chile é o celeiro, o ponto de encontro para discutirem o último disco de Artie Shaw, as mangas japonesas de certo figurinista. E, ainda, a rua onde fazem compras, que trazem muitas vezes nas mãos e sob os braços, num exemplo vivo do tempo que vivemos. E a senhora que teve seu tempo, que olha agora a rua com outros olhos, as vê e sorri. Quem sabe o que guarda de suas recordações da rua Chile?

a-
a-
ls
na
os
-
o.

a
-
e-
-
n
-
a
-
n
-
o
s
te
o
-
es
-
c
-
i-
-
e
a
-
a
-
o-
-
a
-
-
o.
le
-
o-
os

r-
r-
e-
-
i-
-
c-

os
-
i-
-
n-
lo
ns
o
-
io
io
m
as
go
o
ce
u-
a
as
-
i-
-
io
io
ez
io

ia
o-
os
e-
ul-
io
es
de

les
la.
A
n-
de
de
de
è-
m-
-
ha
vè
de



A MULHER DO CONDUTOR

O LHE aqui!... faz favor?
Ela continuava olhando o esquisito reclamo do novo remédio que se diz capaz de dar a vista aos cegos de nascença. Horrível aquele olho enorme que serve de cabeça a um corpo menor do que ele! Por que aquela esquisitice? Por que não fizeram uma coisa que espantasse menos? Um arrepio percorre-lhe todo o corpo, ao fitar aquela pintura de mau gosto, mas, sem saber como, sente-se presa da observação de semelhante espantinho.

— Moça, olhe aqui!... faz favor?

Volta-se, finalmente, para o condutor, mas o que vê é o mesmo homem da cabeça de um olho só, com a mão estirada para o seu lado. Fica parada e indecisa. De repente, a cabeça adquire nova forma, com um par de olhos bonitos, que ela compreende serem os olhos do condutor. Suspira. Abre a bolsa e paga a passagem.

Bem. Não olhará mais para o reclamo. Volta-se para fora. Passam as casas. Os postes da iluminação. Mais casas ainda. Agora é um sítio muito grande. Fruteiras. Lá por cima está o céu estrelado. Mas também está a lua. A lua, redonda como a cabeça do homem do colírio. E o olho? Lá também está aquele olho horrível de arrepiar cabelos. Não, lá na lua estão os dois olhos bonitos do condutor...

— Ponto de seção!

★

Aquele baile não lhe está agradando. Essa história de conga, rumba, bolero, só para galego mesmo. Vai sentar-se disposta a não dançar mais.

— Senhorita, faz favor?

Ela olha e vê os olhos do condutor. E o bonde? E a cara de um olho só? Mas, ali não é bonde. É um baile. Sim, irá com a condição de ele pedir u'a música nem brasileira. Ele aceita e diz aos músicos algo que ela não compreende. Dansam. Ele conversa. É condutor da Nordeste, de Maceió. Certo dia viu-a no bonde, muito pensativa, mas gostou do seu semblante...

Agora é a jazz:

Seu condutor, dlim!dlim!

Seu condutor, dlim!dlim!

Para o bonde pra descer o meu amor.

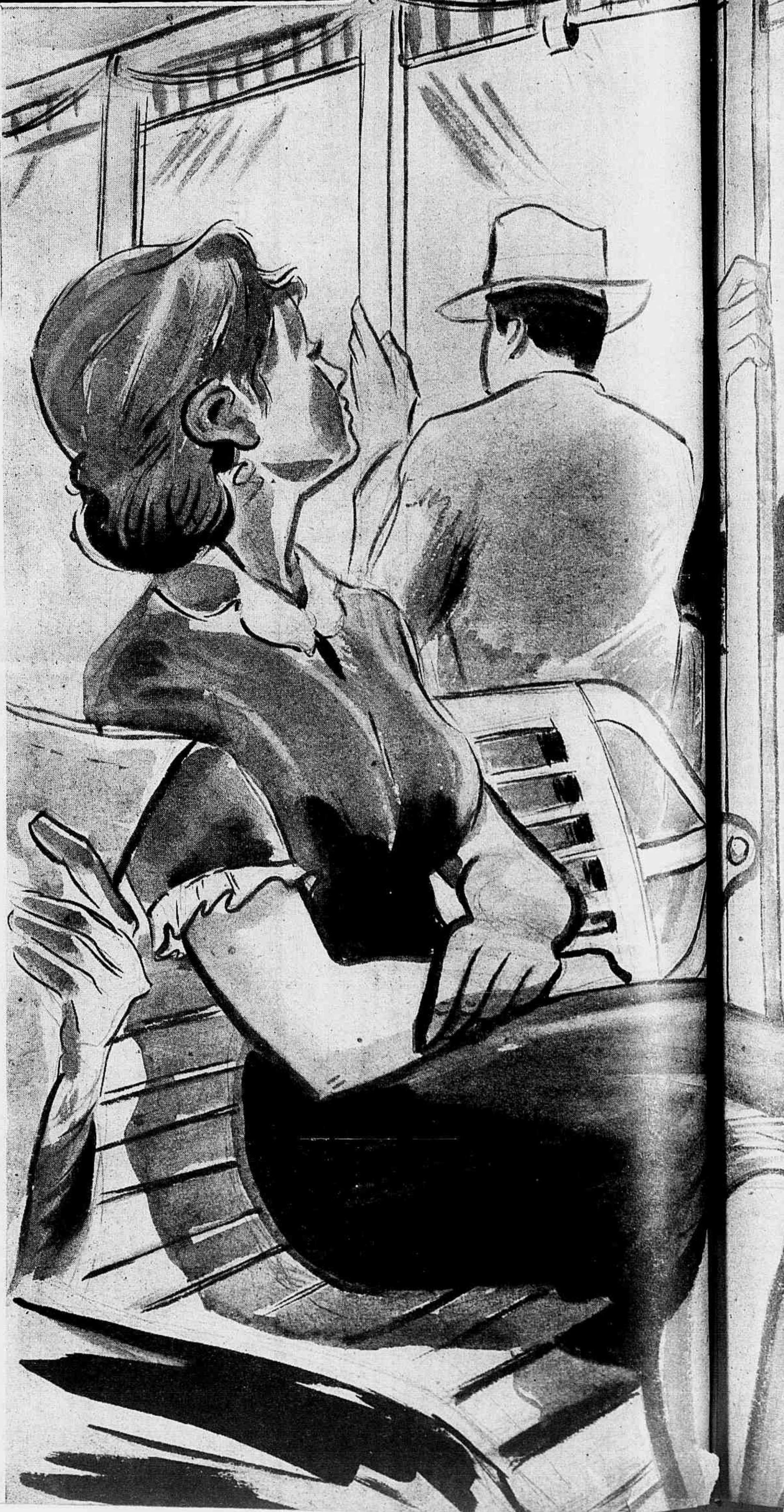
Ele continua. Chama-se Enoque e quer saber o seu nome. Se está gostando da festa. Se vai embora logo. Mas o que ela faz é perguntar por que ele pede por favor, quando cobra as passagens do bonde. Não é um dever do passageiro pagar o bonde em que viaja? Não é um direito da Companhia cobrar a passagem? E por que cobrar, pedindo por favor? Surpreso com semelhante pergunta feita num baile, após lhe haver ele quase falado de amor, Enoque se cala um instante, para depois responder que a cortesia é também um direito e um dever. E, assim, consegue saber que ela se chama Laura, está gostando do baile e não vai já embora.

★

Tudo isso Laura recorda naquela tarde de domingo, com os dois filhinhos aconchegados ao seio, à espera de Enoque para o costumado passeio dominical. Parece um ruminante, sentindo o gosto bom daquele feliz começo de amor com esse que é hoje seu marido. Torna, porém, à realidade presente e experimenta o dorlindo de certa inquietação. Três horas da tarde. O marido deveria ter largado ao meio-dia, e até aquela hora não chegara.

D. Luísa, a vizinha, aparece para lhe dar a nova e começa a fazer circunlóquios em torno da verdadeira notícia. Esta vida é o diabo mesmo. Uma luta sem fim. Uma salada de alegria e tristeza, riso e choro, prazer e sofrimento. Mas sempre o sofrimento. A vida, na verdade, é uma ilusão. O que é preciso é saber sofrer com resignação; mais sofreu Jesus. Bemaventurados os que choram, porque eles serão consolados. Não há nada, porém. Enoque está preso; mas não é possível que não se solte logo.

Laura nem sequer olha para a vizinha. Recebe a notícia, como se a tivesse lido num papel mudo de jornal, pede licença, fecha a porta e vai sair com os dois filhos em busca do marido. Não; não é preciso. Enoque chega e lhe conta o ocorrido. Não foi nada. Por causa de trêco, uma questão com um passageiro. O homem queria o



Conto de **OSCAR SILVA**

Ilustração de **A. ZALUAR**



trôco duas vezes. Ele sabe, com efeito, de colegas que gostam de lesar os passageiros, deixando o trôco para depois, à espera de que estes se esqueçam de procurá-lo; mas a consciência não o acusa de tal procedimento. Tem a certeza de haver devolvido o trôco daquele homem. O homem queria, porém, novo trôco. Ele não quer questão, mas também não quer dar o seu dinheiro aos outros. E vem ladrão e vai ladrão. E vem bofete e vai bofete. Quem deu primeiro foi o homem, mas quem foi preso foi ele. Não se pode faltar com o respeito aos passageiros. Foi preciso o gerente pedir, para poder saltar-se. Mas teve de dar à polícia o novo trôco do homem: Cr\$ 9,60.

De tudo foi o pior, pensa Laura. Ficasse preso. Soltava-se depois; mas não tirasse dos filhos para dar a um aventureiro. Não — ela mesma é quem reflete: ele não devia fazer isso. Tinha de concordar com a polícia, se queria viver em paz. Não trazia um centavo para casa, é certo, mas ia viver em paz.

E, pela primeira vez, Enoque e Laura deixaram de passear numa tarde de domingo.

★

Val ser muito bom, o melhor mesmo, o Carnaval da Vitória. Laura já está certa de ir com o casazinho de filhos. Só é preciso comprar uns sapatinhos para Ivete e uma blusa para Joãozinho. Enoque já disse que os comprará no domingo. Espera que o movimento de sábado à noite lhe deixe alguma coisa a favor.

Meia-noite. Já passou o Zé Pereira. Já se recolhem os clubes. Já não se ouve música alguma. Os meninos dormem. Laura, porém, vela, aguardando a chegada do marido. Espera. E desespera, quando este chega e lhe diz que o encerrante lhe deu um prejuízo de Cr\$ 36,00. Aquele fiscal de cara larga e chata como um bolachão. Aquele peste, inimigo dos condutores. Só numa viagem de 80 passageiros, ele marcou 120. A mulher pergunta-lhe porque não apelou para o gerente. Qual gerente, qual nada! Na Companhia o juiz é o encerrante.

Passaram-se os três dias, e Laura não saiu de casa. Quarta-feira de cinzas. Uma hora da madrugada. Enoque chega alegre. O encerrante de terça-feira marcou Cr\$ 60,00 a seu favor. A mulher fica triste e calada. Adeus Carnaval da Vitória!...

★

Naquele dia, antes de Enoque sair para o trabalho, Laura fizera tudo para convencê-lo de que devia deixar o emprego e procurar outro serviço. Aquilo não era vida. Concordar para viver! Concordar com um fiscal desumano, concordar com um encerrante sem alma, para viver miseravelmente! E ela? E o futuro daquelas duas crianças?

Enoque saiu pensativo. A mulher tinha razão: com aquele meio de vida ele não podia dar-lhe o conforto que merecia e tratar da educação dos filhos. Aquilo não era emprego, era um jogo. Pior que um jogo, muito pior: no jogo a sorte é quem manda; ali, o coração do fiscal. E nem todo fiscal tem coração. Mas... não; ele não podia deixar a Companhia. Tinha amor ao serviço. Dez anos de condutor. Mas, um dia também seria fiscal. Um fiscal humano, amigo dos condutores; mas, um fiscal. E a mulher do fiscal Enoque, os filhos do fiscal Enoque, seriam mulher e filhos de gente...

★

Recebeu a pancada, viu o mundo rodando e caiu. Acordou e viu aquela fila de leitos brancos em sua frente. Ficou olhando e compreendeu estar num hospital. Procurou encolher as pernas, mas só encontrou uma. Estirou o braço e encontrou o coto da outra perna. Volveu a cabeça e viu a mulher e os filhos a chorar. Fechou os olhos, para não sentir aquela realidade desesperadora, e viu u'a mulher bem trajada e dois estudantes muito alegres. A mulher e os filhos do fiscal Enoque. Abriu os olhos e viu chorando a mulher e os filhos do condutor. Fez uma careta horrível, torceu-se com todo o esforço que lhe permitia a gangrena, fechou os olhos e não os abriu mais.

★

— Olhe aqui... faz favor?

A viúva olhou para o condutor, pediu que fizesse parar o bonde e saltou com os filhos. Não; nunca mais andaria a bonde. Seria essa a sua vingança da Companhia.

Saiu a pé pela Avenida. Por cima das casas apareceu a lua. Laura começou a olhar a lua, e duas grossas lágrimas rolaram-lhe pela face já envelhecida. Não; queria viver, mas não concordava. Não concordava com a lua daquela noite. Lua que não tinha os olhos bonitos do condutor Enoque. Lua que tinha um olho só e horrível, como o olho do homem do colírio...

Premiado no Concurso Permanente
de "REVISTA DA SEMANA"

COREOGRAFIA ROMANTICA

ESCRAIGNOLLE DORIA

O Romantismo foi escola literária inovadora de grande vinco no século XIX, chegou mesmo a modelar sociedade, valendo-se do teatro para sua propaganda, nos palcos adorando a coreografia.

Empenhou-se o Romantismo em luta de vida e morte contra o Classicismo. A primeira representação do *Hernani*, o longo drama versificado de Victor Hugo, a 25 de Fevereiro de 1830, ficou sendo a "noite de batalha", a das armas da desaprovação ou contra as dos aplausos, conforme partidos, numa sala da Comédia Francesa florida de sexo feminino todo sêda, joias, flores, espáduas nuas, como foi então registrada.

Da "batalha do *Hernani*" em diante, o Romantismo afugentou do teatro, cada vez mais, a tragédia clássica, em verso de dição pausada, de intérpretes vestindo clamides e peplos.

No palco almejou o Romantismo a leveza aérea, a graça das atitudes, o passo aligero. Só o bailado podia dar-lhe tudo isto, substituído o pesado coturno grego pelo calçar de cetim.

A serviço do bailado romântico acudiu o mundo fantasmagórico tão de certas obras de Shakespeare. Também um pouco de Oriente e muito de Alemanha pôs a dançar a perli, a willis, no mundo imaginário coreográfico igualmente figurando o gnomo grotesco e a sílfide de graça etérea.

O Romantismo encarnou a Sílfide em Maria Taglioni, revivida em Anna Pavlova em nossos tempos ultra-realistas.

A qualquer glória sempre se contrapõe outra glória. A da Taglioni outra se contrapôs em arte coreográfica na idade de ouro do Romantismo. Com a Taglioni rivalizou Fanny Elssler, afilhada de Haydn, padrinho era de vista em arte.

Filha de Felipe Taglioni, Mestre de baile, e de mãe descendente de afamado cantor sueco, Maria Taglioni, dançarina nas lições paternas de coreografia, achou em casa profissão e a sua arte. Deviam ambas torná-la idolo dos públicos de teatro do primeiro quartel do último século.

Taglioni estreou em Viena e saiu a brilhar à luz dos grandes palcos da Europa, tornando-se artista preferida de uma rainha e de um czar, Victoria e Nicolau I.

Mas na época quem dava consagração suprema a glórias de toda a espécie?

Era Paris, onde a Taglioni teve apogeu e viu a seus pés, no caso a palavra de inteira propriedade, não poucos admiradores ilustres, entre os quais Victor Hugo e Chateaubriand, este septuagenário amoroso, na admiração pelo eterno feminino que lhe preencheria a vida, inspirando páginas de sua prosa musical. E a admiração pelo Belo na velhice pode contentar-se com a simples forma de uma sãia à distância.

Segundo Mangrou, estudando o Romantismo em relação à Moda, os românticos se esforçaram em combinar tudo quanto imprimisse à mulher ares de idealidade seráfica. Para isto, fisicamente, a Taglioni era modelo, fadado a triunfos artísticos.

Tê-los-ia repetido, porém, não exclusivos. Desde os jardins as rosas costumam trazer espinhos e os tem o que se chamam as rosas da vida, os prazeres.

Uma rivalidade é sempre de espinho cruel. Conheceu-o Maria Taglioni, tendo de enfrentar rival em duelo coreográfico a interessar públicos da Europa, a começar por Paris.

Preparada em arte coreográfica por mestre de baile francês, Aumer, Fanny, Elssler, a vienense teve primeiro triunfo em Berlim para que Londres por ela se entusiasmasse.

Faltava a promoção de Paris. Teve-a Elssler, contratada vantajosamente para a Opera parisiense pelo diretor desta.

Contratando a Elssler, obedecia Véron ao propósito mesquinho de vingarse de caprichos da Taglioni. Qual a estrela sem caprichos? Que a apontem os empresários.

No palco da Opera de Paris ficaram em luta, qualquer luta gerando partidos, daí taglionistas e elssleristas, tendo Taglioni por principal defensor Julio Janin e a Elssler encontrando Teófilo Gautier por principal exaltador.

Fanny Elssler tinha irmã que se distinguia na arte coreográfica e não sem fama, dançando ambas nos mesmos palcos, juntamente ou cada uma de per si.

Reconhecendo o valor artístico inegável da Taglioni, Teófilo Gautier punha pena de ouro a serviço de Fanny sem de caminho se esquecer de recomendar Teresa Elssler, que merecia a recomendação.

Crítico teatral, Gautier pôs em paralelo os talentos artísticos da Taglioni e da Elssler, em colorida linguagem esta-

belecendo a diferenciação em arte das duas rivais.

"Taglioni é uma ballarina cristã se licito empregar a expressão, tratando-se de arte proscripita pelo Catolicismo. Taglioni volta qual um espirito, em meio de alvas musselinas com as quais lhe apraz cercar-se. Semelha uma alma feliz, a dobrar apenas com a ponta de roseos pés a ponta de flores celestes".

"Fanny Elssler é uma ballarina pagã, ao atirar braços acobiçados e como que mortos de volúpia, dir-se-ia uma dessas figuras de Herculano e Pompeia a destacarem-se brancas em fundo negro, acompanhando passos a som de crótalos sonoros. O espiritismo é sem dúvida coisa respeitável, mas quanto a dança bem se pode fazer algumas restrições."

Em 1832 casou-se a Taglioni com o conde Gilberto de Voisins, união infeliz apenas de três anos, sem tolher carreira de arte coreográfica a quem nela tanto brilhava.

Na admiração pela "febre saltadora", Londres competiu com Paris nas homenagens à Taglioni, missionária de arte cristã na Grã Bretanha anglicana.

Não só no tempo do Romantismo se considerou a vida e a arte da Taglioni.

Em 1929, portanto bem perto de nós, André Levinson biografou a Taglioni. Mas quem melhor escreveu sobre a Sílfide, escrevendo com o coração, foi Gilberto des Voisins, neto da famosa dançarina, contando-lhe a existência nos *Souvenirs de Marie Taglioni*, dançase.

Teófilo Gautier e bem depois Augusto Ehrhard, este em interessantíssima obra ilustrada, historiaram a Elssler que tendo revelado à Europa a cachucha e foi dançar em terra bem espanhola, Havana, onde um plantador de fumo, presenteando com o que cultivava, enviou à dançarina uma caixa de cigarros.

FANNY ELSSLER (1810-1884)



Intrigada com a dádiva, Elssler tomou um cigarro, achando-o pesado demais, tirou-lhe o envólucro. No interior do cigarro só achou ouro. E a caixa continha cigarros da mesma marca.

Em Havana choveu ouro para Elssler; nos Estados Unidos choveram dólares, prático o entusiasmo yankee.

Na série de presentes originais ganhos por Elssler também se incluiu a dádiva de admiradores italianos. Dançava a Elssler em Turim onde lhe quiseram ofertar uma coroa de ouro. Não querendo, porém, os afertantes melindrar Victor Emmanuel foram consultá-lo. Disse o rei: "Não me parece muito feliz a ideia da coroa, por ser esta feita para a cabeça e não para os pés. Consintam os senhores ofertantes que eu repare o engano".

Logo depois o rei mandava à Elssler um par de chinelos ornados de brilhantes.

A Fanny Elssler sempre sobram bailados a ela oferecidos por compositores célebres, entre eles Meyerbeer.

No repertório dançante da Elssler figura bailado ao qual se refere Teófilo Gautier, bailado intitulado *Bresília* e cuja ação se passava na América e numa floresta do novo continente.

Do Brasil, no fim de sua vida, conservaria Elssler nítida lembrança, assinalada a reassinalar agora.

Após trinta anos de reinado efetivo, pôde D. Pedro II realizar o seu sonho dourado, viajar, vendo mundo estrangeiro. Nele, por atavismo, a Austria devia ser grata, o imperador do Brasil, filho da arquiduchessa D. Leopoldina, vienense de berço.

Que D. Pedro II unia Brasil pátria e raça de Habsburgo provavam-no as suas condecorações habitualmente trazidas pelo monarca, isto é, a ordem do Tosão de Ouro austríaco e a ordem brasileira do Cruzeiro.

Notícias de imprensa acerca da parte da excursão de D. Pedro, notícias reunidas por Marques dos Santos, permitem acompanhar, sem maior consulta, a bibliotecas, o percurso feito pelo excursionista através da Europa e do Egipto em 1871 e 1872.

Em Viena visitou D. Pedro II a Opera em cuja sala de espectadores, sobre camarotes, ostentavam-se medalhões com os retratos de artistas célebres. Examinando a sala, o imperador deu com os olhos no medalhão contendo o retrato de Fanny Elssler.

Logo perguntou D. Pedro II à pessoa da legação brasileira que o acompanhava em visita, à tal pessoa declarando crer a Elssler falecida há muito.

— Não, Ma'estade, Elssler vive e aqui mesmo em Viena.

Mostrou então D. Pedro II desejo de vê-la. Ao ter disto conhecimento, Elssler dirigiu-se ao hotel da hospedagem do Imperador, que recusara alojar-se em palácio da corte austríaca.

Ausente on momento o Imperador, foi a visitante recebida pela imperatriz D. Teresa, até chegar D. Pedro II. Cuviu este da artista recordações de sua carreira.

Ao retirar-se, a Elssler solicitou a graça de ser aceita a oferta, ao par imperial, de um seu retrato gravado em medalha, como prova de seu agradecimento pelo alto obséquio da recepção.

A visita ao Hotel Munch era uma dessas visitas fadadas a não se reproduzirem, a never more pelo apartamento de mútuos destinos.

Nascida em Viena a 23 de Junho de 1810, Fanny Elssler por ocasião do encontro no Munch, contava sessenta e um anos de idade. Viena dera-lhe berço, dar-lhe-ia túmulo, em fins de 1884, sete meses após a morte de Maria Taglioni, pobre depois de milionária, expirara em Marselha.

A Taglioni e Elssler deixaram memória sempiterna na arte coreográfica, nela se apresentando soberanamente a lindouros na lembrança de duplo cortejo de admirações, tendo inspirado atenção e louvores a grandes cultores da poesia da prosa e da música.



SOB o pseudônimo de Marivone, trabalha no rádio a cantora Lourdes Cardoso, cuja atuação em "Rapsódia Carioca" é das mais apreciáveis. Dedicando-se ao gênero popular, interpreta com muita naturalidade o nosso samba, sem imitar esta ou aquela estrela de rádio. Nascida e educada em São Salvador, conta, presente, vinte e cinco anos de idade, uma vez que nasceu a dez de maio de 1922. Seu primeiro contacto com o microfone deu-se na Bahia, por intermédio da Rádio Sociedade, onde, nessa época, também atuavam Erik Cerqueira, Dorival Caymmi e Antonieta Lopes. Nessa emissora veio a conquistar o título de "a melhor cantora popular do Norte" e a conhecer Erik Cerqueira, que a trouxe para o Rio, lançando-a através da Rádio Transmissora, no decorrer de 1938. Na PRE-3, Marivone teve oportunidade de apresentar alguns números de sucesso, sem conseguir, contudo, gravá-los em disco. Mais tarde, quando da criação da Rede Fluminense de "Broadcasting", para aí se transferiu, trabalhando com vários "medalhães", como Carlos Galhardo, Nelson Gonçalves e outros. Além de sua presença no rádio, dedicava-se ao estudo, tendo concluído o curso ginasial. No momento, pertence à Rádio Globo, desempenhando funções na Divisão de Rádio-Teatro, e atuando em "Rapsódia Carioca". Seu maior desejo, porém, é ser rádio-atriz, o que espera ser muito breve. É solteira; gosta muito de cinema; não despreza o banho de mar e aprecia o futebol.

RAUL Longras começou sua carreira como locutor de programas, ao microfone da Cruzeiro do Sul, ao tempo em que Heber de Boscoli ali brilhava. Mais tarde, seduzido por ótima proposta da Rádio Ipanema, ali foi trabalhar na qualidade de animador de programas de calouros, além de atuar nos de estúdio. Nesse prefixo teve sua primeira oportunidade no setor esportivo, substituindo Erik Cerqueira, durante a transmissão de um renhido jogo entre o Flamengo e o Vasco. Da PRH-8 saiu para ingressar na Tamóio, sendo encarregado da feitura dos jornais falados. Mais tarde, com Januário Ferrari, lançou "Para você recordar" e "Cancioneiros famosos", dois programas ainda existentes. Também colaborou na divisão de esportes, auxiliando o Mário Provenzano. Atuou ainda na PRG-3, lendo telegramas dos jornais falados. Por fim, estreou como rádio-ator, fazendo o papel de Faustino, na novela "Rosa de sangue", irradiada pela PRB-7. Foi um tipo característico, que ainda hoje é lembrado por todos os ouvintes. Com a saída de Antônio Cordeiro da PRA-3, Renato Murce convidou-o para dirigir a parte esportiva da Rádio Clube do Brasil, embora tivesse sério concorrente ao posto. Feitos os "tests" necessários, Raul Longras levou a melhor, assinando contrato de exclusividade da PRA-3. Na qualidade de "speaker" esportivo, já visitou vários Estados, a fim de transmitir grandes pugnas futebolísticas. Carioca de nascimento, cresce, cada vez mais, na estima dos "fans". De estatura mediana e um tanto gordo, seus companheiros de estação o apelidaram de "Azeitona". Raul Longras já integrou um conjunto vocal.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

A aventura radiofônica de Paulo Roberto começou no tempo do Programa Casé, quando lhe entregaram a redação de textos e a elaboração de programas. Depois, na falta de um locutor, veio, também, a ocupar o microfone, lendo textos e anunciando artistas. Com o correr do tempo seu nome foi ganhando popularidade e um dia chegou à direção artística da Rádio Cruzeiro do Sul, onde manteve programas de enorme sucesso, como "Lira de Xopotó", "Teatro da Cinelândia", "Vozes do morro" e tantos outros. Escreveu, também, "Coisas que incomodam na Cidade Maravilhosa", lidas ao microfone pelo atual vereador Ari Barroso. Deixando a Cruzeiro, ingressou na Tupi, aí mantendo "Serestas de Silvio Caldas" e outras agradáveis atrações. Da PRG-3 passou para a prestigiosa Rádio Nacional, escrevendo, entre outros, os programas "Obrigado, doutor!", "Nada além de dois minutos", e "Almanaque Kolinos". Como narrador, apresenta "Caricaturas" e já comandou "Almanaque Kolinos". Formado em medicina, exerce essa profissão na Maternidade de Cascadura, onde, aliás, usa seu verdadeiro nome, que é José Marques. Também dirige uma revista médica e chefia o departamento de publicidade de importante laboratório. Possui um livro publicado, no qual reuniu uma série de anedotas sobre o ex-ditador Getúlio Vargas. Colaborou em vários jornais e revistas, assinando ainda a seção radiofônica de uma revista carioca. Espírito folgazão, Paulo Roberto, que é mineiro de nascimento, tem sempre um caso pitoresco para contar. É defensor intransigente da música popular brasileira.

O teatro de revistas tem em Celeste Aida Santana um dos seus mais destacados elementos, o mesmo acontecendo ao rádio, que, embora contando com seu concurso esporadicamente, nem por isso deixa de valorizar-lhe o trabalho. Iniciando sua carreira radiofônica ao microfone da Guanabara, quando Alberto Manes era seu diretor, a hoje esposa do ator Colé Santana não mais interrompeu-a. Trabalhou com Barbosa Júnior no "Programa Picolino", ao tempo da Mayrink Veiga; cantou na extinta Cajuti, na fase áurea dessa estação; atuou em diversos cartazes humorísticos da Tupi e hoje é uma das atrações da PRE-3, aparecendo ao lado do esposo em cortinas cômicas e em duetos humorísticos. No teatro, trabalhou em diversas companhias de revistas, sendo que no momento integra o elenco de Chianca de Garcia. Sua presença em "Um milhão de mulheres" foi destacada, o mesmo acontecendo em "O rei do samba". Na ribalta, Celeste Aida experimentou a maior emoção de sua carreira artística, quando lhe coube ser primeira figurante na revista "Camisa amarela". Com trinta e dois anos de idade, pois nasceu a 1 de setembro de 1915, a conhecida artista não pretende abandonar o palco, — mas isto não a impede de colaborar no "broadcasting". Celeste Aida breve visitará alguns países sul-americanos, acompanhando o elenco de Chianca de Garcia. É possível, também, que realize curta temporada numa das emissoras bandeirantes, uma vez que já recebeu duas interessantes propostas. Fora do rádio e do teatro, ela dedica-se à leitura e às diversões.





NOS ULTIMOS DIAS DO IMPERIO

A CORPORIFICAÇÃO DA CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA

Por VIRIATO CORREIA

(Da Academia Brasileira de Letras)

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

ERA a 11 de novembro de 89. Faltavam apenas quatro dias para ser pôsto o trono abaixo e ainda não se tinha, a favor da República, uma única palavra daquele que ia ser o proclamador do novo regime.

Até ali os intuitos de Deodoro eram apenas derrubar o ministério Ouro Preto.

Só na noite daquele dia, o velho general se decidiu a ser chefe de uma revolução republicana, ou melhor, se decidiu a aceitar a feição republicana que se havia dado à conspiração em que ele estava envolvido.

E foi Benjamim Constant, com o seu prestígio e a sua pertinácia, quem teve a habilidade de torcer Deodoro. A conversa entre os dois, a conversa em que se tratou decididamente da forma de governo que a conspiração implantaria, essa só se realizou às duas da tarde, naquele dia 11, em casa do general, no sobrado do Campo de Santana. Estavam presentes o tenente Sebastião Bandeira e o capitão Hermes da Fonseca.

Benjamim começou dando a Deodoro a notícia de que o general Almeida Barreto aderira ao movimento. Velhos ressentimentos traziam separados os dois militares. Mas, ao saber que o seu antigo camarada corria ao seu encontro,

Deodoro emocionou-se. Benjamim aproveitou a emoção para lhe influir no espírito. Aquilo não podia continuar: com o aspecto de uma agitação de classe. Não poderia ser uma "quartelada", nem um pronunciamento militar com finalidade inferior de deposição de um ministério. O país estava agonizando. O império estava podre e caía aos pedaços. O movimento devia dar vida ao país, vida nova, cheia de seiva e de liberdade. E essa vida nova não podia ser senão a República. O Exército teria o coração agradecido da pátria no dia em que arrasasse o trono. E não havia oportunidade melhor do que aquela: todas as simpatias se congregavam em derredor das forças armadas para que elas realizassem a sua maior obra. Era necessário dar ao movimento uma feição de popularidade. Era necessário que a revolução fosse uma revolução nacional. Deodoro, deitado na cama de enfermo, ouvia-o com interesse e com ênlevo. Benjamim julgou que havia chegado o momento culminante e disse inesperadamente:

— Para trabalhar conosco devemos convidar Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo, Lopes Trovão, Rui Barbosa...

Ainda não havia concluído de dizer os nomes dos chefes republicanos, já Deo-



O marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República.

Na página à esquerda: D. Pedro II caiu sem resistência. E quase sem acreditar que estava mesmo caindo... Aqui aparece o velho imperador, em companhia de sua família: a imperatriz, a princesa imperial D. Isabel, o genro, Conde D'Eu, e seus netos.

doro estava sentado na cama, perguntando:

— Que temos nós com paisanos?

Benjamim volta aos argumentos expostos. Fala vários minutos, com mais calor e mais vibração. Sebastião Bandeira, ali ao lado, ajuda-o. Não, não é possível! a revolução não pode ser um pronunciamento de fardas; deve ter, para a sua grandeza, uma expressão nacional.

O general cedeu. Por fadiga ou por delicadeza, a verdade é que cedeu. Que viessem os paisanos!

Combinou-se que Deodoro mandasse chamar à sua casa os comandantes dos corpos da 1.ª Brigada que ainda não tinham aderido à conspiração.

E não se espantem, leitores! aventou-se ali dentro daquele quarto a idéia do velho general ter, com o próprio ministro da Guerra — o visconde de Maracajú, um entendimento sobre o golpe que se ia dar. O ministro da Guerra devia ser prevenido para que, como militar, não sofresse as duras consequências que poderia trazer uma luta entre companheiros de classe.

— E por que não havemos de prevenir também o Floriano? — lembrou o futuro proclamador.

A alegria fulgiu em todos os rostos. Floriano Peixoto, como ajudante geral do Exército, tinha nas suas mãos as molas de todo o serviço militar. A sua adesão tornava facilíssima a vitória do movimento.

— Pois eu vou mandar chamar o Floriano, — disse Deodoro, resolutamente.

— Não havia tempo a perder. A reunião, com a presença dos chefes civis, deveria ser naquele mesmo dia, às nove da noite, ali, naquela própria casa.

Benjamim e Sebastião Bandeira saíram à procura dos chefes da propaganda republicana.

De fato, à hora marcada, Quintino, Aristides, Rui, e Francisco Glicério, chegavam ao sobrado do Campo de Santana. Já lá estavam Cantuária e o major Solon.

E a conferência foi, no começo, uma coisa profundamente constrangente. Deodoro recebeu os paisanos, de cambra, deitado ao comprido num sofá, de peito para o ar, com a respiração em-

baraçada por uma ligeira crise de dispnéia.

Benjamim fez as apresentações. E quando ele esperava que o general dissesse qualquer palavra amável às visitas, o general ficou calado, incrivelmente calado, incomodamente calado.

Por que não falava? Porque a moléstia lho impedia? Não. Dessas coisas que acontecem. Não falava porque não falava. Como que um aborrecimento lhe travava a língua. Como que um constrangimento lhe regelava a vontade.

As visitas entreolhavam-se discretamente. Ora, essa!... Benjamim estava aflito, enfiadíssimo. Nunca os minutos tiveram, como naquele momento, a duração de séculos.

— O chá está na mesa, — disse um criado que entrou.

Deodoro, sem se lembrar de que estava diante de hóspedes de cerimônia, respondeu secamente:

— Não quero chá.

As palavras do criado, as palavras do general, como desanuiaram a ebulição de Benjamim. Acendeu-se-lhe a voz. As palavras brotaram-lhe na boca com espontaneidade e tanta veemência que ele próprio se surpreendeu. Fez uma exortação sincera, candente, infiltrante. Os que ali estavam, disse com a voz e as mãos trêmulas pela mais profunda das emoções, os que ali estavam, ali tinham ido pedir redenção da pátria. A pátria só pela República podia ser redimida. Os homens de patriotismo, que ali se achavam reunidos, em nome do Brasil concitavam o herói dos campos do Paraguai a proclamar a forma de governo que redimiria a nação.

Deodoro tinha um coração profundamente emocionável. Quando Benjamim se calou, tremiam-lhe as mãos, tremiam-lhe as belas barbas brancas, e os seus olhos mostravam uma comoção vizinha das lágrimas. Sentou-se no sofá. E lentamente, arfantemente, falou:

— Eu queria acompanhar o caixão do imperador que está velho e a quem respeito muito.

E depois de passar e de repassar, como era de seu hábito, o dorso de uma das mãos contra a palma da outra, murmurou tristemente:

Floriano Peixoto disse: "Seu Manoel, a monarquia é inimiga disto".



Benjamin Constant, o homem que convenceu Deodoro.

— Ele assim quer... Façamos a República.

Fulgiram subitamente as fisionomias de todos os homens. Houve, por segundos, um silêncio venturoso. O general, com um sorriso espelhado nas longas barbas, disse:

— Benjamim e eu cuidaremos da ação militar. O senhor Quintino e os seus amigos organizam o resto. Para mim quero a pasta da Guerra. Seja Benjamim o chefe do governo.

Benjamim ergueu-se vivamente da cadeira.

— Eu não! O chefe deve ser você.

— Não, não! clamou Deodoro. Seja então o senhor Quintino.

O grande jornalista republicano protestou. Ele não! Deodoro, só Deodoro é que devia ser o chefe do governo. Nenhum, nenhum outro.

Agora era a sala inteira a fazer a aclamação.

— Está bem, está bem! concluiu o velho soldado. Serê! Não se vá brigar por isso.

A conversa tomou vivacidade e calor. Qual devia ser o dia da deflagração do movimento?

O major Solon opinava pela precipitação do golpe. A oportunidade era aquela e não se devia perdê-la. Devia-se aproveitar o entusiasmo que ia pelos quartéis e a inteira ignorância do governo no que se referia à conspiração.

Alguem lembrou que, no dia 20 daquele mês de novembro, havia a instalação da Assembléa Geral, no edifício do Senado. O imperador e família im-

perial, o gabinete, os representantes da nação compareceriam todos à solenidade. O golpe devia ser dado naquele dia. As tropas revolucionárias cercariam o Senado e, a hora da cerimônia da instalação, prenderiam todos que lá estivessem.

Solon não concordou. Esperar até o dia 20 era demais. Até lá o governo teria conhecimento do que se estava tramando e tomaria medidas. Era preciso não contar tanto com a inércia do governo.

Havia, agora, na sala, um otimismo inflamável. Tudo estava cor de rosa e risinho. A vitória seria segura, inevitável.

O único preocupado era Benjamim. Anuviava-lhe o espírito a figura de Floriano. Deodoro sorria daquela inquietação.

— Eu já lhe disse, deixe Floriano comigo. Vou mandar chamá-lo. Eu com ele me entendo.

Houve na sala quem duvidasse da adesão do ajudante geral do exército.

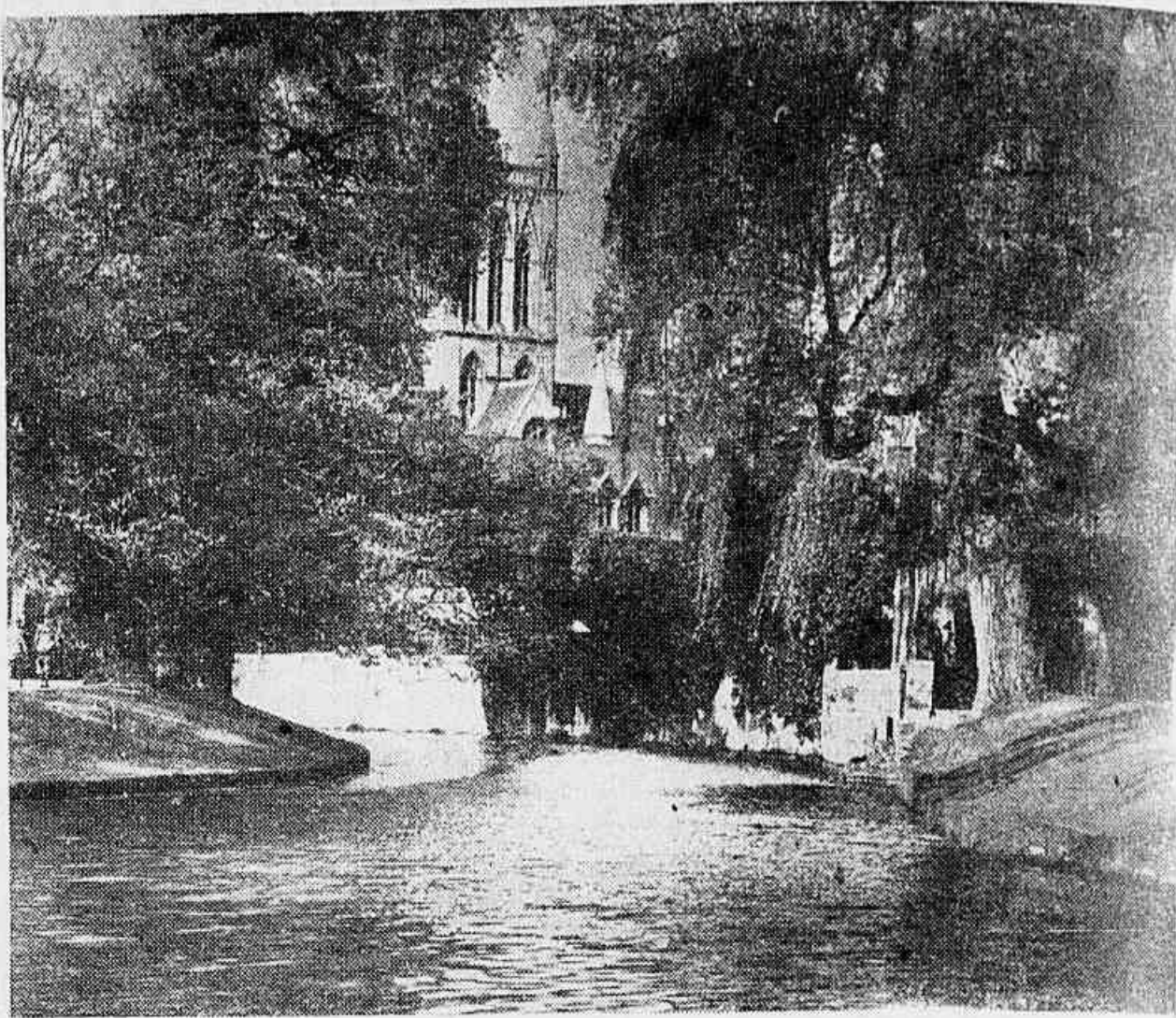
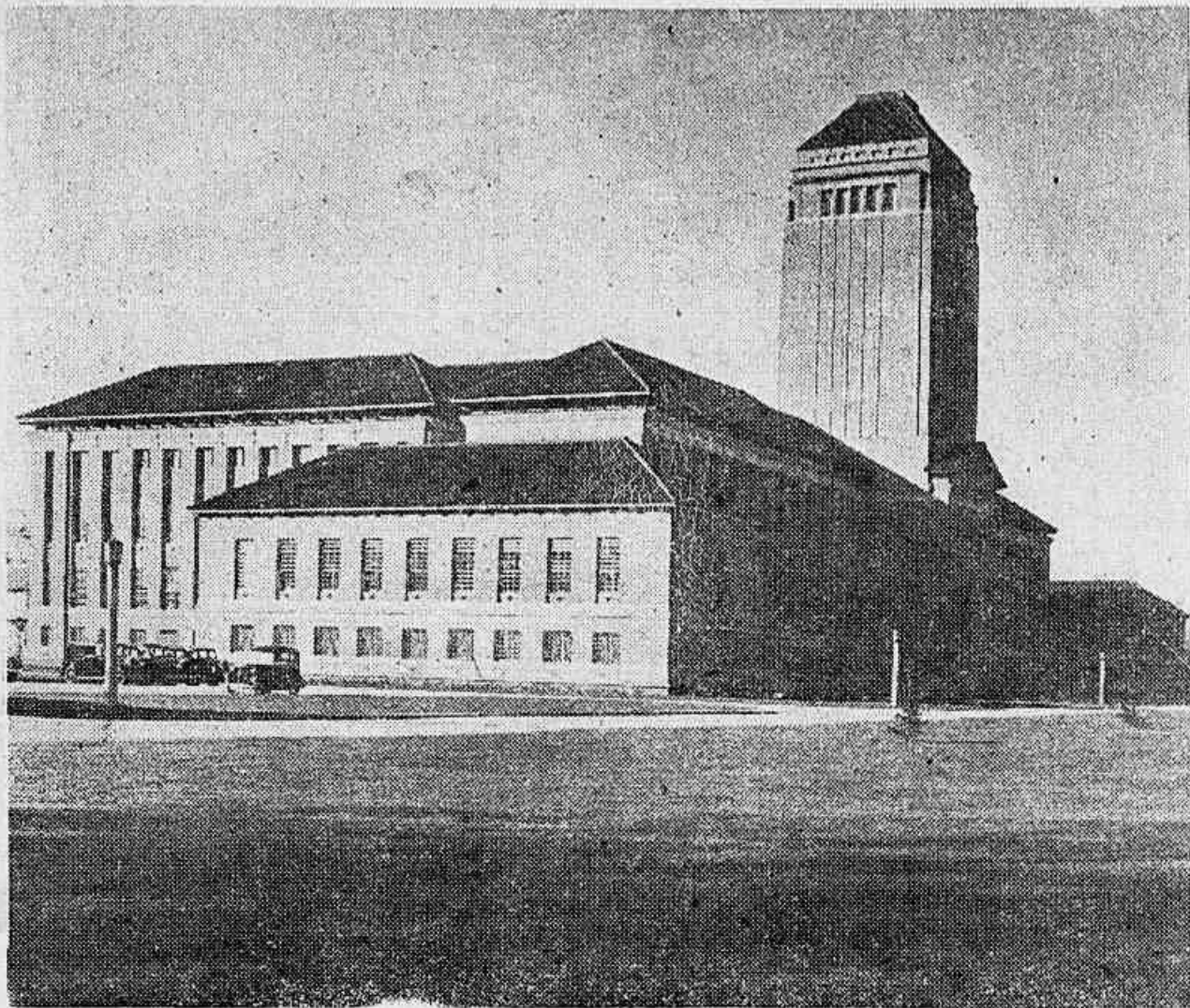
Deodoro, aliviado da crise de dispnéia, estava agora de bom humor, sorridente.

— Não sejam pessimistas. Deixem o Floriano comigo. Eu o conheço bem. Já temos conversado algumas vezes. Já o tenho abordado sobre questões militares e ele sempre me disse que não se meteria em coisa alguma que só tivesse por fim derrubar ministérios. Uma vez...

E contou. Uma vez, estavam os dois conversando sobre assuntos da classe, quando Floriano, pegando com os dois dedos o botão da farda, disse-lhe: — Seu Manoel, a monarquia é inimiga dis-

(Cont. na pág. 57)





A esquerda: aspecto exterior do edifício da Biblioteca da Universidade de Cambridge. A direita: capela de São João, à margem do rio Cam, em Cambridge.

CAMBRIDGE, CENTRO DE UMA GRANDE UNIVERSIDADE

LONDRES — Como muitas outras cidades britânicas, Cambridge — cujo nome significa "ponte sobre o rio Cam", — sede de uma das duas grandes universidades inglesas, teve sua origem em um convento e em um mercado, invariavelmente construídos, antigamente, nos vãos de todos os rios importantes. Situada a cerca de 56 milhas de Londres, Cambridge encontra-se à beira do rio Cam, na orla dos pântanos da Inglaterra Oriental que correm até o Mar do Norte. É uma região chã, varrida por ventos fortes, de que tanto gostava Tennyson, e um sentido de amplitude é peculiar a tal paisagem. A grande maioria dos ingleses conhece a cidade por sua Universidade, a qual, como a de Oxford, é considerada um patrimônio nacional.

A origem da Universidade, fundada há quase 700 anos, remonta aos estabelecimentos religiosos de ensino, estabelecidos na aldeia, na Idade Média, e que se transformaram em importantes centros de educação, estimulando as artes e atraindo muitos estudantes.

Como cidade, Cambridge está muito espalhada, tendo um diâmetro de quase quatro milhas. E, afora os edifícios da universidade, não tem muitos aspectos interessantes. Mais do que em qualquer

TIROU O SEU NOME DE UMA PONTE E O INÍCIO DE SUA VIDA UNIVERSITÁRIA DE ESTABELECIMENTOS RELIGIOSOS DE HÁ 700 ANOS ATRÁS

De WALTER HOLTON

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

outra cidade universitária, a universidade propriamente dita está dentro da cidade, o que muito contribui para seu interesse e beleza.

Há em Cambridge nada menos de dezoito colégios para homens, todos de fundação antiga — o mais velho, Peterhouse, fundado em 1281 — e dois colégios para moças, construídos na última fase do século passado, constituindo uns e outros uma formosa diversidade de edifícios, alguns de pedra cinzenta e outros de tijolos.

Cambridge é uma cidade de torres e portas, em estilo medieval, dominando tudo a Great St. Mary, a antiga igreja-universidade, que é um autêntico monumento da cidade.

Muitos dos terrenos dos colégios chegam até o rio, formando o que se denomina os "backs", uma das maiores atrações da cidade. Quer caminhando, quer

passeando num bote, pode-se admirar a beleza dos veneráveis edifícios cinzentos, erguidos no meio de lindos prados, recolhidos arvoredos e casas ameadas. Uma vintena de pontes de pedra, de um só arco, cruzam o pacato rio e, por toda parte, vê-se a sombra das tilias e dos castanheiros, dos salgueiros e falias. Tudo é muito tranquilo e muito britânico.

De todos os colégios o King's College, é o mais notável, e sua capela é verdadeiramente magnífica. Representa o mais esplêndido exemplo, na Inglaterra, de arquitetura gótica perpendicular. É igualmente bela por dentro, dando uma sensação de espaço e magnitude. A abóbada é a mais linda de todas as existentes. Os vitrais são alguns dos maiores e mais formosos do mundo. Os coloridos das grandes rosáceas é esquisito e inesquecível.

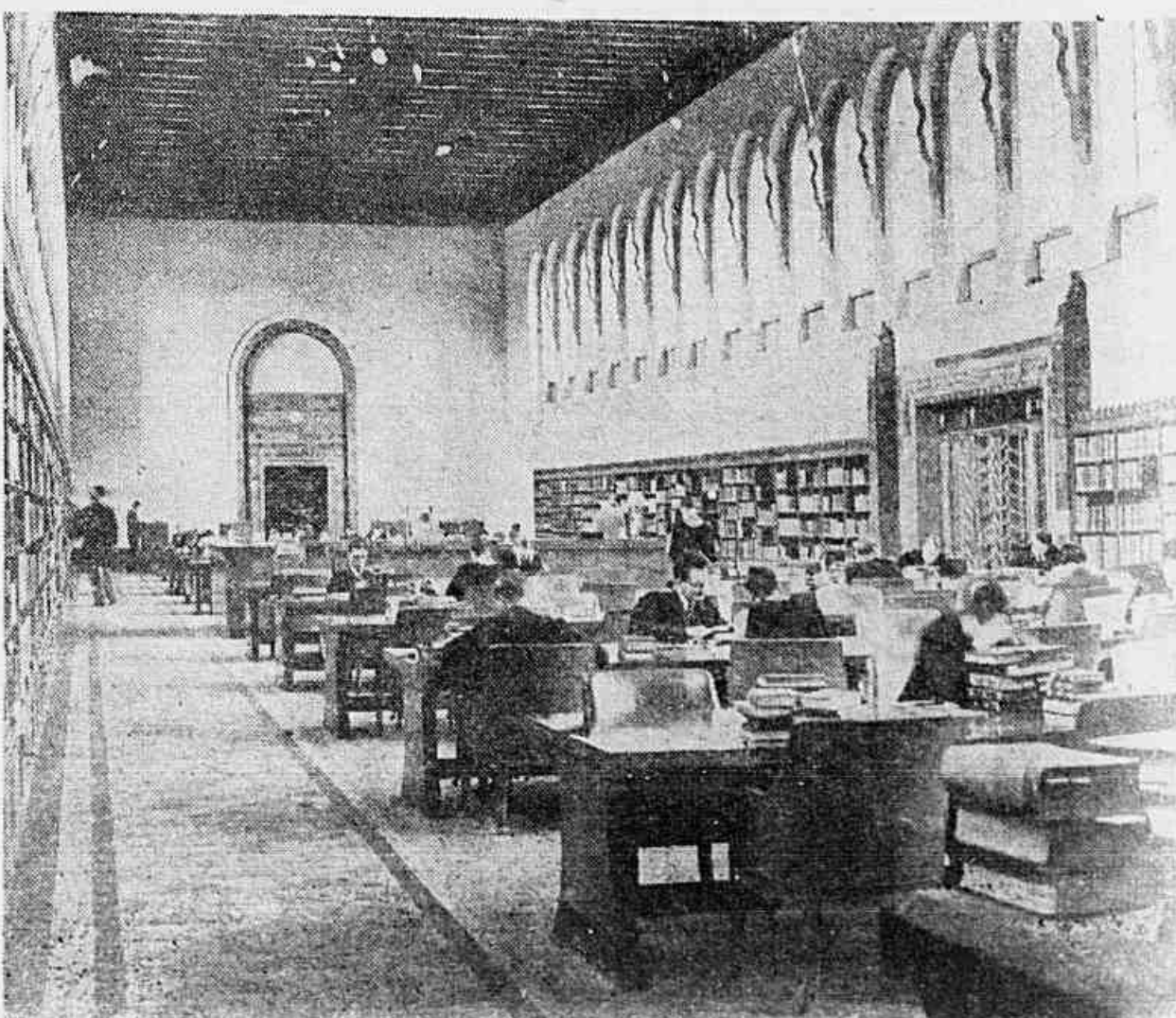
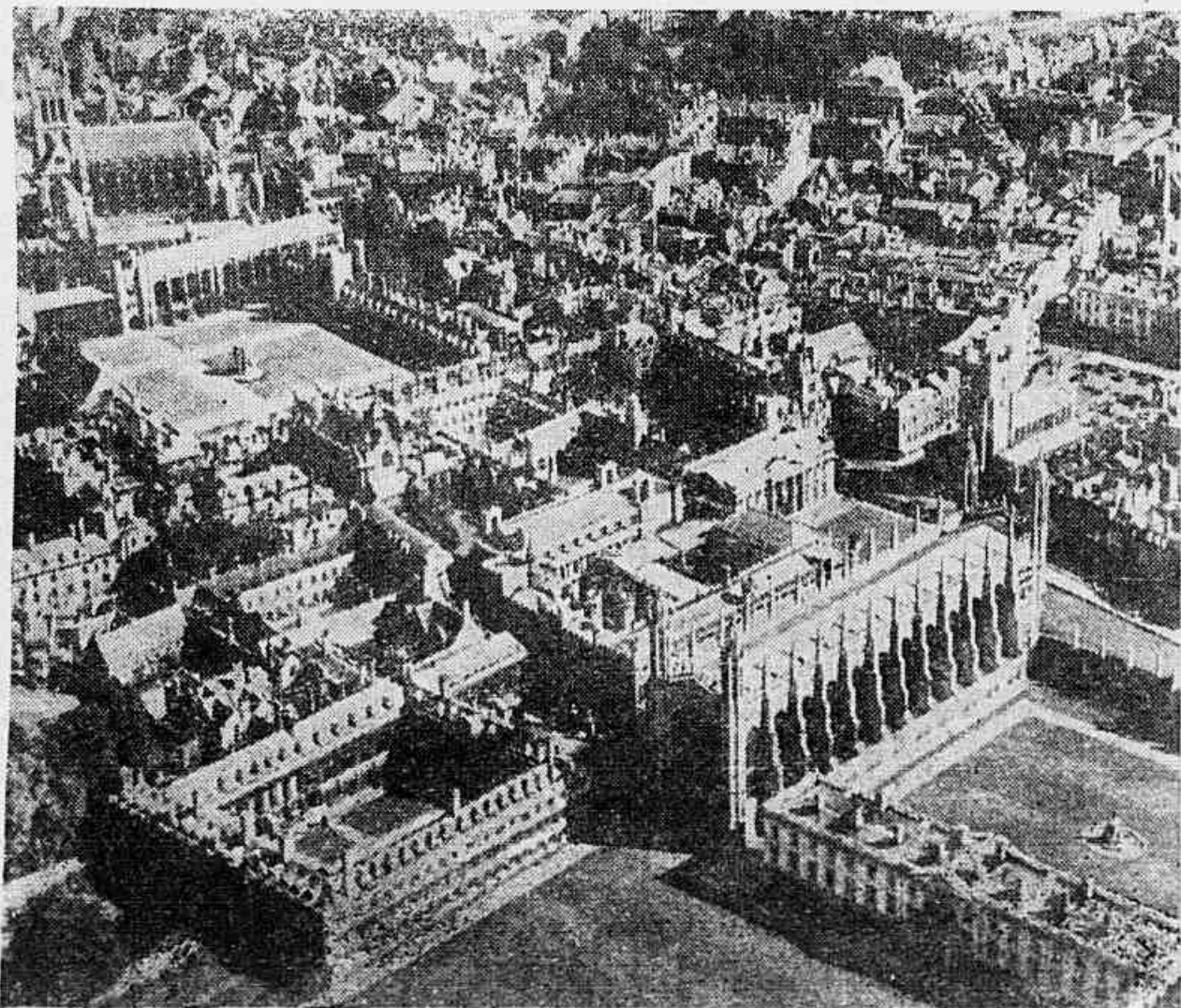
Encontra-se próximo o Colégio Clare, o mais formoso de todos, harmoniosa mistura dos estilos gótico e clássico. O Novo Pátio é uma das mais nobres construções erigidas em Cambridge nos últimos 200 anos. Contigua está a Casa do Senado, sede do organismo legislativo da Universidade, um dos prédios mais bonitos do lugar. Mais longe vemos o colégio Trinity, o mais rico, com sua magnífica torre e o quadrângulo mais impressionante da Europa.

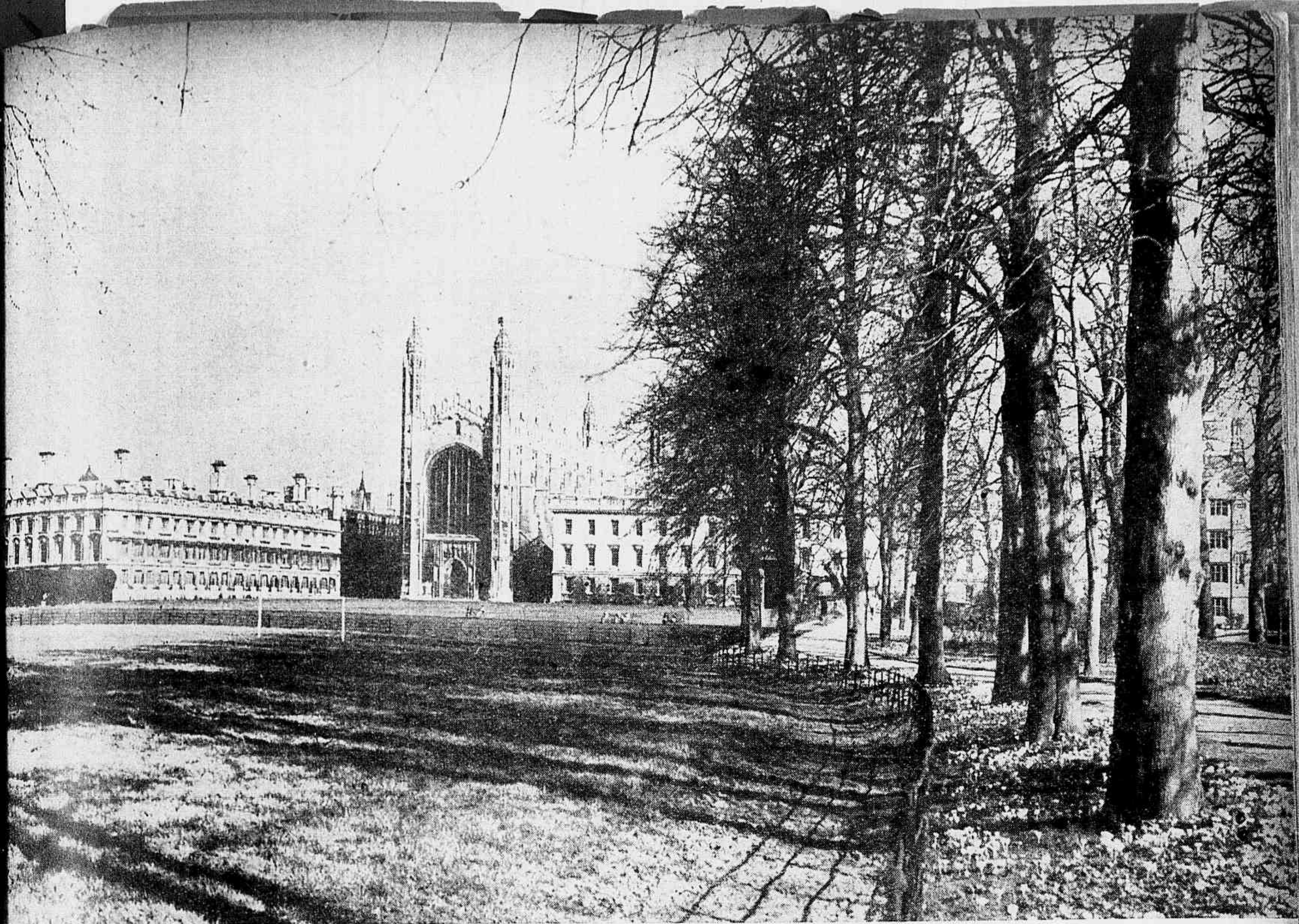
Há vários museus e galerias de arte, sendo o principal o Fitzwilliam Museum, no qual, entre outras coisas, pode-se contemplar uma famosa coleção de manuscritos de músicos famosos. O Jardim Botânico é também famoso, vindo depois do dos de Kew.

Junto aos edifícios universitários encontramos as indústrias. Não são muitas e, exceto a agricultura e a moagem, surgiram das exigências da universidade. Há a editora denominada Cambridge University Press, fundada em 1521, e que emprega quase 500 pessoas, e a Cambridge Instrument Company, que começou a fazer equipamento médico, para os colégios, há 60 anos e agora fabrica instrumentos de aviação. Ou-

(Continúa na pág. 30)

A esquerda: vista aérea de Cambridge. A direita: a vida universitária em Cambridge. Detalhe da sala de leitura da biblioteca da Universidade.





Em cima: O King's e o Clare College, em Cambridge. Em baixo: um dos canais de Cambridge, chamados de "backs", vendo-se o Queen's College, do lado esquerdo.



PARIS, agosto (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Em todos os bairros da cidade, nas ruas e praças de maior movimento, se acham instalados os núcleos do novo movimento político francês, o "Rassemblement du Peuple Français" (União do Povo Francês) chefiado pelo general Charles De Gaulle.

Segundo nos informou o sr. Catroux, diretor dos "Serviços de Imprensa e Informações" desse movimento, o "Rassemblement" já conta, em seis três meses e pouco de existência, nada menos de 840.000 membros em toda Fran-

ça, 220.000 nas colônias e 21.000 no exterior. O seu emblema é a Cruz de Lorena sobre um fundo preto, com as primeiras iniciais do nome do movimento: R. P. F. Nas janelas e nas portas de cada núcleo, aparecem numerosas fotografias do general em várias atitudes, como também cartazes e boletins de propaganda. De certo modo, esses núcleos fazem lembrar os do tristemente célebre integralismo, no Brasil, antes do golpe getulista de 1937.

Os adeptos do general pagam cem francos por ano (uns dezessets cruzeiros na nossa moeda) e recebem gratui-

tamente o porta-voz do movimento, um hebdomadário bastante bem feito, o "L'Étincelle". Mas que pretende o general com o movimento que chefia? — Aí é que está o busillis... porque o general, apesar dos discursos que pronunciou e das entrevistas que concedeu, ainda não se definiu com suficiente clareza, continuando a ser uma esfinge difícil de ser decifrada.

A VOLTA DE DE GAULLE A POLÍTICA

Em Janeiro de 1946, quando o general De Gaulle se demitiu do posto de presidente do governo provisório da

Nas três fotos de cima, da esquerda para a direita: O general Charles De Gaulle melhora sua média política, visitando um cemitério onde repousam heróis da guerra. O "Rassemblement" documenta tudo fotograficamente e inunda de cópias as redações dos jornais da França. Raras vezes o general De Gaulle aparece à paisana. Mesmo nos comícios políticos, ele aparece fardado, com sua melhor póse militar. As crianças de Bayeux apertam a mão do homem famoso, o quase-lendário general De Gaulle. Mas os pais



O GENERAL E A "UNIÃO DO POVO"

O NOVO MOVIMENTO POLÍTICO CHEFIADO PELO GENERAL DE GAULLE JÁ CONTA COM MAIS DE 1.000.000 DE MEMBROS. O SISTEMA DE PAGAMENTO É UMA ESFINGE — A INDIFERENÇA DO POVO À VITÓRIA DO GENERAL É

Reportagem de ELSON
(Enviado especial de "REVISTA")





GAULLE

POVO FRANCÊS

CONHECIDO PELO FAMOSO GENERAL,
DE ADEPTOS — OS NÚCLEOS DO
DE PAGANDA — CONTINÚA SENDO
DO POVO FRANCÊS — INCERTA E
DO GENERAL — OUTRAS NOTAS.

de NELSON VAINER
"REVISTA DA SEMANA" à Europa)

República, retirando-se para sua bela residência de Colombey-les-Deux Églises, no Alto Marne, acreditava-se que o famoso militar havia abandonado definitivamente a política. Com efeito, durante certo tempo não mais se fez ouvir sua opinião, vivendo quase esquecido, em companhia de sua esposa e de sua filha, na referida localidade. Mas, depois do famoso discurso do presidente Truman, que alterou completamente os rumos da política internacional, o general De Gaulle reapareceu repentinamente no palco dos acontecimentos, pronunciando um discurso que abalou a Europa e fundando, em seguida, o

"Rassemblement", do qual se proclamou chefe.

No estado babelesco da política internacional, o presidente Truman e o general Charles De Gaulle, aparentemente andam de mãos dadas. Ambos querem, e dizem que não querem, ser ditadores mas ao mesmo tempo se declaram democratas, mas "democratas diferentes", se é que a democracia pode ser dividida e modelada à vontade de cada chefe do governo... Preconizando a instituição de um Estado "fortalecido", atacando fortemente a Rússia com a qual ele antes aconselhava os franceses a colaborar intensivamente, sendo apoiado

do por elementos reacionários e pela burguesia, pronunciando discursos que poderiam ser identificados como totalitários, De Gaulle é encarado como um candidato a ditador, não à la Hitler e Mussolini, mas a um ditador "diferente", ou melhor, o chefe de uma "democracia fortalecida"...

DE GAULLE E O POVO FRANCÊS

Estranha atração, essa do poder! O general De Gaulle, que já havia entrado para a história como um dos libertadores da humanidade do jugo nazi-

(Continúa na pág. 50)

Estas crianças votarão nele no dia de amanhã? Na foto em baixo: O general Charles De Gaulle fala... E 120 mil pessoas, — e, entre estas, muitos que são seus adversários e outros simples curiosos — ouvem o discurso do homem que ajudou a salvar a França do nazismo, mas agora clama contraditoriamente por uma "democracia forte".



Branco, fechado, nº 34, salto 2

DIZEM — e isto é confirmado pela voz do povo — que a mulher esperando bebê deve ser prontamente satisfeita em seus mínimos desejos. O anedotário popular, os almanaques de ano-novo, as línguas de sogra, o palavrório fértil das parteiras, estão cheios de casos interessantes a respeito, desde o cômico ao trágico, do comum ao mórbido. O desejo de madame Leonor Matos não foi doentio nem tão exótico. Apenas, coquete e dengosa, madame queria um par de sapatos. Há quatro meses estava casada, agora sentia os primeiros si-



nais de gravidez. Como íntimo amigo da família eu tinha ido visitá-la:

— O, Zezito, não estou passando bem. Como tenho sofrido! Nada posso comer. Tenho enjoos que você não imagina. E só limonada, limonada.

— E' natural — tentei socegar-lá, sem saber se realmente tais manifestações eram normais ou não.

— E que enxaquecas terríveis me consomem!

No seu quarto, de persianas semi-corridas, guardando uma penumbra cheirosa à mar, estavam também a erêta, a soberba madame Cabral, que nunca deixava a filha, para desespero do genro, mais Mercedes, aerodinâmica menina-moça, irmã caçula de Leonor, que também viera visitá-la. A conversa deslisara corrente como um riacho, "fulana está mais magra, o filhinho é um perigo, dizem que", etc., etc., desaguara enfim no mar inevitável dos desejos. E depois de terem surgido à tona casos monstruosos e burlescos de mulheres acomodadas desses desvãos, foi que, confessando não sei como tais criaturas, orgulhando-se de, neste ponto, ser superior as outras mulheres, madame Leonor dum momento para outro teve a vontade de comprar um par de sapatos:

— O meu amorzinho (o respectivo consorte), me deu uma bolsa branca, de matéria plástica, à última moda. Mamãe me trouxe um vestido branco. Agora quero um par de sapatos brancos.

Tinha tido uma educação livre, quero dizer, fora excessivamente mimada pela mamãe. O marido era outro coração mole, continuava a fazer-lhe todas as vontades. E sobretudo, madame estava grávida.

— Eu quero — repetiu, fazendo beicinho.

— A mamãe que a adorava achou que a filhinha deveria ter o que pedia. Se não — seus olhos me previniam — ela pode perder o filho, quem sabe?

— Mas, Leonor — comecei, sem ligar muito os olhares de madame Cabral — como você pode ir comprar este sapato se nem pode levantar-se? Se o médico proibiu-lhe qualquer esforço?

Ela não se deu por vencida:

— Mercedes vai comprar.

— Eu? — pulou Mercedes de seu canto. — Eu não. Não vou, não. Não tolero comprar nada para você. Nada lhe agrada. Em tudo você bota defeito. E' exigente demais.

— Mas o que lhe custará, minha irmãzinha? Olhe, juro que desta vez não farei muita questão. E você já está vestida, num minuto se despachará.

— Ora, que aborrecimento! — tentou a garota reagir. Mas a mamãe passou-lhe um rabo de olho:

— Mercedes!

— Mas, mamãe...

— Vá!

• A mocinha tentou outro argumento:

— Mamãe, a senhora bem sabe que odeio sair sozinha, principalmente para fazer compras para Leonor. Os rapazes, na rua, ficam loucos por mim. Bolem comigo, dizem-me ousadias, muitos me acompanham. Além disso tem os caixeiros, mamãe. A senhora sabe como eles ficam quando uma moça como eu entra na loja.

— Ora, minha irmãzinha — acudiu Leonor — se só isto a impede, Zezito poderá acompanhá-la.

Derrotada, Mercedes não teve outra alternativa:

— Está bem. Meu destino é servir de empregada para você. Nem com o seu casamento me livrei... Mas fique sabendo que só consinto para que seu filho nada sofra. Não quero que depois me chamem de assassina. Vamos, Zezito.

Muitos poderão pensar que aceitei o encargo de servir de bengala à Mercedes por mera gentileza à gestante e à mãe da gestante. Não é verdade. Tão pouco receava a morte do feto. Não acredito nestas bobagens. Minha veleidade literária foi quem me disse que fosse. Todo sujeito metido a escritor sofre da mania de experiência. Eu nunca havia assistido a uma compra de sapatos de mulher. A oportunidade não podia ser melhor.

— Vamos, Mercedes.

— Esperem — falou Leonor — Ouçam direito como eu quero o sapato.

— Já começam as exigências — resmungou Mercedes. Leonor não a levou em consideração:

— Quero um sapato sóbrio, sem espalhafato, elegante, ao mesmo tempo que chame a atenção. E que seja branco, fechado, n.º 34, salto 2.

— Vai ser canja. Será facilíssimo — disse eu, quando saímos. — Na primeira sapataria haveremos de encontrá-lo.

Mercedes me lançou um dos seus olhares latentes de debíque e perversidade:

— Você pensa assim?

Chegamos à Avenida Sete de Setembro, onde estão as sapatarias para todos os gostos. Entramos na primeira loja que encontramos. Um dos caixeiros acorreu solícito:

— O senhor tem aí um sapato para senhora, sério, elegante, branco, n.º 34, salto 2?

O caixeiro meditou um pouco:

— Branco, 34, salto 2... E' fácil. Esportivo, abertinho, não é?

Conto de VASCONCELOS MAIA

— Não, não. Quero fechado. E' para costume.

O caixeiro pensou de novo:

— Não. Não temos assim. Branco, fechado, 34, salto 2, não temos. Nessas condições temos com salto um bocadinho maior, 3, serve?

— Deve servir — aventurei. — Que importa um ridículo pontinho a mais?

Mercedes nem se dignou dar-me atenção, como quem diz: "não dê palpite errado, seu bôbo".

— Não sei se serve — respondeu ao empregado. — Não é para mim. E' para minha irmã, uma senhora, que está grávida e, por isso, mesmo o médico proibiu-lhe usar salto alto. Só eu telefonando...

— Pois não, pois não — e o comerciário, se curvando, nos deu o telefone. Por um milagre raríssimo na Bahia, a ligação se fez logo.

— Alô — fez Mercedes. — Quem fala? Cecília? Cecília, chame mamãe. Sim... Mamãe? Olhe, mamãe, achemos um sapato quase como Leonor quer. Branco, fechado, 34, sério, elegantíssimo, um amor. Mas a questão está no salto. N.º 3. Sim, um ponto a mais. Sim. A senhora quer perguntar a Leonor? Sim, espero...

Pausa de alguns segundos. Mercedes balançava a perna.

— Alô — tornou ela. — Mamãe? Sim. Não? Só quer salto 2? Sim, sim senhora.

Mercedes desligou. Sua boquinha tinha um rictus de raiva e ironia:

— Ia ser sopa, ein? E isto é só o princípio, você vai ver.

— A senhorita leva? — interveio, delicado, o caixeiro.

— Desculpe-me, mas a "rainha" recusa. O senhor tem paciência.

— Ora, senhorita, estamos aqui para servir o freguês. Quando vamos saindo, porém, ele nos chamou:

— Permita-me uma sugestão. Agora me lembrei de que temos um sapato muito bonito, elegante, sério, próprio mesmo para costume, n.º 34, fechado, salto exatamente 2. Apenas não é todo branco. Tem marron também. A senhorita quer vê-lo?

Mercedes me olhou, eu não discordei, o caixeiro apanhou uma caixa na prateleira, abriu-a.

— Oh! — exclamou Mercedes, com surpreendente entusiasmo. — Oh! Zezito, que lindeza!

Eu me esforcei para ver beleza e distinção naquele vulgar sapato de duas cores. Nada consegui. Mas que vale uma prática e seca opinião masculina sobre um par de sapatos para senhora?

— Lindo! — tornou Mercedes, tomando um pé do calçado, mirando-o, namorando-o. Lindo, não é, Zezito? Leonor vai gostar, só pode gostar, não pode deixar de gostar. E esta finelinha dourada, que amor!

— Sera? — duvidei eu.

— A senhorita pode levá-lo condicionalmente. — acorreu o empregado — Caso a madame não o queira, nós o receberemos de volta.

— Quanto custa?

— Duzentos e cinquenta cruzeiros.

— Duzentos e cinquenta cruzeiros? — assombrou-se Mercedes. (Ai a inata vocação para a pechincha manifestou-se na burguezinha) — Puxa! Caro pra burro! Não deixa por menos?

Ai a inata eloquência comercial manifestou-se no caixeirinho:

— Não pode ser menos, senhorita. Compreenda que calçado subiu muito com a guerra e continua subindo acabada a guerra. O couro está por um absurdo e é difícil encontrá-lo. Este lindo e distinto sapato não está caro. O preço é tabelado na fábrica. O nosso lucro é pequenissimo, etc., etc.

Mas sempre Mercedes conseguiu uma vitóriazinha. Pagou duzentos e quarenta e cinco cruzeiros, a caixa enrolada nos foi entregue, saímos. Mercedes estava radiante. Aquela ingrata tarefa findara com rapidez. Isto pensava ela, isto m'o disse. Mas assim que Leonor viu o sapato, quase teve um ataque de raiva e decepção:

— Mamãe, olhe que horror! Que coisa pavorosa esta menina achou de me trazer! Olhe só, mamãe, eu vou usar esta porcaria? Você está mas é querendo me pirrar, irmã desalmada!

E vitimada por uma crise de choro, Leonor nos botou para fora, "vão, vão trocar esta pinóia, já, e só me tragam o que pedi, branco, fechado, n.º 34, salto 2". Revoltada, não só pela recusa da irmã, mas já pela desconsideração ao seu gosto, Mercedes saiu, eu ao seu lado, rindo-me à socapa, carregando a caixa de volta. O caixeiro, bem educado, bom caixeiro, ficou triste, eram duzentos e quarenta e cinco cruzeiros a menos em sua vendagem diária, mas foi ainda muito delicado, devolveu-nos o dinheiro com um sorriso nos lábios.

— Ah! adiante haveremos de encontrar o dito cujo — afirmei.

— Então Mercedes soltou a sua primeira risada gostosa naquela tarde:

— Ah! você está se divertindo, não está? Você pensa que a coisa é fácil, não pensa? Pois você vai aprender o que é comprar um par de sapatos para mulher, principalmente para Leonor. Você vai aprender e arrenegar.

E eu aprendi. Aprendi e arrendei-me. A experiência foi dolorosa, custou-me uma longa e trabalhosa tarde. Corremos todas as sapatarias da Avenida Sete, desde o Forte de São Pedro até São Bento. Depois fomos à rua Chile, onde estão localizadas as sapatarias granfinas. Vasculhamos inutilmente todas as casas do gênero. Em seguida, descemos à Cidade-Baixa, onde se aglomera o grande comércio baiano, com o seu porto, seus bancos, as casas grossistas. Entramos em todas as lojas de calçados, em vão.

— Só nos resta a Baixa dos Sapateiros, — lembrei.

E' a zona popular do comércio da Bahia. Tudo ali se encontra, do mais barato ao mais caro, carnes, sôdas, verduras, jóias, couros, bijuterias, padarias, ferragens, louças, o diabo a quatro, nunca em quarteirões especializados, mas na maior, na mais agitada, na mais colorida confusão, tal como a massa de consumidores, pretos brancos, mulatos, sararás, pobres, remediados e ricos, que a frequenta e que a efervesce da manhãzinha até a boca da noite.

— Que jeito? Vamos, — concordou Mercedes.

Subimos pela balança do Taboão. Andamos para cima e para baixo, tomamos bondes, palmilhamos a rua imensa, nadamos naquele imenso rio de desencontradas correntezas, tomando empurrões, abrindo caminho a cotoveladas. Suamos, cansamos, entrando e saindo de todas as sapatarias em busca do famigerado sapato que fosse sóbrio mas que chamasse a atenção, e sobretudo, branco, fechado, n.º 34, salto 2. E de todas as bocas, solícitas ou ríspidas, impacientes ou calmas, de todos os calmos, impacientes, ríspidos ou solícitos caixeiros, ouviamos quase a mesma cantilena, com pequenas variantes, em vozes claras ou roucas, exaustas ou descansadas, sibilantes ou doces, adultas e infantis, brutas ou amanteladas:

— Temos branco, fechado, salto 2, mas de n.º 35 para cima.

— Temos branco, fechado, salto 2, mas de n.º 33 para baixo.

— Temos branco, fechado, 34, mas em saltos 1, 4, 5.

— Temos branco, 34, salto 2, mas abertinho, muito bonitinho, para esporte.

— Temos em salto 2, fechado, 34, mas não todo branco.

E de todas as lojas telefonávamos a Leonor, madame Cabral atendia, ouvia os resultados da nossa peregrinação, entendia-se com a adorada filhinha que sempre nos enviava a mesma resposta:

— Não.

Mercedes só faltava cair de cansada. Já se queixava, seus pés doíam, andava com as pernas trôpegas, aproveitava todas as cadeiras para sentar. Estava muito pálida, seus olhos não me chincavam mais, pediam apenas misericórdia. E minha paciência se esgotou. Não pude suportar mais aquela tirania fraterna, aquela exploração de vaidade mais velha. E ao receber a última recusa, estrondei pelo telefone:

— Mas, madame Cabral, isto não tem cabimento. Já é uma exorbitância de Leonor. Afinal de contas que diferença faz um sapato branco dum preto, que importância há na altura dum sapato, no tamanho dum pé? Tudo não calça?

A voz antes severa de madame Cabral entrou-me pelo ouvido, chorosa, suplicante, mãe:

— Meu filho, tenha mais um pouquinho de paciência. Leonor sente apenas um desejo normal que deve ser satisfeito. A criança pode não vingar ou, caso nasça, quem sabe se não sairá aleijada, o que será muitíssimo pior?

Tínhamos saído às duas horas em ponto. Eram quase seis. O comércio grossista já fechara. A Baixa dos Sapateiros turbilhonava. Parecia um Carnaval. Bondes se arrastavam superlotados, bulhentos e velhos. Alto-falantes berravam sambas. Pregões de jornaleiros entrançavam-se aos anúncios que os rários vomitavam num volume atordoante. E a maré dos que saíam do trabalho, crescia, ondas afluíam e refluíam numa pororóica contínua e fremente.

— Por hoje basta! — resolvi, furioso. — Sua irmãzinha mimada que se morda, sua mamãe que se dane, seu sobrinho que morra. Se ela quiser sapato branco, fechado, n.º 34, salto 2, que mande o marido comprar e não duas pessoas inocentes e bondosas como nós — vociferei. — E agora vai ser outra danação tomar o bonde de volta.

Pusemo-nos a caminhar para casa. Defronte dum bêco escondido, um homem sobre duas longuíssimas pernas de pau, a cara pintada de branco, vestido num frêque de xadrez, com uma cartola fenomenal barrou-nos os passos:

— Aproveitem a ocasião! Grande queima de calçados! Sensacional liquidação da Casa Barateira! Calçados, calçados, calçados de todos os tipos, para todos os gostos.

(Cont. na pág. 58)

A VIDA DE NIETZSCHE

FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE

(1844-1900)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

DERAM-LHE o nome de Friedrich Wilhelm, por causa do rei prussiano. Ele, contudo, não se considerava prussiano, mas polonês, pois descendia da família Nietzsche — raça forte de aristocratas, justadores e "super-homens" que, do reino de João Sobieski, passaram à Alemanha. Uma família de "semi-deuses olímpicos".

Mas Nietzsche, pessoalmente, era um frágil ramo dessa árvore poderosa. Herdara do pai a fraqueza constitucional — nevralgia, olhos fracos, dores de cabeça que lhe provocavam desmaios. Tinham sido, essas vertigens, a causa da morte de seu pai. Uma noite, ao subir o pastor Nietzsche os degraus de sua casa, perdeu, subitamente, o equilíbrio e caiu para trás, batendo com a cabeça sobre as pedras.

Como resultado sofreu uma paralisia do cérebro, e em menos de um ano, faleceu. O pequeno Friedrich, que acabara de completar sete anos, fascinado e terrorizado, presenciou a tragédia. Assistiu ao lento padecer durante todos aqueles meses, à gradativa desintegração do cérebro, à morte, ao sepultamento, ao túmulo. Tudo isso observou e guardou.

Com a morte do pai ficaram sujeitos, Friedrich e sua irmãzinha Elisabeth, a sombria influência de quatro mulheres — a mãe, a avó e duas tias. Friedrich cresceu com uma psicologia "feminizada" — mormente porque lhe era vedado tomar parte nos desportos. Aquelas irritantes dores de cabeça e aquela fraqueza dos olhos, minavam-lhe as forças. Aquela "ministrozinho" estrábico, de corpo minúsculo e cabeça enorme, capaz, apenas, de associar-se à irmã, era o objeto de zombaria por parte dos colegas.

E de feito, quando não estava em companhia da irmã, via-se Nietzsche quase que completamente só. Tinha medo dos meninos. Não sabia como falar-lhes. Não sabia imitar nem a gíria nem as brigas que assistia constantemente. Ou brincava com a irmã ou enterava a cabeça despenheada nos livros.

Passava o tempo lendo um livro ou outro — "exatamente como o pai antes dele", observava, a mãe com orgulho. Esta ambicionava que ele seguisse o exemplo do pai. Este sujeitinho eloquente e solenemente impressivo, com os seus olhos azuis e o seu denso cabelo castanho, faria, da religião, edificante experiência para todas as velhas senhoras da congregação. O seu rosto era a verdadeira imagem da eterna Weitschmerz — a Dor do Mundo. No instante em que nascera, haviam observado os circunstâncias que seus olhos pareciam cheios do sofrimento de Cristo. Tinha um grande destino, insistia a mãe. Talvez um destino de profeta.

Mandou-o para a Escola Preparatória Pförtal. Lá, Friedrich estudou poesia e ciência, grego e latim — tudo, na verdade, menos a vida. Os olhos o incomodavam, como sempre. Experimentava horas de tortura após uma sessão com os livros. Atrava-se sobre a cama e perdia a vontade de viver. Não lhe era possível conservar os olhos abertos a uma luz brilhante. O sol dava-lhe tonturas, uma vontade de gritar de dor. Somente a noite, com as suas sombras frias, lhe trazia algum alívio. E assim, ansiava ele pela obscuridade, pelo dormitório sem luzes, pelo silêncio de sua cama. Era a noite a sua melhor amiga — a noite e a solidão.

Descobriu, porém, um passatempo que lhe confortava as horas solitárias. Desenvolvera-se dentro dele uma paixão pela música. Sempre que tocava ou ouvia os outros tocarem, perdia-se entre sonhos, e essa tornara-se, a pouco e pouco, a sua verdadeira vida. Encontrava nas fantasias a energia que lhe negara a realidade. Revia as aventuras, ambições e batalhas de seus belicóssos antepassados. Conhecia, em sonhos, a violência sem o sofrimento.

Em seus momentos de vigília, todavia, conhecia o sofrimento sem a violência. Os padecimentos crônicos tinham-se-lhe tornado exaustivos, quase insuportáveis. Compôs uma peça de música e dedicou-a à dor.

No entanto era jovem e queria viver. Possuía a curiosidade da juventude para experimentar o mundo — a curiosidade intelectual e, o quanto possível, a curiosidade física. Deixou a Escola Pförtal e entrou para a Universidade de Bonn. Começou a beber; contou anedotas escusas; escreveu poesias obscenas; de vez em quando, visitava bordéis. Leu o Childe Harold de Byron, o grito de guerra do individualismo egoísta, a "Bíblia da Juventude". Chegou a bater-se em duelo. Tornar-se-ia um outro Goethe, um outro Fausto? Impossível — com aquele seu corpo doentio. Tornou-se-lhe a respiração curta e difícil. As dores aumentaram. Sucumbiam-lhe as forças. Depois de alguns meses deixou a devassidão, renunciou à vida, enfiou-se num canto e reassumiu o seu posto solitário, à margem do mundo. E entrou a desprezar a si mesmo.

Transferiu-se de Bonn para a Universidade de Leipzig e mergulhou no estudo da língua. Desejava consagrar a vida a ensinar, em vez de pregar. Porque começara a duvidar dos princípios de fé da religião. Perdera a fé na vida religiosa. Começou a conjecturar se era possível a alguém viver com uma alma forte num corpo fraco. Acima de tudo anelava pela força física, pelo vigor da mocidade. Ressentia-se do fato de haver nascido velho. Desejava mergulhar no oceano revigorante da vida e sentir o bater das ondas contra o pei-

to. Recusavam-se-lhe, porém, os pés, a abandonar a costa. Era-lhe preciso estender-se na praia e deixar que o sol lhe projetasse um pouco de calor sobre o corpo indolente. Tinha, sexualmente, pouco desejo e isso o deprimia. Por que lhe eram negados os frutos da vida? Por que lhe era preciso renunciar aos prazeres dos sentidos? Irritava-o a religião porque esta encorajava a renúncia. Era um mecanismo perfeito de defesa para a sua fraqueza. Os santos haviam pregado o desprezo das paixões. Mas não teria sido possível, refletia Nietzsche, que tivessem esses santos reído da necessidade, virtude? Por que haverá alguém de envergonhar-se de seu corpo quando este é perfeitamente sadio e capaz de desempenhar as suas funções? Não seria verdade, porventura, que uns poucos neuróticos tivessem primeiro concebido a doutrina do pecado original para justificar as próprias neuroses e que todas as gerações subsequentes de homens normais tivessem seguido pensadores anormais como estúpidos carneiros? Não era a nossa moralidade uma fraude? Não era a felicidade o designio da vida? Não se destinava a ser, o próprio ato de viver, uma aceitação da vida? Que parte, então, desempenhava na vida, a religião? A medida que desenvolvia essa ideia, esfriou-se-lhe o sangue nas veias. Pois se via, face à face, com a seguinte dedução: A religião, longe de ser uma aceitação é uma negação da vida.

Que é, então, o que assegura a vida? A vontade de viver. Se Nietzsche tivesse uma vontade suficientemente forte, venceria as dores de cabeça, as vertigens, o sofrimento. Somente a vontade pode libertar o homem.

Tais eram os pensamentos que saíam do quarto do doente. Há muitas milhas de distância, nasciam, da doença, pensamentos semelhantes. Surgira, na

América, uma seita de pessoas que, como Nietzsche, acreditava poder o homem, sobrepujar a doença pela força da vontade. Basta que se tenha vontade de ter saúde para a alcançar. Eram os Cientistas Cristãos. E na outra extremidade, na Índia, um grupo de místicos transformara a vontade humana em fantástica magia. Cessavam de respirar e morriam à força de desejá-lo. Ficavam enterrados durante muitas horas e tornavam a viver, à força de desejá-lo. Caminhavam descalços sobre brasas e, por obra de vontade, afastavam a dor. Não era nova essa ideia da força do espírito sobre os males do corpo. Os velhos ascetas cristãos tinham, no deserto, suportado fome, flagelações, tortura quase sobre-humana, por vontade de se unirem a Deus. Não quisera, o próprio Cristo, morrer na cruz para a salvação do homem? Na Alemanha, apossara-se Artur Schopenhauer dessa doutrina da força da vontade e proclamara-a o princípio dominante da vida. As plantas, os animais e o homem — asseverava Schopenhauer — conservam as suas espécies meramente através de uma cega e irracional vontade de viver. E sendo um pessimista que não via bem algum na vida, arguia que, se o homem transformasse o desejo de viver num desejo de morrer — isto é, se deliberadamente deixasse de casar e reproduzir-se e respirar — pôr-se-ia fim a todo o sofrimento do Mundo. O homem seria, então, entronizado como príncipe vitorioso no reino celestial do nada.

Aceitou, Nietzsche, a ideia da vontade de Schopenhauer, mas transformou-a, de uma filosofia negativa, numa filosofia positiva. Incumbe ao homem, fazer uso de sua vontade não para morrer mas para viver. É uma covardia desejar a morte como libertação do sofrimento. Por outra parte, é nobre desejar a vida apesar do sofrimento. Ua tal asserção positiva da vontade, eleva-

nos acima de nós mesmos. Na verdade, transforma o homem em Deus.

Nietzsche encontrara, agora, novo significado para a própria vida. Ele havia de viver a vida triunfante. Contudo, dominava-o, ainda, de quando em quando, o fascínio da renúncia e do terror. Ainda não se tornara o Deus de sua própria religião. Quando uma epidemia de cólera se declarou em Leipzig, fugiu e morreu milhares de mortes. Obcecava-o o pressentimento de um túmulo prematuro. Morreria-lhe o pai ainda moço. A causa da morte fora um aneurisma cerebral. Nietzsche estremecia. Ele era um miserável espécime, tentando viver. O governo prussiano convocara-o para o serviço militar. Solicitou isenção alegando ser filho de uma viúva e arrimo de família. De nada lhe valeu isso, destacaram-no para a cavalaria. Após alguns meses de treinamento, caiu do cavalo e torceu um músculo do peito. Respirou, aliviado. E, de novo possível evitar o perigo de uma vida ativa no refúgio passivo de um corpo incapaz. Estendido em seu leito, curou-se do ferimento e meditou sobre a incansável vontade humana.

Dispensado do exército, voltou à vida acadêmica. O seu renome como linguista alcançara os ouvidos da faculdade da Universidade de Basileia. Ofereceram-lhe a cadeira de filologia clássica, embora mal tivesse completado vinte e cinco anos. Friedrich aceitou o cargo e encontrou, por algum tempo, o contentamento, na sossegada atmosfera da universidade. Mas, depois, a sua auto-investigação começou, outra vez, a perturbá-lo. Que era feito daquela força de vontade que tanto ansiava por afirmar? E onde poderia encontrar o campo em que a afirmasse? Claro está que não seria esse campo o das preposições latinas e o dos verbos gregos!

E assim entrou novamente a fantasia os seus sonhos aventureiros enquanto, tranquilamente sentado na sala de aulas, prelecionava os alunos. De improviso, no entanto, despertou de sua "sua de sonhos acadêmicos. Titânicos contos agitavam o seu país. A Alemanha e a França estavam em guerra.

Viu uma tropa de cavalaria marchando para a frente. Nesse momento, afere-nos ele, tomou forma toda a sua filosofia. "Senti, pela primeira vez, que a vontade da Vida mais forte e mais elevada não encontra expressão numa luta miserável pela existência mas numa Vontade de Guerra, numa Vontade de Poder, numa Vontade de Conquista".

Nietzsche, porém, não era apenas filósofo, era poeta também. Em virtude de sua vista fraca foi dispensado do serviço ativo da guerra. Restringiram-se-lhe as obrigações a tratar dos soldados feridos. A sua rude filosofia da vontade de senheorear o homem transformou-se, então, na suave poesia da vontade de senheorear a miséria. Durante meses viveu, como Walt Whitman, entre moribundos. Viu sangue, sentiu a transpiração, assentou-se em vagões de gado, encharcados, cheios de soldados que declamavam de gangrena. E o coração encheu-se-lhe de asco — asco e dó. Qual era o significado de todas aquelas cenas? onde estava a "glória eterna" da existência pregada pelos profetas e pelos párocos? Não seria ela, ao contrário, eterno sofrimento?

Ao terminar a guerra, e depois de sofrer um assédio de difteria, passou as montanhas e, ao ar claro e frio, continuou a meditar sobre esses problemas. Chegou à conclusão de que, como quer que fosse, todo aquele sofrimento do mundo devia justificar-se. O homem, apesar de tudo, era um invencível otimista. E por que? Porque a miséria é, talvez, experiência valiosa e até sagrada.

Sim, mediante a própria força de vontade, sobrepuja, o homem, a sua inclinação mais baixa para renunciar à vida; ergue-se para afirmá-la. Os maiores poetas entoam hinos de alegria à existência.

Assim pensava Nietzsche. Tudo à sua volta era tragédia. Da tragédia, todavia, não extraiamos o sofrimento espiritual mas a satisfação espiritual. Quais foram, na História, os maiores autores de tragédias? Os gregos. O tema das tragédias de Sófocles e de Esquilo é a participação dos homens pelos deuses mortais. O homem é o brinquedo dos deuses. A vítima do seu desporto cruel. O herói das tragédias gregas, contudo, mau grado as suas aflições, recusa-se à submissão. Ante a sorte infeliz da humanidade, deseja, com todas as suas forças, ser homem e continuar sendo homem. Não quer trocar de lugar com deuses! Não quer dispôr de sua vida mortal em troca da ventura imortal das séres olímpicas. Orgulha-se demais de sua habilidade em desafiar os deuses. Prometeu roubar aos céus o segredo do fogo para trazê-lo aos seus semelhantes. E' esta a primeira tentativa da vontade humana para afirmar-se.

Porque o fogo, observa Nietzsche, e a luz da liberdade. O mito de Prometeu é uma parábola que simboliza o nascimento da civilização. Quando o homem deixou de encarar com supersticioso terror as forças da natureza e passou o seu destino do "colo" dos deuses para as suas próprias mãos mortais, quando principiou a subjugar, sistematicamente, as forças de sua ambição em seu próprio benefício, em vez de rezar cegamente por um milagre, quando afirmou a sua própria vontade de viver ao invés de depender da vontade dos



NIETZSCHE



NOS BASTIDORES FEMININOS

GLÓRIA GRAHAME (RKO)

QUANDO você vê passar na rua uma mulher já madura mas que conserva toda a linha e toda a elegância de uma jovem, não creia que aquilo foi obtido sem esforço.

A mulher, a não ser em raríssimos casos — quando realmente ela possui uma plástica impecável — deve lutar desde cedo para que, ao chegar à maturidade possa ostentar a mesma beleza e a mesma elegância que ostentou quando jovem.

Porque, minha querida, a beleza já não é privilégio das meninas de dezoito anos. A mulher moderna e inteligente sabe que não deve se entregar à idade, como faziam as suas avós, que quando passavam dos trinta anos já se achavam velhas e aos quarenta achavam que deviam se conformar em fazer "crochet".

Elas sabem que há uma beleza tranquila e digna nessa idade, uma beleza que só se adquire com os anos porque vem da experiência e dos conhecimentos que vai obtendo com o decorrer do tempo.

Sabe também que para manter essa beleza terá que fazer alguns sacrifícios como

por exemplo não comer muito, principalmente chocolates e doces, não passar noites em claro — o sono é o maior aliado da beleza — e evitar a ociosidade.

Um dos maiores colaboradores para a beleza feminina, principalmente depois dos trinta anos, é a ginástica. Um ou dois exercícios executados pela manhã durante vinte minutos, produzem melhor efeito do que qualquer regime para emagrecer.

Porque a ginástica não emagrece, corrige os pontos defeituosos que prejudicam a impecabilidade da silhueta.

Um ótimo exercício, de acordo com os "experts" da matéria, é o que se faz, mantendo as pernas firmes debruçando o tronco até tocar as pontas dos pés com as pontas dos dedos. Uma variação do mesmo exercício é tocar com a mão esquerda a ponta do pé direito e com a mão direita a ponta do pé esquerdo.

Bastarão estes dois movimentos para manter sempre em forma a sua figura mesmo que você já tenha passado dos trinta anos.

KITTY

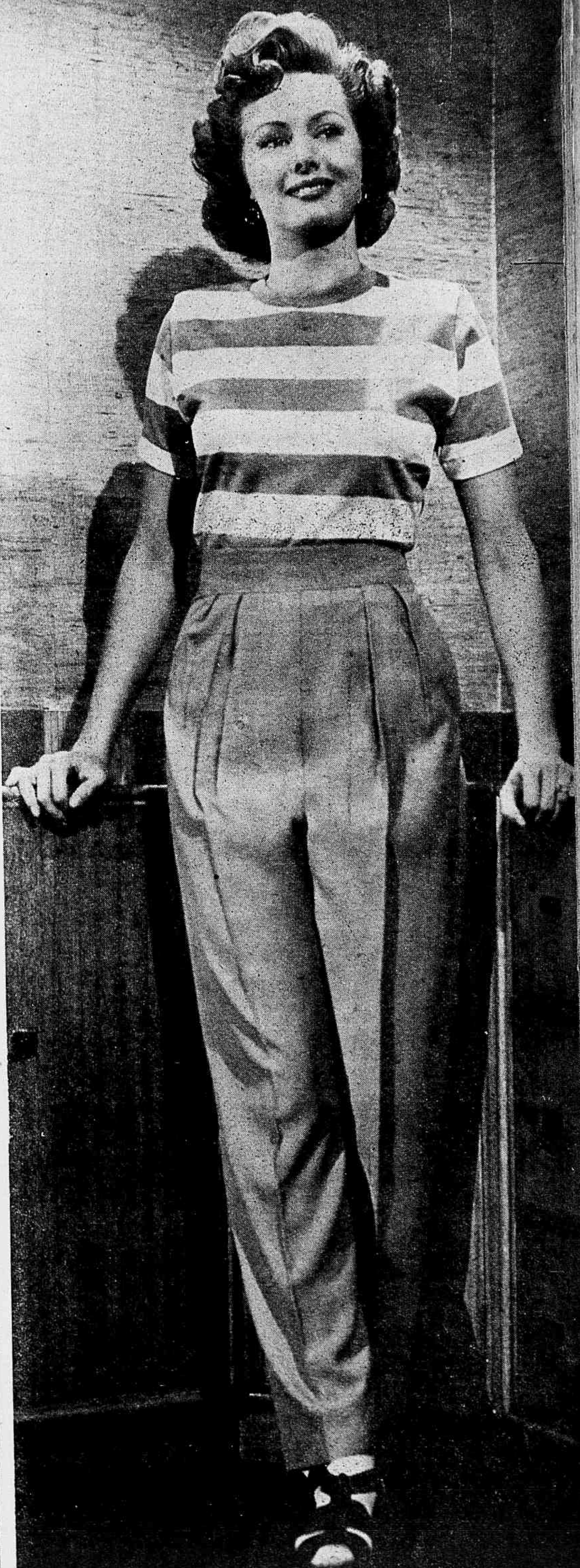
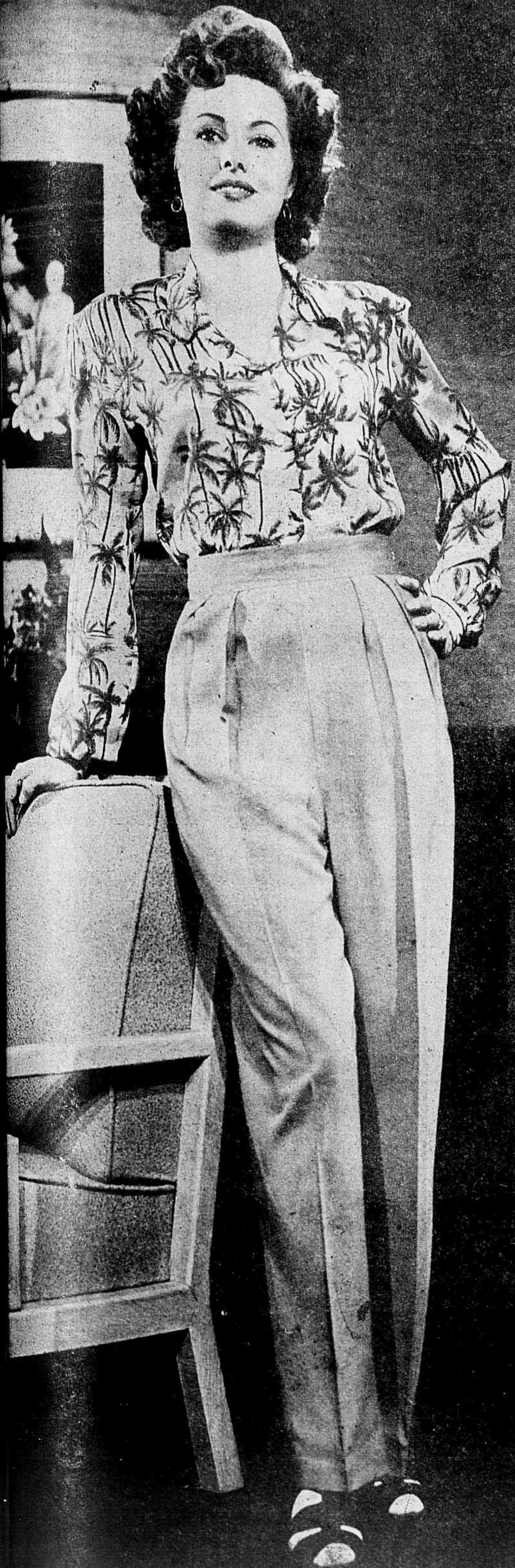


CALÇAS COMPRIDAS

HOJE, tôdas as mulheres adotam a moda lançada por Marlene Dietrich. Nas praias, nos campos e até mesmo na cidade, elas usam calças compridas... E' elegante, convenhamos, mas achamos que essa moda nunca deveria ser adotada pelas mulheres gordas... Ao alto, à esquerda: Calça

de rayon azul claro, blusa de sêda cinzenta e colete de rayon azul vivo, eis o traje da bonita Adele Jergens, da Columbia. À direita: Jane Wyman, da Warner Bros., com calça de gabardine azeitonada, impecavelmente vinçada. Blusa de sêda branca com curioso es-

tampado em côres vivas. Na página ao lado: Jane Harker, linda e jovem artista, também da Warner, apresenta-nos um elegantíssimo "slack", que poderá ser usada tanto com uma blusa de sêda estampada, como vemos à direita, como também com uma "sweater" de côres vivas. O efeito será sempre ótimo.



ado:
bém
simo
uma
di-
de



Quatro chapéus de Dorothy Lamour

A morena mais bonita de Hollywood apresenta às nossas leitoras a sua coleção de chapéus para a próxima estação: Ao alto, à esquerda: Muito "chic" este "bonet" de palha preta, grossa e brilhante, enfeitado

com véu branco "apanhado" de um dos lados e caindo sobre o ombro. À direita: Em "bakú" é realizado este chapéu muito elegante, com véu marinho ao redor da copa caindo em pontas atrás. Em baixo, à esquerda: Em palha

branca, aba mais larga na frente com "dobra" sobre a qual estão colocadas grandes flores em diversos tons de rosa. Véu rosa claro. À direita: Finalmente, em palha bege, queimado, aba reta, enfeite de flores e fita "ciré".





LORETTA
YOUNG

Ostentando um elegante conjunto que usa no seu filme "Ambiciosa", da RKO. E' em 14, mas pode também ser executado em "shantung". O bolero tem recortes muito originais, o cinto é de couro com o emblema dourado dos Estados Unidos, o qual também poderá ser substituído pelo nosso. Chapéu pequeno com "chou" de penas na frente.

PIERRE BALMAIN

Apresenta este maravilhoso conjunto, executado em lã cinza escura. O "tailleur" tem o casaco comprido, seis botões, bolsos muito originais. A casa é ampla, caíndo em "godet". Blusa, lapela do casaco e fôrro da capa em flanela inglesa creme.





Dois lindos e interessantes modelos são aqui apresentados às nossas leitoras, pela encantadora Geraldine Brooks, "star" da Warner Bros. O primeiro em linho azul-claro com pastilhas brancas, próprio para a manhã. O segundo um modelo para tarde é confeccionado em linho de seda havana. Completam este modelo um tocado de flores e luvas de camurça.

GERALDINE BROOKS APRESENTA

PARA TODAS AS

★

VERA Ralston, a "estrêla" máxima da Republic, nos dá uma demonstração de como se pode ser elegante a qualquer hora do dia. O essencial, diz ela, é saber vestir-se de acôrdo com o momento e o local. Da esquerda para a direita temos: Para usar pela manhã, ou para ir trabalhar, Miss Ralston sugere esta sáia de sêda preta, "godet", para ser usada com uma blusa de sêda azul claro, de mangas largas e compridas. Largo cinturão também preto "atacado" à cintu-



HORAS DO DIA...

ra. Para a tarde, Miss Ralston sugere êste "duas-peças" de jersey de lá vermelho com recortes e enfeites de cordão do mesmo tecido, no casaco. Para um "cocktail" nada mais elegante do que êste vestião de renda preta de grande decote, sobre uma sombra rosa sêco. A saia é bem mais longa atrás do que na frente. Finalmente, para o jantar ela sugere êste elegantíssimo modelo em três côres. A blusa é branca, a pala entre a blusa e a saia é vermelha e a saia é preta. Na blusa, bordado em forma de raios, de missanga preta.





SUGESTÕES DE DOROTHY LAMOUR

Dorothy Lamour, a estrela morena da Paramount, demonstra aqui às nossas "fãs", que não é elegante somente em audaciosos "sarongs", como costumávamos a vê-la. Tanto num vestido esportivo, como num "tailleur" elegante ou num vistoso casaco, Miss Lamour é sempre atraente. Nesta página, vemos dois lindos modelos do guarda-roupa de Dorothy.

P
tido a
frente
Bonita



PARA a noite, os cabelos continuam para cima e, mes no para a rua eles voltarão a ser usados na estação quente. Aqui, os últimos penteados de algumas das mais bonitas figuras de Hollywood; ao alto, à esquerda: Evelyn Keyes, com "boucles" pequenos no alto da cabeça. A direita: Anita Louise, da Columbia, com cabelo repartido ao meio, ligeiras ondas e "boucles" no alto da cabeça. Em baixo, à esquerda: Ann Miller, onda acentuada na frente e "bouches" sobre a cabeça. Transpasse atrás. A direita: Outro aspecto do bonito penteado de Ann Miller. Bonitas também as suas jóias, principalmente os brincos em feitiço de estrela do mar.

PENTEADOS





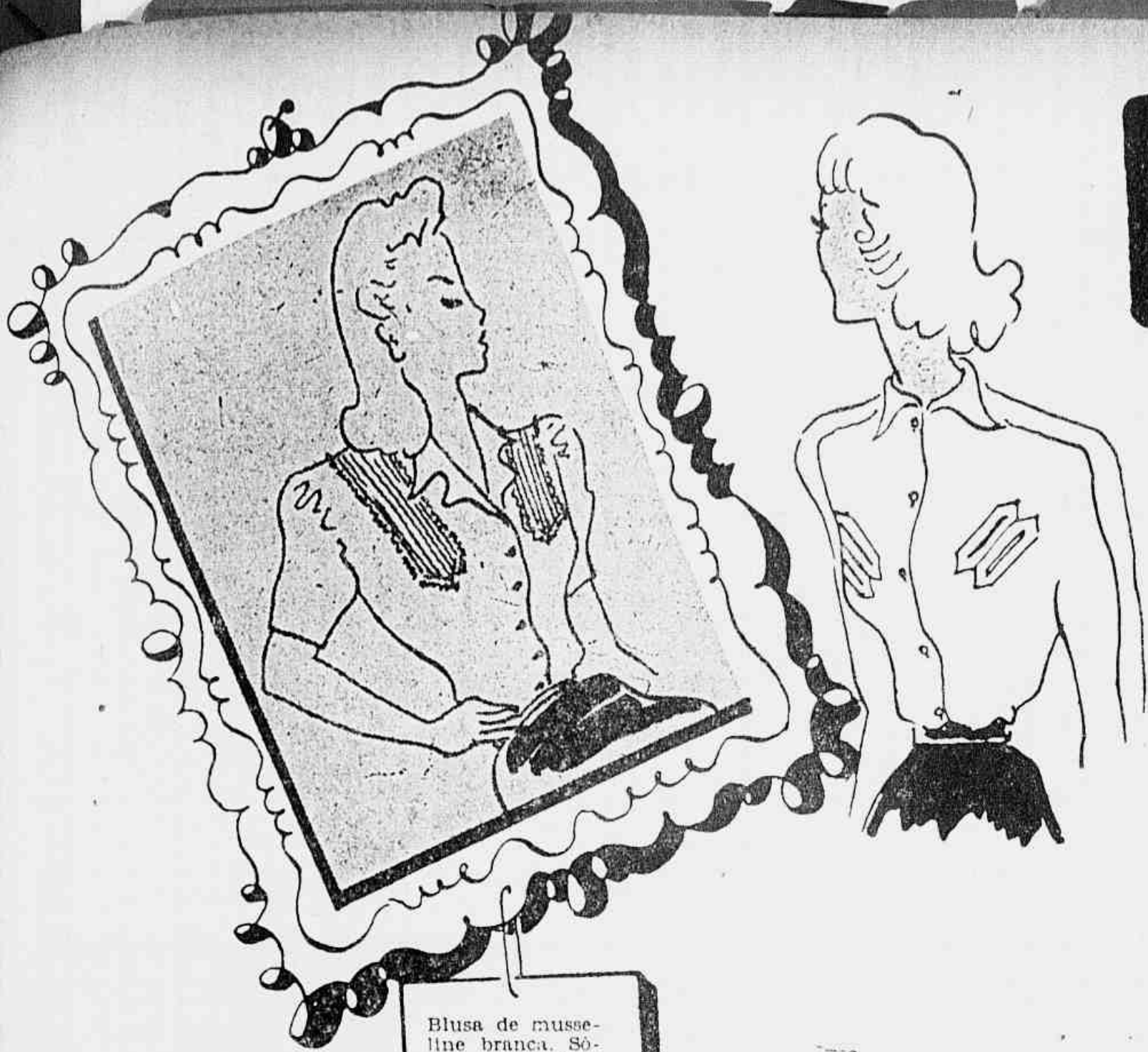
Modelo para a tarde. De um lado dos quadris, três babados "godet" e do outro um simples. Sãia assimétrica.

Aqui um grande laço dá maior amplitude aos quadris.

Muito "chic", com uma pala na blusa e mangas kimono. A sãia é drapeada. A gola e os punhos são brancos.

Pastilhas

BLUSAS...



Blusa de musseline branca. Sobre as espáduas, nervuras cercadas de renda.

Blusa em cor viva, com mangas "raglan" e bolsos embutidos.



Blusa de seda com nervuras e rendas na frente



Trabalho original de pregas na frente deste modelo.



Para mocinhas. A gola, os bolsos e as mangas são guarnecidos de renda.



Simple e elegante, para o "tailleur". O único ornamento é o pesponto, feito no mesmo tom da blusa.



Blusa de aparência esportiva com a frente toda pregueada.



O valentão

(Continuação da pág. 14)

ela aguardava a decisão. Quando o juiz, com a sua voz arrastada e inexpressiva, proferiu a sentença, ele bancou o herói e não desmalhar. Rosália foi menos forte. Prorrompeu em angustiantes soluços.

A defesa apelou. Inútil. Confirmada a sentença. Depois o transporte para o presídio. Adaptação dolorosa e lenta. Certo dele entes brutais, com o coração transbordante de ódio. No princípio este ódio se comunicava a ele. Dava vida a novos sentimentos de vingança. Aos poucos, foi conhecendo também alguns presidiários que compreendiam a inutilidade da vingança, que alimentavam desejos de trabalho e honestidade, conformando-se com a sorte. As recordações vinham. O rapaz passando perto dele, na calçada. Um cheiro adocicado e locões. Seis estampidos brutais, cortantes, rápidos. A acusação: "Senhores do júri: Este indivíduo alimentou no mais íntimo de sua alma um desejo mesquinho de vingança. E porque, meus senhores? Por uma pequena futilidade. Passou um carro perto dele. O chofer brincando, gritou-lhe que salisse. E, desse pequeno incidente, ele arquitetou uma monstruosa vingança, numa revelação viva de seus péssimos instintos. Eu peço a sua condenação no grau máximo e tenho certeza de que a vossa consciência..."

Edmundo pensava: "Como embruiham tudo, não querem ver coisa nenhuma. Será que este animal não percebe que eu fiz aquilo quase sem querer. Que eu seja condenado vá lá, mas não é assim também não. Não examinam nada direito..."

Todas estas lembranças passaram rapidamente pela sua cabeça. Era o passado. Estava lá longe, feito um ponto escuro afastando-se sempre, afastando-se...

★

O guarda também se afastava. Ele voltou à realidade de sua cela. Longas noites sem fim. Os minutos pingavam difíceis dentro das horas que se arrastavam. As referências clássicas dos romancistas sobre os latidos de cachorros que rasgavam o silêncio das noites angustinadas, tinham agora uma dolorosa realidade para ele. Intoxicava-se de literatura. Lia tudo que chegava às suas mãos. Ia atingindo, também, o grau máximo de arrependimento. Começou a reconhecer que Rosália tivera razão quando o aconselhara a se esquecer daquilo, a perdoar. Perdoar. Este verbo nunca tivera sentido para ele. Desde cedo, menino ainda, acostumara-se a "não levar desaforos para casa". A beleza do homem, para ele, estava em quem soubesse gritar mais forte, espancar melhor. Quando lia as histórias comovedoras dos grandes homens que souberam marchar na vida desprezando a força mal empregada e se absorvendo na beleza e na compreensão, ele achava graça, ria "daqueles maricas". Queria sempre se afirmar pela força. Quando estivera combatendo em uma revolução ficou satisfeito. Era dos mais corajosos, às vezes. Ninguém como ele dentro da trincheira. Só depois, quando conheceu aqueles trechos de "Clerambault" é que viu a dolorosa inutilidade daquilo tudo. Aquele foi, talvez, um dos primeiros germes de compreensão que calou dentro de sua alma. Depois foi se convencendo com os seus próprios pensamentos. O seu jeito de rapaz valentão. Si lhe aparecendo com as cores verdadeiras. Debaixo daquilo escondia-se o medo. E principalmente o receio dos outros descobrirem o seu medo, chamarem-no covarde. Hoje ele tinha coragem de confessar que às vezes o medo o invadia. Não se envergonhava por isto. Sentia que os homens nunca devem se envergonhar de seus sentimentos, mas apenas procurar orientá-los num bom sentido. Pouco lhe importava, agora, o que os outros pudessem pensar a seu respeito. Ele se encontrara. Estava sa-

tisfeito. "Famélico, cansado. Se esta coisada toda não servisse ao menos para isto. Só lamento ter matado o pobre rapaz. Foi um preço muito caro, danado de caro... Assim acho que nem valia a pena, está claro..."

E todos os erros de sua vida apareciam juntos. Aquele, entretanto, fora o maior. Eu era despetado. Só porque o moço era rico, tinha um bom automóvel eu fiquei com mais raiva. Vá lá, sei que muitos destes caras não valem nada, não valem a roupa que vestem. Mas que culpa têm eles disto? Merecem a nossa piedade, isto sim, coitados. Educaram eles assim. Quase que não são homens. Aquele não sei não... E eu, besta, sem saber que este ódio não resolve nada. Mas agora, graças a Deus, estou vendo claro. Não tem jeito mesmo... compreender os outros é o trem mais difícil que há... Ah! Rosália, porque não ouvi as suas palavras?"

O seu arrependimento vinha de longe. Desde que consumara o crime. Mas só naquela tarde é que tomava forma definida. E Rosália cresceu dentro de seu coração. Os seus conselhos eram verdadeiros. Agora estava decidido a proceder bem e a aconselhar os seus companheiros de prisão a imitá-lo, pois, talvez, conseguissem, assim, o livramento condicional. Muitos iriam rir dele. Não lhe importava. A dor fizera-lhe bem. Amadurecera bastante o seu espírito.

Em seu pensamento aquela noite ia tomando cores diferentes das outras. Alguma coisa cantava no mais íntimo de seu ser. Música desconhecida, vinha de onde? Deus. Não o Deus dos homens, mas o Deus verdadeiro que suaviza os espíritos, apazigua as consciências, faz compreender e perdoar. Viria d'Ele? Não sabia, embora sentisse que a sua alma se modificava. Olhou o céu. Calmo. Tudo no seu ritmo certo. Paz em sua consciência. Agora ele sentia, também, que estava perdoadado. Nunca mais faria aquilo. Seria outro homem. Graças. Cão. Estrelas. Passos. Deus. A vida. No tumulto, uma grande tranquilidade.

E, apaziguado, ele foi adormecendo, quase feliz, dentro da solidão de sua cela.

A môsca

(Conclusão do número anterior)

Então ela dava asas à sua imaginação, da maneira mais fantástica. Era histórias intermináveis, invenções estupefacentes, desde o dia do nascimento até o definitivo triunfo. Ele foi tudo, esse menino, no sonho ingênuo, apaltonado e comovedor daquela extraordinária criaturinha, que vivia agora casta entre nós cinco, a quem ela chamava os seus "cinco papéis". Ela o viu e o descreveu como marinheiro, descobridor de um novo mundo, maior do que a América; general, que devolveria à França a Alsácia e a Lorena; depois imperador e fundador de uma dinastia de soberanos generosos e sábios que dariam à nossa pátria a felicidade definitiva; depois, cientista, que descobriria o princípio o segredo da fabricação do ouro e em seguida o da vida eterna; depois aeronauta, inventor do meio de ir visitar os astros, fazendo do céu um infinito passeio para os homens, realização de todos os sonhos mais imprevisíveis e magníficos.

Meu Deus, como foi gentil e divertida, a pobre pequena, até o fim do verão!

Foi a 20 de setembro que rebentou seu sonho. Acabávamos de almoçar em Maisons-Laffitte e passávamos por Saint-Germain, quando ela teve sede e pediu que parássemos no Pecq.

Desde há algum tempo que se vinha tornando pesada e isso a aborrecia muito. Não podia mais correr como outrora, nem saltar do barco para a margem, como costumava. Ela o tentava ainda, apesar de nossos gritos e de nossos esforços, e vinte vezes, se não fossem os braços estendidos para agarrá-la, a pobre teria caído.

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIA



TRANSPIROL



5 embalagens diferentes e ainda você encontrará nos barbeiros e cabeleiros de 12. Ao lance de todos, BRYLCREEM assenta sem emplatar, dá brilho, torna os cabelos sadios e juvenis, perfuma suavemente; fixa mas permite repentejar.

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo

Naquele dia, teve a imprudência de querer desembarcar antes que o barco parasse, por uma dessas bravatas com que se matam às vezes os atletas doentes ou fatigados.

Exatamente no instante em que iam atracar, sem que se pudesse prever ou prevenir seu gesto, ela ergueu-se, tomou impulso e tentou saltar para o cais.

Muito fraca, apenas tocou com a ponta do pé a borda da pedra, escreveu, bateu com o ventre em cheio na quina do ângulo, lançou um grande grito e desapareceu n'água.

Nós mergulhamos os cinco ao mesmo tempo, para trazer à tona uma pobre criatura desfalecente, pálida como uma morta e que já sofria dores atrozes.

Foi preciso levá-la às pressas para o albergue mais próximo, de onde chamamos um médico.

Durante as dez horas que durou o prematuro parto, ela suportou como uma heroína as mais abomináveis torturas. Nós nos desolávamos em torno do leito, enfebrecidos de angústia e de medo.

Final deu à luz um menino morto. E, durante alguns dias, alimentamos os maiores temores, no tocante à sua vida.

O doutor, afinal, nos disse certa manhã:

— Creio que ela está salva. É de ferro, essa rapariga.

E entramos juntos no seu quarto, com o coração radiante.

Um-Olho-Só, falando por todos, lhe disse:

— Não há mais perigo, Mosquinha, estamos muito contentes.

Então, pela segunda vez, ela chorou diante de nós e, com os olhos vidrados de lágrimas, balbuciou:

— Oh! se vocês soubessem... que pesar... que pesar... eu nunca me consolarei!

— De que, Mosquinha?

— De tê-lo matado, pois eu o matei! Oh! foi sem querer... Que horror!

Ela soluçava. Nós a cercávamos comovidos, sem saber o que lhe dizer.

Mosca continuou:

— E vocês o viram?

Nós respondemos, com uma só voz:

— Sim.

— Era um menino, não?

— Sim.

— Bonito?

Houve uma longa hesitação. Zorrana, o menos escrupuloso, decidiu-se a afirmar:

— Muito bonito!

Foi pior, pois ela se pôs a rir, quase a gritar de desespero.

Então, Um-Olho-Só, que talvez a amasse mais, teve, para acalmá-la, uma idéia genial, e, beijando-lhes os olhos turvos de pranto:

— Consola-te, Mosquinha, consola-te, nós te faremos um outro.

O sentido cômico, que Mosca possuía até à medula, despertou de súbito e, meio convencida, meio zombeteira, ainda lacrimosa e com o coração transido de dor, ela perguntou, olhando-nos a todos:

— Palavra?

E nós respondemos em coro:

— Palavra!

A VIDA DE NIETZSHE

(Cont. da pág. 34)

deuses para deixá-lo viver, principiou, então, a maior rebelião da história do mundo.

As páginas da tragédia e da mitologia gregas estão cheias de exemplos da nobreza da vontade humana. Sofre o homem porque quer ser livre. É abatido porque ousa proclamar os seus direitos contra os interesses dos deuses que o escravizaram. Tal foi o destino de Prometeu, aterrorizado a uma rocha, atormentado pelos elementos. E tal foi, também, o destino de Adão e Eva, expulsos dos Jardins do Eden. O Senhor, observa Nietzsche, não pode tolerar o rebelde.

No entanto, foram os grandes rebeldes os libertadores supremos dos Homens. E Nietzsche prefere, em face da rebelião, a atitude pagã à atitude cristã. Pois, ao passo que os cristãos repudiaram a transgressão de Adão, justificaram, os pagãos, a transgressão de Prometeu. Os cristãos são fracos. Os gregos, fortes. A Bíblia, assevera Nietzsche, é instrumento de escravatura.

mitologia grega, hino de Independência. Somente afirmando a sua vontade contra a alheia dominação do céu, pode o homem, de seu próprio direito, ser livre.

somente sofrendo as trágicas consequências dessa afirmação pode desenvolver o homem a força e o valor de sua liberdade. Pois a tragédia forja a vontade e a transforma em poderoso instrumento de força. Estúpidos e míopes são os que desejam tudo, menos a prova da tragédia, do sofrimento e da dor. Fora os "apaziguadores" capazes de vender a sua humanidade por uma vida de ação complacente e falta de vontade!

Um arguta Nietzsche, filho pagão de um sacerdote cristão.

Deu crescer um bigode farto e caiu para ocultar os cantos emotivos, da boca. Porque desejava apresentar-se ante o mundo com uma expressão de esgarçado. Tinha os olhos no fundo e melancólicos. Estes, sublimes, não davam atenção às pessoas e objetos próximos e fixavam-se, apenas, nos dilatados espaços do infinito. Falava com aspereza para afastar o calor real de sua voz. Escandava-se da maioria das pessoas porque as temia. Mas, um homem fascinava-o. Esse homem era Richard Wagner. Este, também, era um Prometeu que se abalancara a roubar o fogo de Deus e transformá-lo na música do Homem.

Tirante Wagner, todavia, não tinha Nietzsche, praticamente, outros amigos. Vivia só com a sua estranha filosofia sobre o esplendor da escuridão e a felicidade da dor. Um médico, alarmado com as suas frequentes dores de cabeça, teve a falta de tacto de prevent-lo contra uma gradativa paralisia do cérebro. Nietzsche ficou aterrado. Adotou um regime vegetariano esperando recuperar a saúde. Conseguiu, apenas, perder a sua força. Convenceu-se de que morria de câncer. Fugiu de um sanatório para outro e, ao cabo, tornou, desesperado. À casa. Não lograra fugir de si mesmo. Depois, ao entrar em seu trigésimo quinto ano, preparou-se para morrer. Não morrera seu pai com essa idade em virtude de uma paralisia do cérebro acompanhada de frequentes e pavorosas dores de cabeça? Relembrou Nietzsche, a tragédia, com supersticioso terror. As marés do destino eram regulares em suas enchentes e vassantes. Repetiam-se sempiternamente. Tinha-lhe arrebatado o pai, e arrebatá-lo-lam também. Estremeceu. E escreveu sinistramente em suas notas, "A minha hora pode chegar a qualquer momento..."

O seu trigésimo quinto passou, e ele continuou a viver. Durante esse ano terrível experimentara mais de uma centena de crises dolorosas. Demitiu-se de seu professorado e foi para Marienbad por causa do clima. Mas o sol do Sul enfebreceu-lhe a cabeça. Não pôde suportá-lo por mais tempo e encerrou-se numa água-furtada. Ainda assim não morreu.

Com a chegada do ano seguinte, cessaram-lhe as dores de cabeça, e pôde, mais uma vez, pensar na vida. Vagou pelas montanhas e alongou os olhos pelas águas do Mediterrâneo. Eram azuis, desafiadamente azuis. E em todo o espaço ao redor antolhava-se-lhe a dignidade nas penedias, erguendo-se para o alto, diante dos céus silenciosos. Eram céus vazios e infinitos, a espera do Homem que os escasseasse, para assumir o seu posto de Senhor e Amo de seus domínios. Nada havia que lhe ostantasse o caminho senão a própria estupidez, o próprio medo. Num mau momento inventara, o homem, um mito chamado Deus, e a datar de então, ficara acorrentado para sempre a história de sua própria criação. Havia, apenas, uma única divindade real — o Homem, se o Homem tivesse, ao menos, a coragem de afirmar-se e superar-se a si mesmo! Era isso — o Homem deve lutar para tornar-se Super-homem.

Deu Nietzsche das montanhas e passou a Roma. Lá, tempestuoso incidente interrompeu-lhe a vida contemplativa. Apresentado a uma moça da Finlândia, Lou von Salome, apaixonou-se por ela. Lou era bonita, ardente, desejável. Parecia uma companheira ideal. Nietzsche sonhou-lhe a mão, mas a jovem recusou. Ela respeitava o peio seu espírito, mas receava cortar-se em extrema agudeza. De mais a mais, era ele, praticamente, um inválido — e não o companheiro adequado para uma mulher sadia, do Norte.

Nietzsche não esmoreceu. Interpretara, de forma totalmente falsa, a recusa. Acreditou que ela não concordasse com o casamento porque este viria interferir em seus planos de encetar uma carreira. Mas, então, requereu ele, não recusaria a jovem, certamente, uma oferta de amor livre. Afinal de contas, não era ela discípula dele? E não entrara o amigo de ambos, Richard Wagner, num ajuste de amor livre com Cosima?

Ela, porém, tornou a recusá-lo. Ferido e humilhado, voltou Nietzsche aos seus livros. Chegou-lhe, depois, aos ouvidos, a notícia de que a moça aceitara proposta semelhante de outro homem — que não era filósofo.

Pela primeira e única vez em sua vida Nietzsche tornou-se cínico. (O cinismo, já observou alguém, é a arma dos feridos) "Afinal de contas", disse, "não fui eu quem criei o mundo nem Lou von Salome. Se o tivesse feito, seriam ambos mais perfeitos."

Dirigiu seu desventurado caso de amor para outro canal especulativo — a que-

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Beverly Simmons

famosa estrelinha da Universal Pictures Co., Inc. que aparece em "BUCK PRIVATE COME HOME"

Graças ao seu gosto agradável, seu aroma suave e persistente, e porque basta um centímetro para produzir espuma abundante, fresca e penetrante; e ainda por sua inigualável pureza — Kolynos é o creme dental n.º 1. Por isso, todos os que o usam afirmam que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista, mostrando dentes divinos, não se esqueça do dentista, nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia



Faça Bolos...

...e a alegria reinará em seu lar!

É sabido que quase todo o mundo aprecia bolos... Quando eles chegam à mesa, os olhos se arregalam, a alegria invade a todos e está criado um irresistível ambiente de festa... Não se discute! Vale a pena fazer bolos. E não acha que, esperando esta ou aquela grande data, só serve para retardar momentos de alegria em seu lar? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— o chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL INC. RIO DE JANEIRO

BÓLO RICO

1/2 chic. manteiga	1 1/2 chics. farinha
1 1/2 chic. açúcar	1/2 chic. araruta
4 ovos	1 colh (chá) sal
2 colhs. (sopa) leite	2 colhs. (chá) Royal

Amasse bem a manteiga e incorpore o açúcar aos poucos. Junte os ovos, um a um, batendo bem. Acrescente aos poucos a farinha, araruta, sal e Royal, peneirados juntos 3 vezes, alternadamente com o leite, batendo bem. Fôrma baixa untada. Forno regular uns 30 min. Deixe esfriar e corte em losangos. Cubra com o seguinte glacê: coloque em banho-maria sobre água já fervendo, 1 1/2 chics. açúcar, 3 colhs. (sopa) água fria, 1 clara não batida e 1 colh. (chá) gema. Bata com o batedor de ovos, 10 min. ou até engrossar. Retire do banho-maria, junte 1/2 colh. (chá) raspas de laranja e 1 colh. (chá) suco de limão e bata até ficar quase frio. Junte 1/2 colh. (chá) Royal e bata até engrossar bem. Use-o antes de esfriar completamente. Enfeite com confeitos de côres, nozes, etc.



GRÁTIS!

Peça hoje ao seu fornecedor um "Cartão-Royal" com as instruções para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Ou escreva para: Caixa Postal 3215 Rio de Janeiro

tão da moralidade, do bem e do mal. Todas as nossas idéias sobre o bem e o mal, concluiu, não provêm de Deus, pois não existe Deus, nem de uma lei moral superior, pois não existe essa lei moral superior. Desenvolveram-se essas idéias através da evolução do espírito humano. O termo "bem" não era, originalmente, uma qualificação ética, senão uma distinção social e política. Os homens "bons" eram as classes dirigentes. Eram os guerreiros, os aristocratas de todas as sociedades. Bom significava bravo, atlético, forte. O prestígio da aristocracia estribava-se em sua força. Os homens impunham à Sociedade os próprios valores e erigiam o código moral que lhes quadrava aos próprios caracteres. Os homens "maus" nessa sociedade eram as pessoas que ocupavam as posições inferiores à conta de sua inferioridade física. O homem bom era um lutador e um senhor; o homem mau, um subordinado e um escravo.

Mas à medida que passava o tempo, arguiu Nietzsche, verificou-se um desgraçado evento na história da moralidade. Os conceitos "bom" e "mau" perderam lentamente o seu significado original. Porque uma nova classe de homens alcançara, lentamente, as mais altas posições. Os chefes dessa classe não eram lutadores, ou homens "fortes"; eram os padres, os homens "fracos". Baseavam-se mais em seu vigor mental, que em seu vigor físico. Em sua luta contra seus senhores, guerreiros anteriores, impuseram um novo código de procedimento

à sociedade que desejavam dominar. Falando-lhes as forças do corpo, inventaram as assim chamadas virtudes da "alma". Criaram um sistema de ética para encobrir as próprias enfermidades. Incapazes de vencer pela espada, governavam "pela piedade e pela oração". Proclamaram os direitos do fraco, a dignidade do tímido e a glória do fraco — tudo isso para algarimar os instintos naturais do forte e para perpetuar o seu próprio domínio impotente. E fundaram uma propaganda religiosa para exaltar-lhes a impotência. "Somente os desgraçados", diziam "são bons; somente os pobres, os fracos, os humildes é que são bons; só os sofredores, os necessitados, os enfermos, os repulsivos é que são piedosos e abençoados; só para eles existe salvação. Mas vós, ao contrário — vós, aristocratas, vós, homens de força — sois para toda a eternidade, os maus, os horríveis, os ávaros, os insaciáveis, os impios; e sereis, eternamente, também, os malditos, os réprobos, os condenados!"

Dessa maneira, "a raposa substituiu a águia", e "subverteu-se" o código de moralidade. Foi um ato de astuta vingança por parte dos covardes contra os corajosos. Foram banidos os senhores do reino do céu. Triunfara a moralidade do homem vulgar. E como se chama a emergência dessa moralidade? A ascensão do Cristianismo. "É a fraude mais piedosa da história", assevera Nietzsche. A força é transformada num demônio, a fraqueza num deus. Trans-

formou-se a velha doutrina da virilidade. "O Cristianismo é o subterfúgio do escravo."

Tais são os ensinamentos de Nietzsche, o filósofo sofredor. Tudo o que se diz acerca da "boa ou má consciência" que paulatinamente se insinuou na sociedade "civilizada" é mera baboseira. Em realidade ninguém que seja forte e livre envergonha-se de qualquer de seus atos. Envergonham-se, acaso, as grandes aves de rapina por perseguir o carneiro indefeso? Devemos, porventura, pedir à força que se não expresse como tal? O forte pode tão pouco optar pela fraqueza quanto o fraco pela força.

Nos tempos felizes, disse Nietzsche, quando a "loira fera" que jaz no amago de todos os aristocratas não fora ainda cloroformizada pela "civilização", exercia, o forte sobre o fraco, o poder que lhe cabia. Passeavam os guerreiros a seu talento, dando vazão, em relação aos semelhantes indefesos, aos seus instintos naturais. Não sentiam compunção alguma pela própria crueldade. Governavam pelo terror. Infligiam castigos sem atender para nenhuma das chamadas "leis superiores". À medida, porém, que o homem perdia os seus hábitos nômades e se estabelecia em aldeias, a medida que formava comunidades para a sua auto-proteção, à medida que nele se desenvolvia uma consciência social e um sentimento de independência, encontrou-se em singular situação. Adaptado, embora, por natureza, à vida selvagem da guerra e do saque, "adaparam-

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

FEMININAS

GELATINA DE CÔCO

Conteúdo 11 folhas de gelatina branca; 2 chicaras das de chá, de açúcar; 1 coco; 1 clara; compota de ameixas pretas.

Preparação: Rala-se o coco e extrai-se-lhe o leite com um copo d'água a ferver. A parte, derrete-se a gelatina também com um copo d'água a ferver, coa-se em um pano e junta-se-lhe o leite de coco. Em seguida, adicionam-se-lhes o açúcar e a clara batida em neve, mistura-se tudo muito bem, deixando-se devagar.

Despeja-se em uma fôrma de alumínio, ou de louça, e leva-se à geladeira. No momento de servir, vira-se em uma cremeira e derrama-se por cima a compota de ameixa.

GELATINA VERMELHA

Conteúdo — 8 folhas de gelatina vermelha; 1 chicara das de chá, de açúcar; 1 chicara de xarope de groselhas; 2 chicaras de caldo de qualquer fruta; morango — Ameixas, maçãs.

Preparação — Derrete-se a gelatina no caldo de frutas; anteriormente aquecido, e depois junta-se-lhe o xarope de groselhas e açúcar. Mistura-se tudo coa-se despeja-se em uma fôrma de alumínio, ou de louça, enfeita-se com morangos, ameixas e pedacinhos de maçãs. Leva-se à geladeira.

se-ih" subitamente os instintos e estes perderam o seu valor. "Não creio que tenha jamais existido no mundo, tal sentimento de miséria, tal acentuada ausência de conforto. Os antigos instintos do homem não cessaram as suas exigências. Só que se tornava, agora, difícil e raramente possível satisfazê-las. Foi, o homem, compelido a contentar-se por via de metodos novos e secretos. "Todos os instintos que não encontram saída voltam-se para dentro." "O ódio, a crueldade, as afeições da perseguição — todas essas emoções tornaram-se, agora, instrumentos que o homem, criatura de perversão, voltou contra si mesmo. E isto, aliança Nietzsche, é a origem do que chamamos "uma consciência má." Aprisionado, como ora está, na estreiteza e na monotonia opressivas do hábito, e impaciente diante desse monotono constrangimento, o homem lacerou-se, perseguiu-se, atormentou-se, atemorizou-se e maltratou a si mesmo... Atirou-se ao encontro das grades de sua jaula... Criou dentro de si mesmo uma câmara de torturas... da qual o mundo, até agora, não se libertou." Que espetáculo, padecer o homem da enfermidade chamada homem! Um desejo de auto-tortura, uma crueldade congênita! Fechada a saída natural para sua vontade de ferir os outros, dedicou-se o homem ao ato de ferir a si mesmo. Transformou-se em mártir. Utilizou-se, como instrumento supremo de tortura, da concepção de que "devia" alguma coisa a uma divindade superior. Colocou-se entre as pontas do diabo — Deus e o diabo. Inventou um céu e um inferno. E, ao cabo, encontrou essa torturada criatura "a sua expressão suprema de auto-humilhação, nessa louca idéia original chamada Cristianismo." Que paradoxo — "Deus a destruir-se pessoalmente à conta da dívida do homem, Deus pagando-se com uma libra de sua própria carne — o credor desempenhando a parte do bode exortatório por um senso de amor (será crível?) —

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



por um senso de amor em relação ao devedor!"
Já é tempo do mundo deixar de ser um hospício, disse Friedrich Nietzsche.

IV

Essas doutrinas de Nietzsche foram recebidas como tremendo golpe pelos seus poucos amigos. Consideraram, horrorizados, o homenzinho tímido e abatido que dos lábios viera tal fogo vulcânico. A contar desse dia, deixaram-no rigorosamente só. Ele cometera o pecado imperdoável, não de ser anti social na prática — isso poderia tolerar-se — mas de só-lo em teoria. Frágil demais em sua vida real para pisar sequer sobre um inseto, estava disposto a arrazar o próprio céu — em seus livros. Toda a gente sentiu-se atemorizada ante essa dupla personalidade. Wagner chegou ao ponto de chamar-lhe louco. Nietzsche retribuía o cumprimento. Davam os dois homens um de seus costumes passados. Wagner falava sobre a sua nova ópera religiosa, Parsifal, observando que começava a interessar-se pelos serviços da igreja, que as suas idéias antigamente "ateístas" tendiam, agora, cada vez mais para Deus e para o Cristianismo. Nietzsche fitou nele os olhos, sem pronunciar uma única palavra e nunca mais voltou a visitá-lo.

O que perturbava o mundo, pensava Nietzsche, era o fato de haver nele criações de mais e selvagens de menos. E já, que ninguém concordava com essa idéia, ele "contentava-se em viver em maletosa solidão, como aquele outro grande herói solitário. Aquiles". De tempos em tempos, recolhia-se às montanhas. Figurava-se um antigo deus nórdico, destinado a viver entre os trovões e a assombrar o mundo com os relâmpagos de sua filosofia.

Era, porém, um deus que inspirava dó. A sua saúde continuava má, como sempre. Muitas noites ingeria doses excessivas de cloral na esperança de não mais acordar. Ao clarear, porém, a manhã, vivia ainda — fatalidade condenada à auto-tortura, a própria exemplificação do masoquista, que, tão sadicamente, desprezava em seus escritos. E, das cumeadas alpinas, ao alargar a vista sobre a terra, fez um voto: "Vós os solitários de hoje, vós que andais arrastados, sereis, um dia, um povo; de vós, erguer-se-á um povo escolhido; e dele, o super-homem". Lentamente ergueu-se a visão em dilatadas dimensões ante os olhos fracos e ofuscados. O super-homem! Sim, ele era o profeta de uma nova religião. Elegera a si mesmo para "entoar um novo cântico".

V

Então Nietzsche êsse cântico pelos lábios do profeta persa Zaratustra — poema em prosa, de inspiração, esplên-

dor e confusão. Imponente e terrível testamento de ódio.

Vede, desce Zaratustra das montanhas e adianta-se para as portas da cidade. Traz nos lábios poderosa e portentosa mensagem. Na floresta encontrou uma eremita a murmurar as suas orações. Viu os sacerdotes oferecendo sacrifícios. E agora, ao penetrar na cidade, vê homens de negócio, as mães e os filhos, curvando os joelhos e solicitando a proteção do Senhor. "Será possível que não tenham eles ouvido ainda a notícia de que Deus é morto?" Ele, o profeta Zaratustra, enterrou o antigo mito. Repontou a aurora da Nova Era, "Mortos são todos os deuses: desejamos, agora, que viva o Super-Homem". Todas as coisas criadas excederam, até aqui a si mesmas. A maré da vida ergue-se cada vez mais alta. Com que então vós contentais em sédes o refluxo dessa grande maré? Preferia regressar a fera a avançardes para sobrepujar o homem? Porque o homem há-de ser sobrepujado. "Eu vos digo, que é o macaco para o homem? Objeto de zombarias, objeto de vergonha. E assim será também o homem para o super-homem: objeto de zombarias, objeto de vergonha".

Basta-vos ter coragem, meus semelhantes. Desamparai as enferrujadas vir-

tudes que acorrentaram a raça humana. Dizei: "Eu" repetidamente. E orgulhai-vos disso! Ordeno-vos não sómente que digais "Eu" mas que façais "Eu". Pois atrás de vossos pensamentos e sentimentos, meus irmãos, há um deus poderoso — e o seu nome é individualidade. Ele habita o interior do vosso corpo. Grita, continuamente, dentro de vós, "Busca o prazer!" Grita, continuamente, dentro de vós, "Desde que a humanidade entrou a existir, o homem se divertiu muito pouco; isso apenas, meus irmãos, é o nosso pecado original". Eu vos digo, "Modesto demais é até o ladrão diante do sono; rouba sempre suavemente durante a noite. Imodesto, contudo, é o guarda-noturno; imodestamente traz o seu apito". Eu vos digo, "O sangue é o espírito do homem. De quanto há escrito, amo apenas o que escreveu o homem com sangue". Eu vos digo, "Não vos envergonhem o ódio nem a inveja dentro de vossos corações. Glorioso é odiar e ser invejado". Vós me perguntais, "E" a boa causa que consagra a própria guerra?" e eu vos responderei, "E" a boa guerra que consagra todas as causas".

Lembraí-vos, meus irmãos, de que os homens não são iguais. Assim faia a justiça eterna. Sede fortes. Sede des-

temidos. Ordeno-vos que motejais do que os homúnculos chamam, pecado, vós que proclamais o Eu como algo sagrado e divino, declarareis abertamente que o egoísmo, a voluptuosidade e a paixão do poder são as verdadeiras virtudes da masculinidade.

Vede, caminho entre os homens como os fragmentos do futuro. Vejo além do zênite de nossa vida. Ouço a voz de uma nova raça de homens, maior e mais individualista — a voz do seu desejo de poder!

Assim falou Zaratustra. Ofereceu Nietzsche este livro ao mundo e o mundo recusou-o. Mandou imprimir quarenta exemplares à própria custa e foi obrigado a distribuí-los. Arremessara coriscos e trovões sobre o panorama da humanidade, e ele mesmo se retrairia ante aquela força. Tornaram a possuí-lo as antigas dores de cabeça. O sofrimento cegava os olhos que tinham ousado olhar para tão longe.

VI

"Não há ninguém, entre os vivos ou os mortos, com o qual eu sinta a menor afinidade", dizia frequentemente consigo. E isso se tornou literalmente verdadeiro, quando sua única irmã mu-

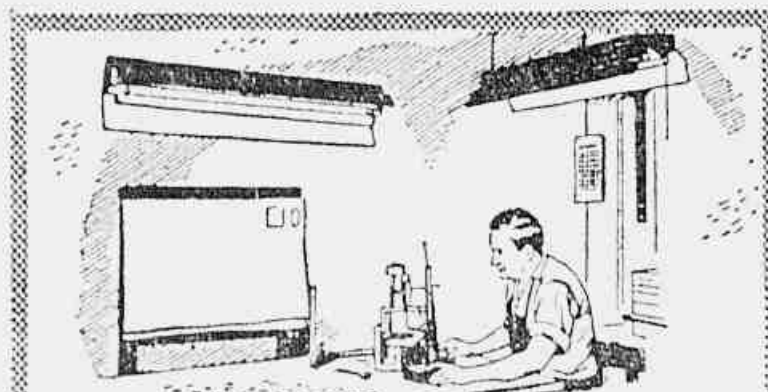
(Cont. na pág. 53)

Dê conforto a seus olhos

usando as Lampadas Fluorescentes

EDISON  MAZDA

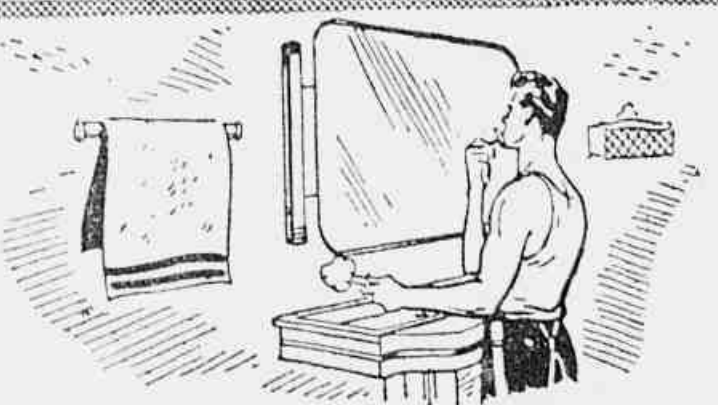
Para conservação da sua visão, exija uma iluminação adequada, cientificando-se das vantagens que lhe são oferecidas pelas lampadas Fluorescentes Edison (G.E.) Mazda!



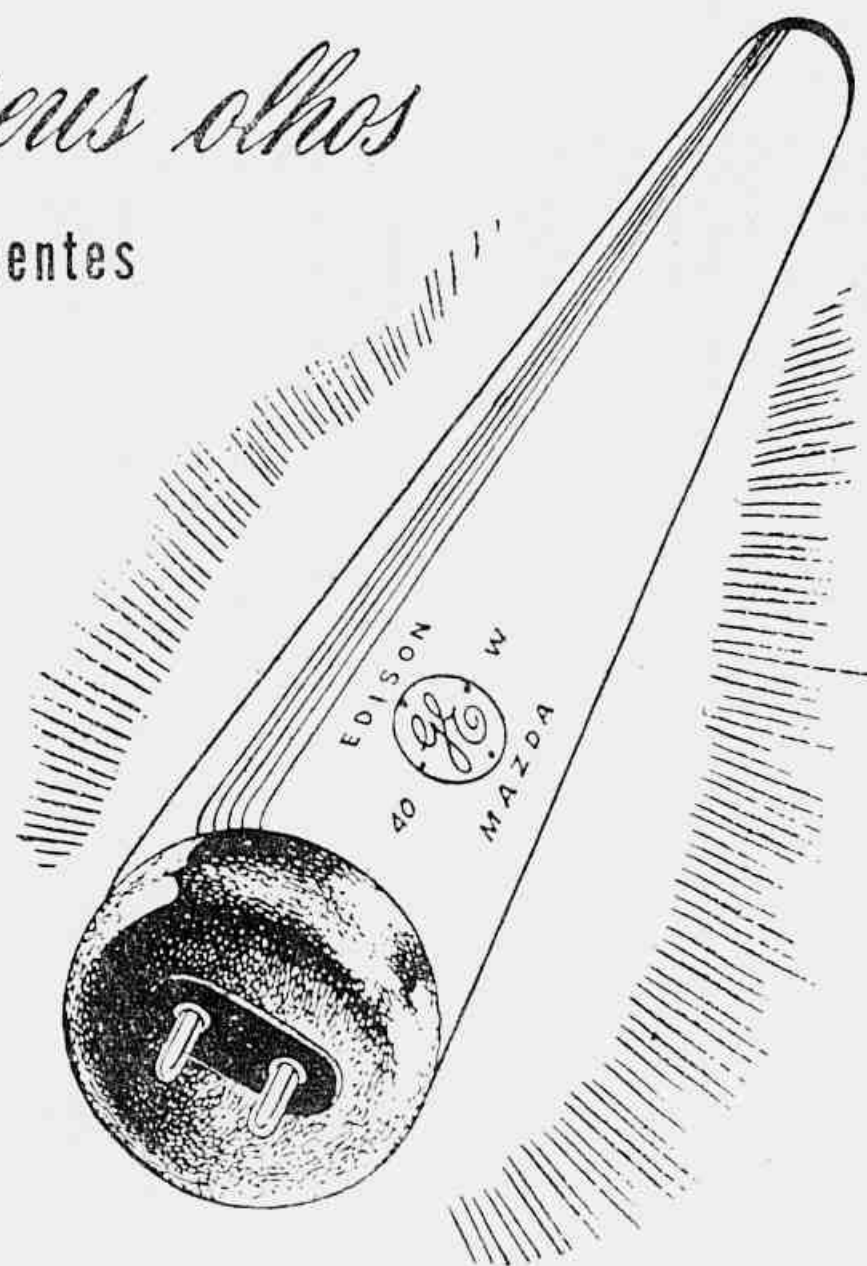
A luz suave emitida pelas lampadas fluorescentes Edison (G.E.) Mazda têm em cada dia que se passa maior aceitação em todas as aplicações domésticas.



Ao fazerem projetos de iluminação, os arquitetos levam em conta os resultados dos constantes trabalhos de Investigação científica realizados pelos técnicos e engenheiros da General Electric.



As lampadas fluorescentes oferecem um resultado excelente nas mais variadas aplicações domésticas.



A luz suave, uniforme e sem ofuscamento das lampadas fluorescentes Edison (G.E.) Mazda no lar é ideal para a leitura, estudo e repouso!



Também na cozinha uma iluminação adequada permite que se obtenha melhores resultados!



Peça informações no mais próximo escritório da

GENERAL  ELECTRIC

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE - SALVADOR - CURITIBA - PÔRTO ALEGRE

8198

O CATARRO PODE CAUSAR ZUMBIDOS E SURDEZ

UM REMÉDIO QUE ELIMINA O CATARRO NASAL E ALIVIA O ATURDIMENTO CATARRAL

São poucas as pessoas que dão importância e tratam a afecção catarral. Entretanto, a afecção catarral não é um mal passageiro. Se não for tratada em tempo ela pode degenerar numa grave enfermidade, destruindo o olfato, o paladar e, paulatinamente, minar a saúde em geral.

Se V. S. padece de catarro não se descuide. Compre um frasco de PARMINT e tome-o de acordo com as instruções da sua bula:

PARMINT tem demonstrado sua eficácia em muitos casos porque sua ação se exerce diretamente sobre o sangue e sobre as membranas mucosas.

A volta da respiração fácil, da agudeza de ouvido, o restabelecimento do olfato e do paladar e levantar-se, pela manhã, com novas energias e a garganta livre de catarro — eis o que lhe proporcionará o tratamento com PARMINT. Torne sua vida mais agradável, mais alegre. Para seu próprio bem — se sofre de catarro — comece, hoje, o tratamento com PARMINT.

IMPRESSIONANDO OS MEIOS CIENTÍFICOS DO PAÍSI EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquira nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso,
CAIXA POSTAL, N.º 2335
Rio de Janeiro

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME

RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



MÚSICA

"ELISIR D'AMORE" — DONIZETTI E A MARIA-SEM-VERGONHA — DO SUSPIRO A CARRASPANA — DANSA, CANTORIA E CASAMENTO — OS INFORTÚNIOS DO SARGENTO BELCORE — EXPOENTES MÁXIMOS DO MÉTODO "ROMPE-RASGA".

de ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

ELISIR d'Amore, este ano, passou milagrosamente incólume aos olhos da crítica que se fez benevolente para com a amável "ópera buf-fa". Talvez o excelente elenco tenha exercido alguma influência no espírito dos julgadores. Lembro-me, entretanto, que, não faz muito tempo, os esforços combinados de Schippa e Baccaloni não conseguiram, para a obra de Donizetti, um tratamento tão benigno.

Agora, tudo mudou. Ninguém se lembrou mais de repetir, a esta altura de uma temporada triunfante, a rabujice célebre de certo crítico:

"Na verdade, não entendo por que se vai ao teatro para ouvir uma bela romança, precedida e seguida de notáveis asneiras musicais."

"MARIA-SEM-VERGONHA"

O exemplo de tolerância já foi dado pelo poeta Manuel Bandeira quando, entregue à tarefa de compor uma antologia — tarefa muito semelhante, aliás, à escolha das partituras para constituírem récitas de uma temporada que deve afeiçãoar-se ao gosto de todos — escreveu:

"Os requintados hão de me relevar a mão fácil com que apanhei muitas daquelas florinhas singelas que o povo chama Maria-Sem-Vergonha. Gosto também de Maria-Sem-Vergonha."

Ao lado, portanto, da orquidea de Mozart — Nozze di Figaro — a temporada lírica nos deu a Maria-Sem-Vergonha de Donizetti. O resto é deixar que opere o feitiço do Elisir d'Amore, cujo efeito mágico o charlatão Dulcamara se encarrega de proclamar na famosa ária Udite, o Rustici.

SALVATORE BACCALONI

Dulcamara encontrou, aliás, em Salvatore Baccaloni, o seu intérprete definitivo. É uma criação concebida har-

moniosamente, desenvolvida e aperfeiçoada com a experiência e o longo tirocínio. Esse esforço continuado não lhe roubou, entretanto, a espontaneidade, traduzida numa comicidade comunicativa. A voz extensa, generosa, redonda, do famoso baixo, desde o Udite, o Rustici ao final da ópera, se revelou maleável, dócil à riqueza de colorido com que a maneja o artista.

DO SUSPIRO A CARRASPANA

Tagliavini enfrentou, como Nemorino, alguns obstáculos importantes. Por outro lado, saiu montado no famoso cavalo de batalha de quase todos os grandes tenores — uma furtiva lágrima — galopando, furiosamente, rumo à estrondosa ovação com que o público, grato, lhe premiou a ginástica vocal.

Essa ária, "o pedacinho mais caprichado" da ópera, é um atestado do método desordenado de composição de Donizetti. Em geral, ele preparava, em poucos dias, as partituras nas quais ia encaixando trechos que anotava, ao sabor da inspiração e engavetava para uso oportuno.

Brockway e Weinstock contam que, ao ser informado de que Rossini compusera Il Barbiere di Siviglia, em 15 dias, Donizetti desdenhou desse suposto "record", observando:

— "Quinze dias? Eu sempre disse que Rossini era um sujeito preguiçoso..."

Nessa improvisação constante, Donizetti foi juntando em suas óperas joia e trigo.

A Tagliavini coube a mais bela porção de trigo do Elisir d'Amore. Isso não significa, todavia, que essa oportunidade especial lhe eliminasse as sérias dificuldades do papel.

O personagem requer do intérprete, suspiros apalixados, impetuosidade, indo desde a melancolia do pretendente à mão esquiva e hesitante de Adina até à boa carraspana, produto da ingestão de duas garrafas do famoso elixir, ou, melhor, o vinho que Dulcamara fazia passar por droga de efeitos surpreendentes.

Tudo isso Tagliavini conseguiu transmitir com propriedade, sem exagero.

mantendo bem viva a vela cômica do libreto.

Era bem difícil encontrar a justa medida nas pequenas tragédias da intriga, interpretadas com sinceridade, porém sem demasiada ênfase — o que seria ridículo — pois, afinal de contas, aquilo é tudo uma farsa e ninguém ignora que vai acabar em dança, cantoria e casamento...

DANSA, CANTORIA E CASAMENTO

Alda Noni, também perfeitamente enquadrada no tom leve da ópera, deu, em sua estréia, uma caracterização cheia de finura, posta em destaque pela graça de seu jogo de cena e a beleza de timbre de sua voz, dúctil, segura no fraseado, suave e delicada.

Talvez somente Enzo Mascherini não tenha compreendido perfeitamente o espírito jocoso e tragi-cômico do libreto e da música. Os infortúnios do sargento Belcore deram, na caracterização de Mascherini, em alguma coisa de semelhante ao tremendo vilão Barnaba, da Gloconda, que esse mesmo barítono encarnou, em récita anterior. Tudo igual. A mesma potência vocal, o mesmo entusiasmo, o mesmo exagero...

Mas, enfim, o público achou muita graça e tudo passou por uma boa brincadeira... Entretanto, o papel deveria ser confiado a um barítono mais afeiçãoado ao gênero ligeiro, menos viciado no método rompe-rasga, de que Mascherini e sua colega, Maria Pedrini, são os expoentes máximos no elenco da atual temporada lírica.

Felizmente, Enzo Mascherini não tem aquela arrogância do famoso Maurel, de que nos dava prova recentemente, Gino Bechi, um "abacaxi" internacional... Maurel, convidado por Leoncavallo a criar o papel de Tonio, o palhaço, na primeira representação de I Pagliacci, Maurel declarou que jamais interpretaria personagem alguma cujo nome não figurasse no título da ópera. Leoncavallo retrucou:

— "Mas, meu caro Maurel, então você não vê que o título alude a você e que esse papel foi feito especialmente para revelar a sua personalidade?"

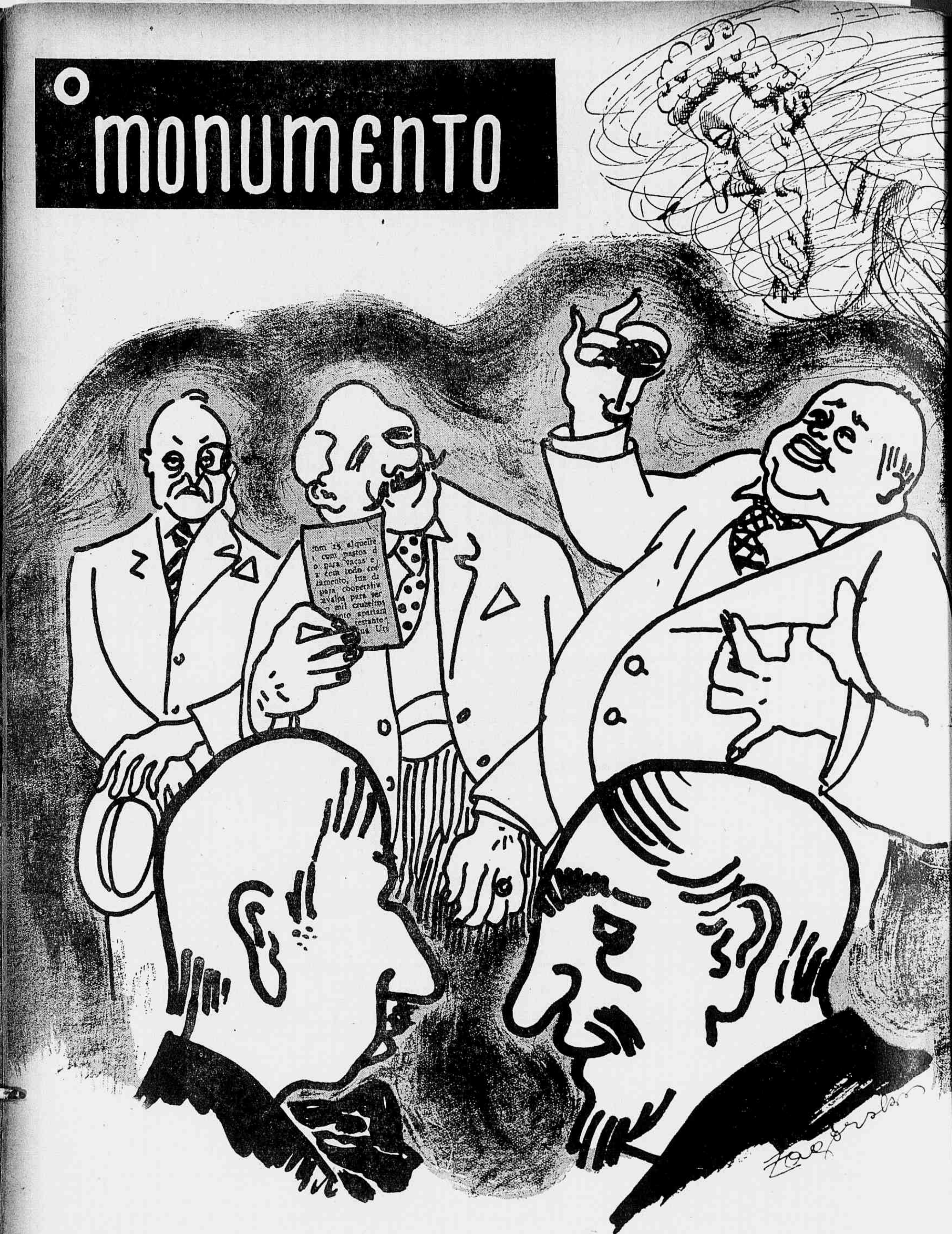
E Maurel, lisongeiado, sem entender, fez, com prazer, papel de "palhaço"... E foi um sucesso...

A esquerda: Salvatore Baccaloni — "Dulcamara, uma grande criação". A direita: Alda Noni — "Graça, Elegância e, / ainda por cima, Voz".





monumento



TRADUZIDO E ADAPTADO POR BANDECCHI BRASIL, ESPECIALMENTE PARA "REVISTA DA SEMANA"



Conto de **RENATO FUCINI**

— A questão, prezado senhor Anibal, é simples, muito simples. Nós, habitantes d'este lugar, se não nos remediarmos, faremos uma triste figura, figura esta de nos envergonharmos todas as vezes que metermos a cabeça fora de casa; e a dizer que somos habitantes desta rica, industriosa e nobre terra.

— Verdade sacrossanta!

— Como! uma cidadezinha de dois mil e quatrocentos habitantes, um pequeno povoado de vagabundos como Taquaral-Mirim, um grupo de mendigos deve ter a sua bela estátua de mármore nos seus concidadãos! e nós, três mil cento e seis almas, nem, sequer, uma colunazinha de pedra para mostrar ao viajante que estaciona por aqui?

— E' uma vergonha.

— Continuaremos a nos envergonhar e temos razão; chamar-nos-ão de bárbaros, e ninguém poderá tirar-lhes esse direito; nos acusarão de ingratos para com os nossos grandes, e não teremos argumentos para silenciá-los; nos dirão o que bem entenderem, caríssimo senhor Anibal, e nós deveremos abaixar a cabeça porque...

— Quanto aos afazeres sociais, essas causas de senhores e poetas, eu, querido Fagundes, não pouparei trabalho. Deixemos falar e boa noite... Penso, porém, numa outra coisa; penso no progresso que poderia trazer à nossa cidade... penso... Mas o que me intriga!... Mas pensa o senhor, dado que se pudesse chegar a erigir numa de nossas praças um monumento grandioso, a vantagem que não teriam os hotéis, os restaurantes, os cafés...

— Oh, e os choferes?

— Justo, também os choferes!

E, inflamados pelo amor da terra natal, os dois conhecidos, depois de se julgarem amigos, no calor da discussão se exaltaram de maneira tal que, em poucos minutos, uniram-se, em tão forte acôrdo, na conclusão de que a cidade teria uma estátua, e que seria equestre.

— Sim senhor, equestre! — exclamou o senhor Anibal fitando, de olhos arregalados, o amigo. Sim senhor, equestre! E que arrebatem de inveja todos os que nos desejam mal!

— Equestre ou nada! Dê no que der.

— No tamanho natural ou maior?

— Maior do natural; maior!

— Duas vezes?

— E' pouco.

— Quatro?

— Estamos de acôrdo.

— Pois bem; toque os ossos

E no fervor do entusiasmo, não tinham dado pela presença do senhor Leopoldo, o qual, seguindo-os a breve distância, e tendo compreendido tudo, ergueu a voz aplaudindo, e declarou solenemente que, se abria uma subscrição, e ele assinaria logo cinco mil reis.

— Muito bem, senhor Leopoldo!

— Obrigado, senhor Leopoldo. E agora não por presunção... mas, se nós três levarmos o negócio a pello, chegaremos ao cabo da obra.

Com homens daquela tẽpera pouco se tinha de brincar.

No dia seguinte, foi organizada, pela manhã, uma comissão de sete pessoas, que à noite estavam reunidas no escritório do guarda-livros Nicodemos, o qual, tendo um filho formado, colocou-o, generosamente, à sua disposição, calculando que, de coisa nasce coisa.

Feita a nomeação dos cargos e aberta a discussão, foi, em primeiro lugar, deliberado por todos, que a estátua seria equestre e possivelmente de bronze; e foi ainda dito que o monumento seria erigido no Largo da Matriz; alguns houve que de boa razão preferiam a Praça D. Pedro II. Foram entoados hinos ao patriotismo, ao progresso da humanidade, às glórias pátrias, e ficou fixada a maneira de angariar a quantia necessária, mandando pelas ruas as listas de subscrição, recebendo assinaturas em todos os lugares: nos bailes, onde se venderiam flores, etc., nos recitais dos amadores filodramáticos "Ernesto Rossi" que iriam dar um espetáculo cujo lucro seria para ajudar a erigir o monumento. Seria brilhantíssima a festa se a senhora Malvina recitasse aquele bellissimo soneto sobre as virtudes de Lucrecia. Ótimo, se o barbeiro enviasse aquelas sessenta e cinco oitavas sobre a romaria do ano passado.

No entanto, seguindo o conselho do Senhor Leopoldo, que depois de ter feito compreender a quatro membros da comissão que equestre quer dizer "a cavalo", todos ofertaram cinco cruzetões.

— Parece-me, disse o presidente esfregando as mãos, que o principal está feito. E, agora, antes de dar por finda a reunião... Diabos!... me parecia ter qualquer coisa a falar-vos, mas agora... com a cabeça um pouco confusa... Ah sim!... Dizia eu... E este monumento a quem será erigido?

O silêncio, que tombou naquele momento, demonstrou que a observação era propicia e digna de atenção; e parados em póse de crepúsculos miqulian-

Ilustração de **ANA ZAGORSKA**

glolescos, ficaram todos, firmes, a pensar.

Passado um quarto de hora, o professor Bezerras, homem de grande saber, de uma rara modéstia, e de conduta exemplar, pediu a palavra.

— Tem a palavra.

— Entre muitas glórias nossas, entre os mais imaculados, entre os mais fulgidos talentos intelectuais da segunda metade do século passado, eu não hesito em pronunciar o nome... o nome do cônego Xavier!

Uma gargalhada tremenda interrompeu a palavra do professor Bezerras, o qual, arregalando os olhos habitualmente carregados, batia os punhos sobre a mesa, pedindo para ser ouvido.

— Mas não; é impossível, professor.

— E' uma loucura professor; um padre a cavalo!

E, pronto, nova gargalhada.

— Que seja abandonada a idéia do cavalo, bradou Bezerras, espichando-se como uma mola; abandonemos a idéia do cavalo! Diante de um nome tão grande como o de Xavier Agostinho, que desapareça qualquer outra idéia... mas o riso, oh senhores, é uma irreverência indigna; é uma profanação sacrilega... é... oh! E eu... eu me vou...

— Não, não, Professor.

— Pedimos-lhe, Professor.

— Ouça-me, senhor Professor.

— Não ouço; não dou ouvidos a ninguém. Risquem o meu nome e os cinco mil réis, que eu me vou.

E se foi mesmo.

Mas, no dia seguinte, a vaga deixada pelo Professor Bezerras foi preenchida com o nome de Celestino Cavaqueijos, o farmacêutico; nome querido pela sua nunca imitada imitação da pasta Gerodel. Queria tecer-lhe o merecido elogio, mas a sua rara modéstia e o sentimento da minha incompetência me obrigam a calar.

Três meses trabalharam, em vão. O Professor Bezerras não quis saber de mais nada; todos os esforços para que ele voltasse foram perdidos.

— Faremos sôzinhos! — disse o presidente.

E convidou a comissão para uma nova reunião, na qual, a todos, e principalmente aos três idealizadores, voltou o fervor no ânimo e a vontade férrea de chegar vitoriosamente ao fim da empresa.

O maestro da orquestra mandou dizer, que aceitava o convite da comissão, desde que pensassem eles na iluminação e em todas as despesas. O diretor da fi-

lodramática "Ernesto Rossi" respondeu por carta que estava de acôrdo, livre, porém, das despesas. Um grupo das mais distintas senhoras tinha manifestado com bonita caligrafia a sua admiração pela nobre idéia, e prometia principiar logo a obra de, com outras damas, organizar uma "quermesse pro monumento". Com grande satisfação a senhora Malvina aceitou o convite sobre o seu bellissimo soneto, que tão bem falava das virtudes de Lucrecia, e o barbeiro já tinha mandado as sessenta e cinco oitavas sobre a peregrinação do ano passado, com o concurso de outras seis intituladas: "Osana! Osana!" opondo-se "A volta".

Todas estas comunicações feitas pelo presidente foram acolhidas com frenéticos aplausos. E a reunião terminou entre fortes apertos de mão, alegrias recíprocas, e votando desprezo bem manifestado ao professor Bezerras e aos vagabundos de Taquaral-Mirim.

Dois meses depois a idéia da estátua equestre desfez-se como fumaça. Andando pela cidade se teria reconhecido, ainda sem conhecê-los, os membros da comissão. Tanto era o desconsolo que, no rosto, mostravam.

Um escultor, amigo do presidente, tinha escrito que, dando, ele, quase gratuita a sua obra, o monumento, tudo bem calculado, custaria de cinquenta a sessenta contos de réis.

— Favas! disse o Fagundes, tirando a carteira do bolso do paletó.

— Caramba! exclamou o senhor Anibal, espantando um percevejo, quando o Malaquias foi dizer-lhe, no jardim, depois do jantar.

— Tenho gôsto! — resmungou o professor Bezerras, pensando que, suprimido o cavalo, se abria um caminho para o seu cônego Xavier.

A cidade, em geral, não gostou muito da coisa.

As senhoras estavam inconsoláveis, principalmente aquelas que já haviam dado à modista os modelos dos vestidos com os quais iriam recolher as contribuições.

— E então, meus senhores, que se faz? Parece-me que qualquer iniciativa será inútil.

— De fato é muito!

— E' necessário abaixarmos a cabeça diante da invencível dificuldade? e renunciar, corajosamente, à idéia do cavalo.

Isto diz, numa noite, o presidente aos membros da comissão, que, macambúzios, o ouviam. E a reunião terminou melancolicamente silenciosa. A população, pouco a pouco, estava toda interessada pela grave questão, e em cada venda, em todo o lugar de reunião noturna, discutia-se, onde mais, onde menos, segundo o ambiente, áspero e tumultuoso.

Os socialistas calavam-se ameaçadoramente; os anarquistas preparavam pedras para lançar na estátua logo que esta fosse colocada na praça pública; os clericais, espalhavam discórdias em todas as partes, depois de ter sido posta em ridículo a idéia de um padre a cavalo.

Os choferes, os donos dos cafés, das estalagens, resmungavam porque se lhes tinham esvaído as mais fagueiras esperanças de um monumento atordoador, prestes a atrair os turistas para a cidade, em turmas como de abelhas; as pessoas civilmente equilibradas... essas nada diziam porque não existia uma sequer.

Isto é!... Não, não é verdade. Dizendo que não havia nem uma, errei. Havia três. Mas todas três se reservaram escrupulosamente de tornar patente o seu pensar, pelo modo de verem diminuir os fregueses de seus negócios.

O mesmo escultor tinha escrito ao presidente que, só pela estátua, em pé, de tamanho natural, seriam necessários uns vinte e cinco contos.

— Muito! sempre muito! observou o presidente aos membros da comissão, que o ouviam, com o rabo entre as pernas; sempre muito; depois da deserção de quem havia, com tanto ardor, prometido o seu apóio... Quem o sabe! O escultor, isto vos asseguro eu porque

(Cont. na pág. 57)



CLÁSSICOS DA MÚSICA POPULAR

RECEBEMOS carta de um dos nossos leitores pedindo-nos para que enumerássemos algumas melodias nossas que pudessem ser consideradas como os números "clássicos" da nossa música popular. Como exemplo citou "Star Dust", "White Christmas", "Oh, Suzanna", "Night And Day", "St. Louis Blues", "Alexander's Ragtime Band", "Mammy" e várias outras canções que o tempo já mais conseguiu arrancar dos corações norte-americanos. São canções que adquirem, sempre, um tom de novidade todas as vezes que tornamos a ouvi-las. E daí aquela classificação. Confessamos a nossa dificuldade em atender esse pedido porque, antes de mais nada, é preciso levar na devida consideração uma série infinita de fatores que nos colocam, também, em situação de inferioridade no terreno da música popular em relação ao ambiente norte-americano. Como se sabe, ali, o que predomina são os ritmos do próprio país, vastamente propagados pelos mais modernos processos de divulgação: o rádio, o cinema, o disco, e, agora, a televisão. Andamos, até hoje, de calças curtas e, por isso mesmo, a época ainda é de traquinadas. Preferimos o "fox" por ter gosto de "chicklet". Poucas têm sido as nossas melodias que conseguiram resistir ao indiferentismo que infelizmente ainda se vota a tudo o que é nosso. "Carinhoso", "Tico Tico no Fubá", "Aquarela do Brasil", "Na Baixa do Sapateiro", "Despertar da Montanha", "Apanhei-te, Cavaquinho", "Canta Brasil", "Al, Iôô", "Terra Sêca", "O que é que a balana tem?" podem merecer as honras de "clássicos" da nossa música popular. A lista, sem dúvida, está incompleta, mas no dia em que o rádio, o cinema e o disco, no Brasil, se tornarem mais brasileiros ela, evidentemente, crescerá e... diminuirá a vergonha que, hoje, nos obriga a apresentá-la tão minguada.

F. CORREA DA SILVA

RED SILK STOCKING AND GREEN PERFUME

*Fox de Dick Sanford, Sammy Maysals
e Bob Hilliard.*

With her red silk stockings and her
green perfume,
She blew into this man'd town; with
the silver boom.
Never was any trouble but she
started some soon —
With her red silk stockings and her
green perfume.
Oh, the town was growin'
And the money was flowin',
And the boys were throwin' it around
For the red silk stockings and the
green perfume.

She arrived on a stagecoach at the
miner's saloon,
What I thought was an angel was a
witch on a broom.
We'd be all in the jail house but there
ain't enough room —
For the red silk stockings and the
green perfume.
Oh, the town was growin',
And the money was flowin',
And the boys were throwin' it around
For the red silk stockings and the
green perfume.

AIN'TCHA EVER COMIN' BACK

*Fox de Irving Taylor, Axel Stordahl
e Paul Weston*

Ain'tcha ever comin' back ain'tcha
C'n'tha see the difference it makes
I'm half my self without your kisses
One more night of doin' without 'em
will drive me crazy
Won'tcha make me smile again
won'tcha
Just a word is all it takes
Your hello will let me know
That we're the same as we used to be
Oh ain'tcha ever comin' back to me.

VELARE' TU SUENO

*Cancion — Fox de Ricardo Lopez
Mendez e Gabriel Ruiz*

Velaré tu sueno con mi pensamiento
Contraré las horas del amor sin la es

Estaré contigo sin que tu me sientas
Y al morir la noche en la que me pena
Cuando llegue el día tu verás en
mis ojos
Que lloré la angustia del amor que
espera.

RONDA DE ASES

Tango de H. Manzi e Osvaldo Fresedo.

Ronda de ases que no habrán de
morir
En mi ciudad... Mientras se cueje
un violín...
Tinglado de barrio, firol de arrabal,
Apk uso de equin, telón de lincén.
Los tangos de Pacho, de Grecco y
Bazán
El fueye de Arolas sangrando un
querer
La voz de G. bino payando en un
bals
y el eco compadre de Carlos Gardel.

II

Ronda de ases que se fueron
Y que siempre volverán
Con el viento del recuerdo
Que sacude mi arrabal.
Voces viejas que renacen
En la paz del corrén
Y en la sombra de la higuera
Y en el guyo del zanjón.

I (BIS)

Ronda de ases que no habrán de
morir
En mi ciudad... mientras se cueje
un violín...
Llegó de Chick na la jila celur
Y a quella, Grietta, llegó de Paris.
Cruzaron el tango, bichitos de luz
Frascos de seda, murecis de spleen
Conturiles dijo Miry e y F. ler.
González Castillo, Manón y Mimi.

II (BIS)

Ronda de ases que se fueron
Y que siempre volverán
Con el viento del recuerdo
Que sacude mi arrabal.
Voces viejas que renacen
En la paz del corrén
Y en la sombra de la higuera
Y en el guyo del zanjón.



Depois de estadia de um mês, regressou da Inglaterra, o Sr. T. J. O'Shea, vice-presidente da J. C. Eno (Brazil) Ltd. e Scott & Bowne, Inc. of Brazil. Na matriz das Companhias que dirige no Brasil, realizou-se uma conferência internacional, onde foram tratados assuntos de interesse da grande organização, atinentes ao desenvolvimento dos seus negócios.

Ao Aeroporto compareceu grande número de pessoas que lhe foram dar as boas vindas, não só dirigentes das empresas como pessoas da família do Ilustre industrial, sendo do desembarque o aspecto acima estampado.

Rua Chile

(Cont. da pág. 40)

casas comerciais, esperando as garotas. E têm de matar o tempo em conversas.

— Você conhece a anedota do português, pergunta um do grupo.

E o outro, com interesse:

— Qual delas?

A do português e o côco da Bahia. E lá vai bobagem, como diz aquela antiga marchinha. E assim os rapazes passam o tempo, até que elas surgem. Então deixam tudo de lado e as atenções se convergem para as meninas.

— Aquela de vermelho me deu uma "bola" ontem e o Juquinha me disse que ela mora perto do Farol.

— Pois se tivesse dinheiro hoje, para a matineé, teria "encostado", com a de blusa "Gilda".

A PINTA DO ADEMIR

Porém, amigos, aquele rapaz que está ali, na esquina da Casa Alberto, é um tipo diferente. Para ele não interessam as meninas, nem a política. Ele é francamente do futebol. Vai à rua Chile para ver a pinta dos jogadores, como eles se vestem, qual o que calça mais "chic" e o que tem o palitô melhor recortado. Quando o Fluminense do Rio esteve aqui, na Bahia, com o título de super-campeão (por sinal foi derrotado pelos nossos times), os jogadores do tricolor, como era natural, foram às 5 horas para a rua Chile. E lá estava o rapaz, queria descobrir quem tinha mais pinta no clube. E, em dado momento, nervoso e vitorioso, o rapaz disse:

— E' o Ademir. E' o Ademir!

MÚSICA POR CR\$ 3,00

Além das melhores casas comerciais, como já disse, na rua Chile, estão situadas também os melhores hotéis, as melhores livrarias e também as mais "chics" confeitarias, que são duas: A Balana e a Chile.

A primeira tem um aspecto mais al-

sudo e de menos movimento. A segunda, no entanto, como vocês já devem ter notado, faz parte integrante do grande movimento da rua. Ela vive em função das "garotas", dos estudantes, enfim, do pessoal do "footing".

Ah, qualquer um de vocês terá conforto, música e amor por Cr\$ 3,00. E' um velho sistema dos estudantes e das garotas que convem ser comentado.

A turma entra, senta, chama o "garçon" e já se sabe:

— Como é, topa um maltado?

— Não, tomo um "Espumone".

E então lhe é servido uma tija de sorvete que é quase um almoço. Enquanto devora aquilo, o rapaz ou a garota, vai ouvindo música, boa música, aliás, de uma orquestra que diariamente alegra o pessoal da rua Chile. Com música e sorvete, rapazes e moças trocam palavras, "fletam" e às vezes nascem romances.

O movimento na confeitaria é enorme, sendo disputada uma cadeira nos "footings" das sextas-feiras. Também não é para menos: amar, ter conforto, ouvir boa música, por tão pouco, por apenas Cr\$ 3,00...

A POLITICA FAZ PONTO AQUI

A rua Chile é o ponto principal da política balana. Ali, todos discutem política, falam da situação do país e sobre a política internacional. São economistas, falam da inflação, do movimento da Bolsa de Londres, dos problemas nacionais e cada um pensa de um modo diverso. Cada um, no entanto, respeita as idéias dos outros. Como não podia deixar de ser, é dali que partem os mais notáveis boatos políticos que logo tomam conta da cidade. Formam-se grupos mais ou menos constantes e há sessões acaloradas. Se você chegar na rua Chile, com uma notícia ou um boato político, terá de transmiti-lo a muita gente e ficará surpreso de vê-lo minutos depois percorrendo as ruas da Baixa do Sapateiro. Conheço um médico, meu amigo, que é doido por uma notícia e gosta sempre de dar e receber

Contra dores

ASPIRINA



O remédio da confiança

as últimas. Não dispensa um jornal do Rio do mesmo dia. Quando apareço na rua Chile, é infalível sua pergunta:

— Recebeu jornal do Rio? Chegou alguma notícia nova no jornal?

A rua Chile demite e nomeia interventores mais do que o próprio Getúlio. Quando a política muda um pouco de cor, chega um "político" e afobado diz:

— Fulano de tal foi demitido e em seu lugar vem Sierano. Eu li até o telegrama dando sua demissão. Dizem que ele roubou centenas de contos. Também eu não sei. Mas sua mulher comprou tudo o que havia de melhor na Bahia. Sierano, seu substituto, já escolheu até o secretariado e mostrou a lista a um meu amigo que foi visitá-lo. Para a Secretaria da Fazenda vai Beltrano, para a Segurança Pública "seu" Abóbora...

Está lançado o boato. Minutos depois, o suposto substituto do interventor receberá telegramas de felicitações, pedidos de emprego, prometerá muita coisa, à noite irá ouvir a Hora do Brasil, que dará seu decreto de nomeação. Mas, só depois verá que tudo foi ilusão, que foi um boato... surgido na rua Chile...

Na, até, uma "bola" muito boa surgida nas "rodas" políticas da famosa rua. Depois das eleições de 2 de Dezembro, quando foi para o governo da Bahia o dr. Guilherme Marback, que meses depois pediu demissão do cargo, entrando um seu secretário para substituí-lo, as "rodas" tiveram um impulso extraordinário. Todos os dias os "políticos" nomeavam um novo interventor, até que um dos membros de uma "roda" perguntou aos demais:

— Quem está de plantão hoje, na Interventoria?

Foi a conta. A "bola" pegou e até na Câmara dos Deputados foi repetida da tribuna.

Justamente por causa destas coisas, é a rua Chile preferida pelos candidatos em vésperas de eleições. Nas eleições de 19 de Janeiro, suas paredes ficaram completamente lotadas de propaganda. Em algumas casas e prédios, as placas dos médicos, dentistas, foram cobertas pelos cartazes. Mas a rua Chile teve o seu candidato, ou melhor, um dos candidatos a deputado estadual, que pensou ser eleito com os votos do pessoal da rua em que ele é "habitué". Trata-se de um estudante. O rapaz foi candidato e imediatamente toda a rua se encheu de cartazes com sua cara, de todo o jeito. Nuns cartazes ele aparecia falando, noutros seu nome aparecia em letras garrafais. Um carro com dois possantes alto-falantes percorria a rua durante toda a tarde, gritando o seu nome. O rapaz era visto diariamente, em frente à Confeitaria Chile, no Palace Hotel, em todos os pontos da rua, distribuindo chapas, acompanhadas de longos abraços. Conversou com o pessoal do "flu-flu", esteve com os "noviços" e todos, lhe prometeram votos. Dizem meus amigos — e isto é verdade — que o rapaz gastou cerca de Cr\$ 150.000,00 na propaganda eleitoral. Ele é filho de um milionário, fazendeiro de cacau.

Pobre rapaz, embora "habitué" da rua, não compreendeu os seus eleitores e a ingratidão da rua. Enfim, serviu-lhe como experiência. Como dura experiência...

O INTRODUTOR DIPLOMÁTICO DA RUA CHILE

Dois rápidos e oleaginosos sorrisos aparecem sempre nos lábios de Agnaldo Fonseca, o introdutor diplomático da rua Chile. Estes sorrisos são armas profissionais, boas e comodas, de onde retira o sustento diário desta vida. As más línguas dizem que o Agnaldo é preguiçoso, explorador e coisa-e-tal. Não passa de conversa. Ele é da vida... Quando chega um figurão no Palace Hotel, Agnaldo escorega com sua comoda gordurinha, leve e mesureiro, apresenta-se e em poucas horas é o único, o maior e o mais íntimo amigo do tal hospede. Mas assim cumpre o seu destino de amoroso das coisas e vida da rua Chile.

Suas amizades pelos figurões é mesmo porque estes precisam de alguém fino

para lhes mostrar a rua Chile, falar das morenas, do "valor" de suas "curvas"... Obrigações, favores. E este negócio de preguiça? Nada. o Agnaldo é quem traz alegria para a Bahia, ó senhores. Pode ser isto um trabalho de boa vida. Mas tem seus ossos, como todo ofício. Por exemplo, ter de comprar flores, muitas e cheirosas flores, somente para secar as pobres lágrimas de saudade de certos tanguistas, de olhos de cabra e peito fundo.

Cambridge Centro de...

(Cont. da pág. 28)

tra firma, primitivamente interessada em fabricar instrumentos de laboratório, expandiu-se também enormemente, sendo agora conhecida como Pye Radio Company, fabricante de receptores de rádio, muito populares na Inglaterra.

Em todo o caso, essas indústrias realizam trabalhos para a Universidade, de modo que não existe em Cambridge nenhum atrito entre a indústria e os ideais universitários, o que está prejudicando outras cidades universitárias.

Evidentemente, os efeitos da guerra se refletem na vida universitária. A universidade está abarrotada, com 5.700 estudantes, 90 por cento dos quais serviram durante a guerra nos campos de batalha da França, Alemanha, Birmânia ou no deserto africano. Estão ansiosos para recuperar o tempo perdido. O governo britânico examina o caso de cada desmobilizado e o auxilia financeiramente, se é necessário. Mas a maior doação a cada um é de apenas 236 esterlinos anuais, o suficiente para as necessidades mínimas.

Muitos políticos famosos estudaram em Cambridge, e a Universidade de hoje é um dos viveiros de futuros estadistas. Mas apenas a quarta parte dos estudantes têm idéias políticas, e estão equitativamente divididos em suas opiniões. Todos, porém, têm uma finalidade comum, partilhada também pelas 365 mulheres estudantes de Cambridge — aproveitar ao máximo suas oportunidades. Um novo mundo está sendo formado e estão resolvidos a influir o máximo possível nele.

Os últimos dias do imperio

(Cont. da pág. 27)

to. Quando quiserem derrubá-la com tem comigo.

E para os civis e militares que lhe sorriam as palavras:

— Já vêem os senhores, que um homem, que pensa assim que fala assim, estará conosco ao primeiro chamado.

Já passava de meia noite. O dono da casa, enfermo, necessitava de repouso.

As visitas despediram-se. Faltavam apenas quatro dias para a manhã de 15 de Novembro e só naquela noite os homens assentaram proclamar a República. Só a 11 de Novembro a revolução republicana, na verdade, se corporificou.

O Monumento

(Cont. da pág. 55)

nos tratamos por tu, o escultor é um homem às direitas. Mas eu me informarei melhor, saberei de algum outro; e, segundo me parece, com a guerra na África, deve ter havido um aumento no mármore.

A banda cívica entrou na iminência de se dissolver, e, como os vermes, que quando pisados ficam dois, já no seu seio soltou-se uma fanfara de disidentes, todos músicos de instrumento de latão. Os filodramáticos "Ernesto Rossi" se dispersaram depois que o seu presidente tomou a defesa dos de Taquaral-Mirim, quando surraram quatro, naquela noite, que se arriscaram passar pela cidade, de carroça.

As senhoras declararam que a estar no meio daquela barafunda preferiam retirar-se e declararam que, se alguém queria a quermesse que a fizesse.

Quando a comissão percebeu que devia pedir à Câmara um auxílio para eri-

JOALHERIA SALGADO

JÓIAS E RELÓGIOS
OFICINA PRÓPRIA PARA
CONSERTOS DE JÓIAS E RELÓGIOS

Manoel Salgado Joalheiro

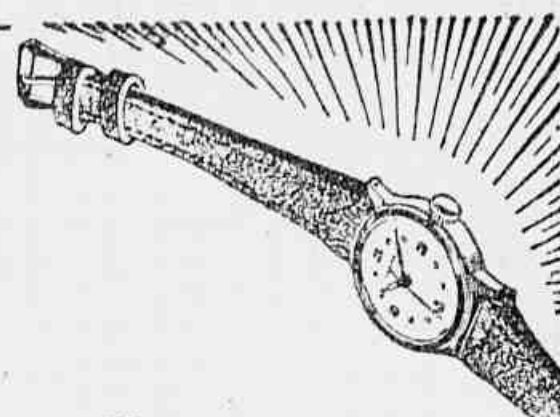
EXECUTAM-SE OBRAS DE OURI

VESARIA COM PERFEIÇÃO

Rua Alvaro Alvim, 33/37

(Cinelandia)

Edifício Rex



Independência do Brasil



17 anos antes

do memorável Grito do Ipiranga, a firma Seager's, da Inglaterra, já havia sido fundada e já fabricava o famoso Seagers Gin, mundialmente conhecido e apreciado pela sua alta qualidade e delicioso sabor. A congênere brasileira continua a fabricar sob a responsabilidade de sua Matriz, o Seagers Gin e é por isso que aqui se tem o mesmo incomparável produto que se bebe na Inglaterra.

Desde 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE

**SEAGERS
GIN**

(DIGA-SIGA)



COMO APRENDER A DANÇAR

(2ª edição ampliada)

Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, com 84 gráficos e 220 passos. Senhoritas e cavalheiros poderão aprender a dançar em 10 dias apenas e em suas próprias casas, no princípio sem companheiro ou companheira, com o moderno método do prof. Gino Fornaciari, professor do Clube Militar da Força Policial do Estado de São Paulo. Preço: Cr\$ 35,00

A venda em todas as livrarias e casas de músicas do Brasil
Pedidos pelo reembolso com o autor

RUA DA LIBERDADE N.º 44 — SÃO PAULO

gir o monumento em memória — de... de... (isto seria pensado depois), o prefeito respondeu que de boa vontade o faria, mas se a coisa fosse definitivamente resolvida. O deputado e o vereador tratando de não perderem os votos no caso de novas eleições, prometeram o seu caloroso apoio, elogiando a patriótica iniciativa, digna verdadeiramente do nobre lugar, que altamente se orgulhavam de representar.

Mas, não obstante a boa vontade mos-

trada por todos, as coisas não iam bem. O presidente foi obrigado a demitir-se por causa de graves acontecimentos, que

MME. ZULEIDA GUERRA PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 238 - Fone: 24-0430



Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Cary Grant, filho de alfaiate...

(Cont. da pág. 17)

Unidos tomou parte em outras comédias musicais, dentre as quais "Polly", com Fred Allen e Lady Inverclyde; "Boom Boom", com Jeanette MacDonald; "Street Singer", com Queenie Smith, e "Nikki", com Fay Wray e Douglas Montgomery.

Cary, nos primeiros anos de vida na América, trabalhou muito. No verão de 1931, apareceu em 12 operetas levadas pela companhia St. Louis Repertoire.

Após o último espetáculo da peça "Nikki", tomou um automóvel e foi visitar os amigos em Hollywood. Na capital do cinema encontrou-se com um diretor com quem trabalhara em Nova York, e que estava ali preparando a esposa para um teste. O diretor julgou conveniente que Cary aparecesse com a esposa nesse teste, pois ela assim não se sentiria tão acanhada ou perturbada, como se fosse com um estranho. O teste da esposa não foi satisfatório. Entretanto viram no rapaz que a acompanhava grandes possibilidades. Duas semanas depois Cary firmava um contrato com a Paramount. Cary apareceu pela primeira vez na tela em 1932, no filme "This is the Night". Hollywood sentindo que um novo astro aparecia procurou batizá-lo.

Depois de muita discussão ficou decidido que "Grant" devia fazer parte do nome. O primeiro nome "Cary", escolhido pelo próprio ator, foi tirado do nome de um personagem que ele interpretara antes no teatro. Eis como Archie Leach passou a chamar-se Cary Grant, nome com o qual adquiriu a cidadania americana.

Seu primeiro papel realmente importante foi ao lado de Irene Dunne em "Cupido é Moleque Teimoso", rodado em 1937, filme com que o seu diretor Leo McCarey ganhou o prêmio da Academia.

Em junho de 1942, após a entrada dos Estados Unidos no conflito mundial, Cary Grant adquiriu a cidadania americana. Em julho do mesmo ano casou-se com Barbara Hutton Haugwitz Reventlow, numa cerimônia muito simples, na casa de seu amigo Frank Vincent. Este foi o seu segundo matrimônio, sendo o primeiro com Virginia Cherrill, em 1934, de quem se divorciou em 1936. Já está também divorciado de Barbara.

Todos os apreciadores da sétima arte decerto já observaram que Cary Grant prefere as comédias ligeiras, sendo considerado um mestre no gênero. Entretanto as suas qualidades de artista também se manifestam nos dramas de caráter psicológico, tal como o observado na caracterização que fez de Johnny Aysgarth no filme

"Suspeita". Seus esportes favoritos são tênis e natação, que pratica todos os dias que passa na sua casa situada na praia de Santa Monica. Veste-se bem, embora sem extravagância.

Há pouco, ele apareceu com Myrna Loy e Shirley Temple, em "O Solteiro Cobiçado" (The Bachelor and the Bobby soxer). Breve, ele fará "Mr. Blandings Builds His Dream House", com a primeira dessas atrizes. Depois... Bem, não sei se estou sendo muito indiscreto, mas Cary Grant me disse que está cansado de filmar em Hollywood e que quer mudar de ambiente. Acha que o cinema inglês está sendo audacioso e tentando temas novos. Por isso, firmou um contrato com Sir Alexander Korda, para filmar duas películas em Londres, esperando ser dirigido em uma delas por Carol Reed, o homem que dirigiu James Mason em "Condenado" (Odd Man Out).

Mais de mil cruzeiros por um minuto de canto!

(Cont. da pág. 10)

MAIS DE MIL CRUZEIROS POR MINUTO DE CANTO

Quem afirma que o silêncio é de ouro não se lembra por certo dos cantores líricos famosos. No caso de Gigli, por exemplo, cada vez que em palco ele abre a boca para cantar, transforma as notas sonoras em notas do Banco do Brasil, à razão de mil e cem cruzeiros por minuto de canto. Exemplifiquemos. Com exceção das óperas de Wagner, o tenor aparece em cena nas demais óperas em uma média de cinquenta por cento do total das cenas. Durando a representação de quatro horas, incluindo-se os intervalos, Gigli se apresentou apenas durante duas horas no palco, em cenas diversas. Em "Aída" aconteceu exatamente o que estamos descrevendo. Dentro dessas duas horas de apresentação, se contarmos os minutos nos quais o tenor está realmente cantando, acharemos 50, no máximo, 60 minutos. Na atual temporada, Gigli recebeu, por cada uma de suas récitas, aproximadamente setenta contos. Setenta contos por ópera e, em cada uma, sessenta minutos de canto, dá em média mais de mil e cem cruzeiros por minuto. É claro que para fazer valer tanto a sua voz ele tem como lastro dezenas de anos de estudos. Por outro lado, dentro do nosso pequeno mundo artístico, o custo das récitas de Gigli é excepcional. Ganha ele mais nas duas noites do que o diretor do nosso Teatro Municipal em todo um ano! E mesmo acumulando Burle Marx o mérito artístico de regente e compositor, com as suas funções administrativas. Representante da cultura do povo italiano, como Gigli faz questão de frisar, ele é, sem dúvida, o embaixador mais bem pago do mundo e, paradoxalmente, não custa um centavo ao Tesouro de seu país.

Branco fechado, n. 34, salto 2

(Cont. da página 33)

por preços de arromba! Entrem na Casa Barateira e comprem seus calçados pelos preços abaixo do custo!

— Já entramos nessa? — perguntel a Mercedes.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras; elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — O n.º 1 ou o n.º 2. O n.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O n.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar todas as moléstias da mulher ao mesmo tempo; não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

— Acho que não.

— Façamos a última tentativa.

Entramos. E o primeiro par de sapatos que um calceiro todo afobado nos mostrou era exatamente o que Leonor exigia. Elegante em suas linhas, simpático em seu formato e branco, fechado, precisamente 34, matematicamente salto 2.

— Temos muitos como este — disse o calceiro.

Mercedes me olhava. Eu a olhava. Um enorme suspiro nos esvaziou o peito. Um largo sorriso nos ligou. Sentimo-nos vacilar ante tamanho milagre. Sentamo-nos, maravilhados, pasmados, com uma expressão tão brilhante de contentamento, de felicidade, que o calceiro nos fitou com estranheza.

— A senhorita quer o sapato? gaguejou ele.

Mercedes disse sim com a cabeça. Nem perguntou o preço. Qualquer que fosse ela o pagaria sem regatear. E realmente foi barato:

— Cento e trinta e cinco cruzeiros. Quer que o grande levar?

— Não, obrigada. Nós teremos todo o prazer em conduzi-lo.

Salmos e atrás de nós a porta se cerrou. Eram seis horas. A Ave Maria de Gounod reboava pelas bóas de todos os rádios, de todos os alto-falantes num crecendo ensurdecedor. E novas levadas de empregadinhos de salário-mínimo se despejavam na rua entupida, exaustos, suados, mas sempre tagarelas. Achamos um carro-de-aluguel e o tomamos. Nossa raiva, nosso cansaço, haviam desaparecido. O bom-sucesso, quando nos julgávamos derrotados, nos retemperara. Corríamos como se tivéssemos saído vencedores numa batalha encarniçada. Chegamos. Carregávamos a caixa de sapatos como a um troféu raríssimo. Entramos pela porta a dentro entoando hinos de glória. E em chegando ao quarto de Leonor, onde estavam também sua mãe e seu marido, eu curvei um joelho em terra, depositando aos seus pés o ambicionado tesouro:

— Ei-lo, madame. O vosso rico filho não perecerá.

Rapidamente Mercedes abriu a caixa e o exibiu.

— Oh! — exclamou Leonor.

Este Oh! não era de louvação, nem admiração, nem gratidão.

— Oh! — repetiu. Uma expressão de embaraço sombreava seu rosto. Oh! disse pela terceira vez. Ele é bonito, gostei muito dele, mas...

— Mas... — fui levantando a cabeça, tenso.

— Zézito, agradeço muito a sua boa-vontade e a sua persistência, Mercedes, mas... estou muito sentida, creiam-me... lamento que isto tenha acontecido, mas mudel de opinião. Estava agora mesmo dizendo ao meu amorzinho e a mamãe que tinha resolvido ficar com aquele primeiro par que vocês trouxeram, aquele marrom e branco, com a fivelinha dourada. Vocês amanhã irão fazer a troca, não é? Vocês me farão mais este insignificante favorzinho?

surgiram no seio da comissão entre a Misericórdia e a Assistência Pública... uma questãozinha... de que não vale a pena falar.

Foi substituído por outro: o veterinário Teobaldo, uma espécie de homem de palha, como o criam os Fagundes e os Malaquias; mas o valente Teobaldo tinha as suas idéias e as sustentava. Aceitou, mas sob a condição de que fosse abandonada a idéia da estátua e se fizesse um busto, porque ele passar por palhaço não era negócio, e, quando iniciava uma obra queria chegar ao fim.

Sob um pulso de ferro como o do novo presidente, parecia, depois de algumas sessões, que as coisas passavam para uma fase melhor; porém, todos os novos projetos se desfizeram, quando um novo escultor escreveu, que um busto de mármore branco sobre uma pequena coluna de mármore escuro, custaria cerca de dois contos de réis.

— Que escultores ladrões! bradou o então presidente, atirando, num ímpeto de cólera, a carta sobre a mesa.

— Quanto aquilo que se chama "uma lembrança qualquer de mármore" e mais

adiante escrevia o escultor: "espero uma resposta. Se se tratasse de um medalhão posso fazer, segundo as dimensões, por quinhentos ou por mil cruzeiros. Tratando-se de outra coisa avise-me, e eu serei feliz em me colocar à vossa inteira disposição".

— Que faremos, meus senhores? perguntou o presidente ao desconsolado auditório.

Em poucos momentos foi concluído tudo, finalmente, de maneira definitiva. O homenageado que devia ser glorificado com o monumento tinha sido encontra-

do. O busto seria erigido ao avô do Teobaldo, aquele grande benfeitor, que sessenta anos atrás fundara a indústria de ladrilhos de asfalto para os terraços descobertos. Na votação três votos pró e três contra, o que causou indecível orgulho ao neto do grande industrial. Na segunda votação a mesma coisa; na terceira: idem.

(Cont. no próximo número)



SALA DE JANTAR

O modelo que acima estampamos deverá ser confeccionado em madeira imbuia encerada, cor natural. As cadeiras têm o forro e couro verde. Paredes de cor branca com lambris e vitrais também em Imbuia. Forração com passadeira de lã bege, tapete também de lã em cor verde, e completando a decoração, cortinas em voilê de seda creme.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

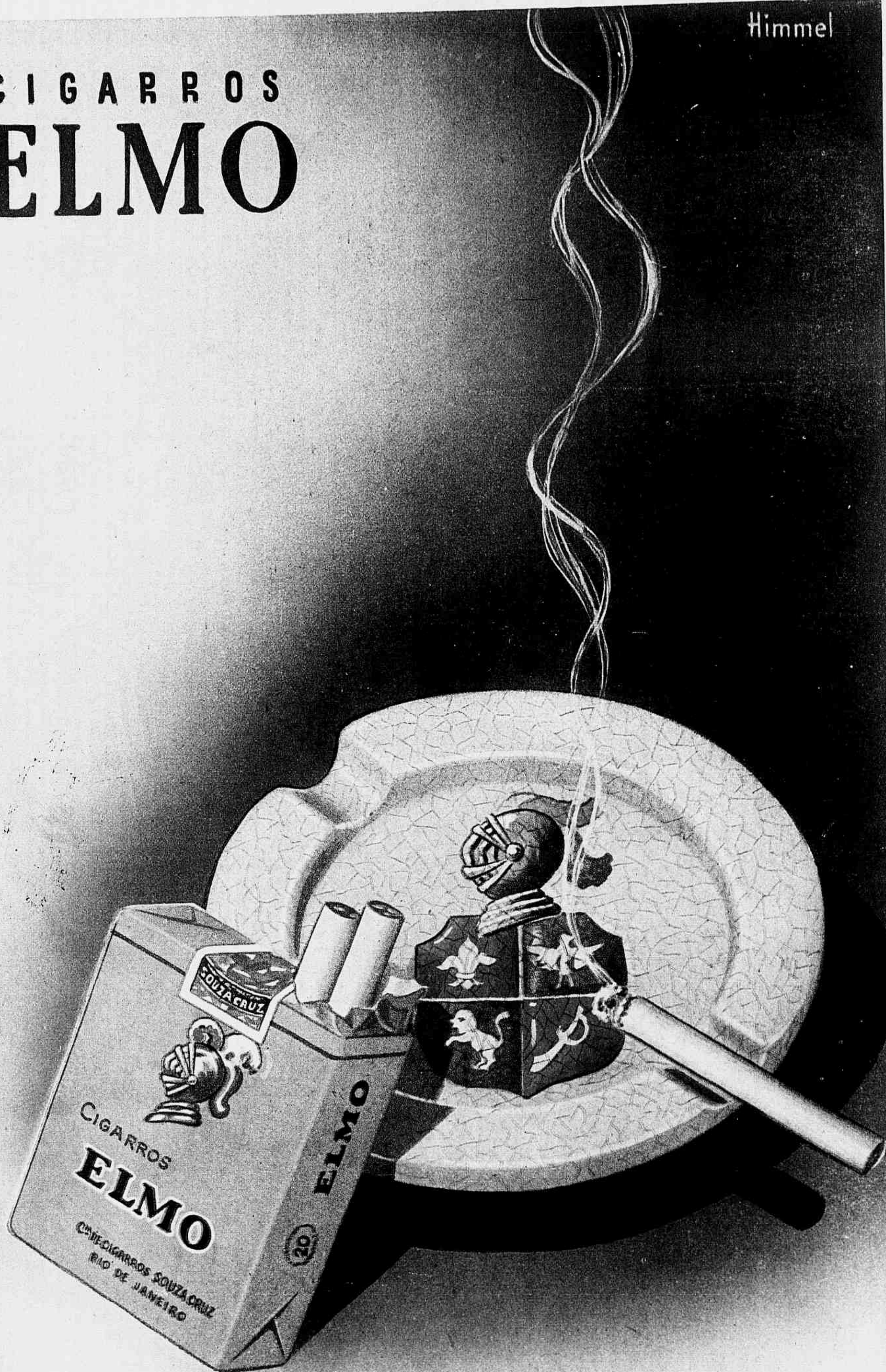
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Himmel

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*